



DOCUMENTOS 4

Projeto Atlas Linguístico do Brasil



GIA
na, et al
s 4

ORGANIZADORAS
Suzana Alice Marcelino Cardoso
Jacyra Andrade Mota
Marcela Moura Torres Paim
Silvana Soares Costa Ribeiro

VENTO
LESTE

No momento em que se tem concluída a constituição do *corpus*, com a documentação de 1.100 informantes distribuídos pelas 250 localidades que compõem a rede de pontos, e se avizinha a publicação dos primeiros volumes do Atlas Linguístico do Brasil, mostrou-se oportuno retomar o Projeto inicial que o gerou e o tem orientado, publicando-o na série Documentos, sob o número 4. Trata-se de texto fundamental para o desenvolvimento do Projeto ALiB, pois nele se inscrevem as bases do trabalho a ser desenvolvido e as etapas a serem realizadas. Circulando, até então, em versão digitalizada e para responder a solicitações diversas de pesquisadores da área e de outras afins, a publicação, que ora se faz, atende a esse tipo de reivindicação além de, o que tem caráter prioritário, dar a perenidade a esse documento histórico no desenvolvimento do projeto voltado para construção do atlas linguístico do Brasil no tocante à língua portuguesa.

DOCUMENTOS 4

Projeto Atlas Linguístico do Brasil

ALiB - Projeto Atlas Linguístico do Brasil

Instituto de Letras - UFBA
Rua Barão de Jeremoabo, 147 - Ondina
40170-115-Salvador-Bahia-Brasil
Tel. (71) 3283-6236/Fax: (71) 3283-6208
alib@ufba.br / alib.ufiba@gmail.com
www.alib.ufba.br



Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras

Reitor
Dora Leal Rosa

Vice-Reitor
Luiz Rogério Bastos Leal

Diretora do Instituto de Letras
Risonete Batista de Souza

Comitê do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB

Diretora-Presidente
Suzana Alice Marcelino Cardoso

Diretora Executiva
Jacyra Andrade Mota

Diretores Científicos
Abdelhak Razky
Aparecida Negri Isquerdo
Cléo Wilson Altenhofen
Felício Wessling Margotti
Maria do Socorro Silva de Aragão
Vanderci de Andrade Aguilera

Publicado com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do
Estado da Bahia (FAPESB)

Suzana Alice Marcelino Cardoso
Jacyra Andrade Mota
Marcela Moura Torres Paim
Silvana Soares Costa Ribeiro
(Orgs.)

DOCUMENTOS 4

Projeto Atlas Linguístico do Brasil

Salvador/BA
2013

Projeto Gráfico
Vento Leste Editora e Gráfica

Imagem da Capa
Silvana Ribeiro

Editoração Eletrônica
Cátia Lima

Revisão
Suzana Alice Marcelino Cardoso
Jacyra Andrade Mota
Marcela Moura Torres Paim
Silvana Soares Costa Ribeiro

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| Apresentação | 07 |
| Projeto Atlas Linguístico do Brasil – versão 1999 | 09 |
| Instrumentos metodológicos | 55 |
| Ficha da localidade | 57 |
| Ficha do informante | 58 |
| Questionários | 61 |
| Quadro de Controle de aplicação do questionário | 122 |
| Rede de Pontos do Projeto ALiB | 127 |
| Quadro de localidades com ano de aplicação dos inquéritos | 129 |
| Mapa 01 – Rede de pontos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) | 137 |
| Mapa 02 – Rede de pontos do ALiB na Região Norte | 138 |
| Mapa 03 – Rede de pontos do ALiB na Região Nordeste | 139 |
| Mapa 04 – Rede de pontos do ALiB na Região Centro-Oeste | 140 |
| Mapa 05 – Rede de pontos do ALiB na Região Sudeste | 141 |
| Mapa 06 – Rede de pontos do ALiB na Região Sul | 142 |

C CARDOSO, Suzana Alice Marcelino

DOCUMENTOS 4: Projeto Atlas Linguístico do Brasil/ Suzana Alice Marcelino Cardoso; Jacyra Andrade Mota; Marcela Moura Torres Paim; Silvana Soares Costa Ribeiro (orgs.). Salvador: Vento Leste, 2013.

v.: 147p.

ISBN 978-85-8140-057-0

- Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2013.

1. Dialetoлогия. 2 Projeto ALiB. 3 língua Portuguesa

APRESENTAÇÃO

Instrumento básico para orientação do desenvolvimento do Projeto ALiB e resultado da reflexão do Comitê Nacional, apresenta-se, nesta publicação organizada pela Equipe ALiB/Salvador-UFBA, o texto do projeto configurado na sua versão de 1999, considerando que outras versões, com complementações específicas, foram produzidas com vistas, particularmente, a instrumentar projetos de pedido de financiamento. Atende-se, com essa edição, a reiteradas solicitações de acesso ao texto, advindas de pesquisadores da área, e consolida-se, ao mesmo tempo, um momento da história do Atlas Linguístico do Brasil.

Para assegurar a atualização dos dados sem interferir no texto original tomado por base, procedeu-se à inclusão de notas dos organizadores (N.E.) com informações que, a seguir, se enumeram:

- 1) Constam, no que se refere à composição do Comitê Nacional, os nomes que inicialmente o integraram, indicando-se as modificações que, no curso do tempo, se processaram.
- 2) Enumeram-se, com locais e datas de realização, as reuniões do Comitê Nacional acontecidas até 2013.
- 3) Relacionam-se os *workshops* realizados até 2013, com data e local onde se efetivaram.
- 4) Apresentam-se dados sumários sobre a conclusão da etapa de constituição do *corpus* ALiB.
- 5) Noticia-se o andamento da publicação dos resultados da pesquisa.

Acrescentam-se, ainda, documentos referentes aos instrumentos metodológicos utilizados para execução da pesquisa e a Rede

de pontos atualizada e ilustrada com mapas elaborados por Ana Regina Torres Ferreira Teles, professora da Escola Politécnica da UFBA e membro da Comissão de Informatização e Cartografia do Projeto ALiB.

Salvador, novembro de 2013.

Suzana Alice Marcelino Cardoso

Jacyra Andrade Mota

Marcela Moura Torres Paim

Silvana Soares Costa Ribeiro

Projeto
Atlas Linguístico do Brasil
Versão 1999

**PROJETO
ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL**

Comitê Nacional

Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso
Diretor Presidente
Universidade Federal da Bahia

Jacyra Andrade Mota
Diretor Executivo
Universidade Federal da Bahia

Maria do Socorro Silva de Aragão
Diretor Científico
Universidade Federal do Ceará
Universidade Federal da Paraíba

Mário Roberto Lobuglio Zágari
Diretor Científico
Universidade Federal de Juiz de Fora

Vanderci de Andrade Aguilera
Diretor Científico
Universidade Estadual de Londrina

Walter Koch
Diretor Científico
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Salvador
1999

**PROJETO
ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL
(Projeto ALiB)**

1 INTRODUÇÃO

A primeira manifestação em favor da elaboração de um atlas linguístico do Brasil remonta a 1952, quando, através do Decreto nº. 30.643, de 20 de março, assentava-se, no seu Art 3º, como principal finalidade da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa a *elaboração do atlas linguístico do Brasil*. Tal determinação foi regulamentada pela Portaria nº 536, de 26 de maio do mesmo ano, a qual, ao baixar instruções referentes à execução do decreto de criação do Centro de Pesquisas Casa de Rui Barbosa, estabeleceu como finalidade principal, entre as pesquisas a serem planejadas, a própria elaboração do atlas linguístico do Brasil.

Nascida a ideia, ganha ela corpo nas proposições de Serafim da Silva Neto, Celso Cunha e Antenor Nascentes. Os dois primeiros, por ocasião do III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, realizado em Lisboa, em 1957, defendem a necessidade de elaboração de atlas linguísticos regionais, com argumentos bastante sólidos e convincentes. A esses dois filólogos soma-se Antenor Nascentes, que, assumindo a mesma posição, dá passos iniciais concretos com a publicação das *Bases para a elaboração do atlas linguístico do Brasil* (1958, 1961), obra em dois volumes, na qual fornece diretrizes gerais para a escolha de localidades, de informantes e para a elaboração do questionário linguístico, e propõe, muito claramente, a elaboração de atlas regionais, argumentando que

Embora seja de toda vantagem um atlas feito ao mesmo tempo para todo o país, para que o fim não fique muito distanciado do princípio, os Estados Unidos, país vasto e rico e com excelentes estradas, entregou-se à elaboração de atlas regionais, para mais tarde juntá-los no atlas geral.

Assim também devemos fazer em nosso país, que é também vasto e, ainda mais, pobre e sem fáceis vias de comunicação. (NASCENTES, 1958, p. 7).

Três aspectos dessa breve introdução histórica merecem destaque: primeiro, a ideia de produzir-se um atlas linguístico do Brasil; segundo, a concepção de que tal empreitada só teria viabilidade a partir da elaboração de atlas por região; e terceiro, a tentativa de criar princípios gerais, parâmetros nacionais, para, sem uniformizar, tornar a investida coordenada em nível nacional.

Retoma-se neste Projeto a ideia de realização do atlas linguístico do Brasil e defende-se uma política de integração e coordenação do trabalho que se vem desenvolvendo, com a realização de atlas regionais, com vistas a se alcançar o objetivo final da produção de um atlas nacional.

Em 1952, quando se explicitou, pela primeira vez, o desejo de elaboração de um atlas linguístico brasileiro, momento em que a Europa já havia produzido alguns atlas – como o *Atlas Linguistique de la France*¹, *Linguistischer Atlas des Dakorumänischen Sprachgebietes*², *Atlas Linguistique de La Corse*³, *Atlasul lingvistic român*⁴, só para citar atlas da primeira metade do século XX – e a Península Ibérica, em particular, tentava concluir o *Atlas Lingüístico de la Península Ibérica*⁵, as condi-

¹Gilliéron, Jules e Edmond Edmont. *Atlas Linguistique de la France*, 35 fasc. Paris: Honoré Champion, 1902-1910.

²Wlad, Gustav Weigand, *Linguistischer Atlas des Dakorumänischen Sprachgebietes*. Leipzig: 1909

³Gilliéron, Jules e Edmond Edmont. *Atlas Linguistique de la Corse*, 4 fasc. Paris: Honoré Champion, 1914-1915.

⁴Pop, Sever; Emil Petrovici. *Atlasul lingvistic român*. Leipzig: Muzeul Limbii Române din Cluj, 1938-1942.

⁵*Atlas lingüístico de la Península Ibérica*, I, Fonética. Madrid: CSIC, 1962.

ções do Brasil, obviamente, eram bem diversas das que hoje se nos apresentam. A população, segundo o censo de 1950⁶, atingia a cifra de 51.944.397 habitantes, dos quais 33.161.506 se situavam nas zonas rurais e apenas 18.782.891 estavam estabelecidos nas zonas urbanas, ou seja, aproximadamente 63% da população se encontrava no campo e apenas 37% nas grandes cidades, o que revela a maior concentração demográfica fora dos centros urbanos. Os meios de comunicação – rádio, televisão, telefone – tinham um perfil muito tímido, cujos dados não vêm registrados nas estatísticas para esse ano. A extensão da rede de estradas de ferro em tráfego alcançava 36.681 km. As rodovias se estendiam por 341.035 km. As empresas aéreas civis⁷ atingiam um percurso de 96.600.775 km e a navegação marítima e a fluvial apresentavam um movimento de 406 embarcações em tráfego. Decorridos cinquenta anos, a situação que apresenta, hoje, o país, no tocante a esses mesmos itens, é – como não poderia deixar de sê-lo – bem diferente. Conta-se com os seguintes números, segundo os dados do censo de 1991 de referência aos itens citados: população geral de 146.917.459 habitantes dos quais 110.875.826 se situam na zona urbana e 36.041.633 na área rural, o que revela uma total inversão dos números se comparados aos registrados para 1950; a rede telefônica, que nem chega a ser levantada nas estatísticas disponíveis de 1950, apresenta, para 1991, um total de 15.922 localidades atendidas com 14.426.673 telefones instalados; a rede ferroviária conta com 30.282 km – caso único de modificação para menos, com uma redução de cerca de 6.000 km em relação a 1950, fato deplorável, para não dizer criminoso, em relação ao sistema de transporte do país; o tráfego aéreo atinge 287.761.775 km; e a navegação conta com um movimento total de 46.310 embarcações.

⁶Os dados estatísticos referidos foram extraídos do *Anuário Estatístico do Brasil - 1954. Ano XV*. Rio de Janeiro, IBGE-Conselho Nacional de Estatística, 1954 e do *Anuário Estatístico do Brasil - 1993*. Rio de Janeiro: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE, 1993.

⁷Os dados referem-se ao ano de 1952.

Esse breve perfil de realidades – a do passado e a atual – conduz a algumas considerações que são, de certo modo, evidentes.

Os limites geográficos tomaram-se tênues, e mais tênues, ainda, se pensarmos na invasão domiciliar de informações universais e simultâneas aos acontecimentos que facultam o rádio, a televisão e a informática; na mobilidade social, seja por obrigação de trabalho, seja pelo lazer, que faz de cada rincão uma miniatura do universo e de cada cidadão, cada vez mais, um homem sem fronteiras; na política econômica de fomento ao turismo – fonte moderna de captação de recursos explorada por ricos e pobres –, que põe em contato diuturnamente populações extremas, costumes díspares, usos linguageiros diferenciados; nos avanços tecnológicos, que encurtam as distâncias e aproximam os povos. O mundo moderno transforma-se num grande coletivo; é o momento da globalização.

Tais constatações levam, inexoravelmente, à afirmação categórica e óbvia: o mundo mudou, o Brasil mudou muito nesses últimos cinquenta anos. A mudança da configuração demográfica do país com o aumento de concentração da população nos grandes centros urbanos, com o esvaziamento das áreas rurais e com a intensa migração interna tem trazido não só uma nova dimensão social mas também política que, por certo, se fazem acompanhar de mudanças linguísticas cuja extensão ainda não podemos avaliar. Em decorrência, a língua sofre, *ipso facto*, mutações consideráveis e ágeis. Tudo isso se constitui razão maior para reafirmar a necessidade de descrever-se a realidade brasileira antes que se percam traços e usos, formas e estruturas ainda não formalmente identificadas, registradas e catalogadas, como bem chamou a atenção Boléo (1976, p. 342) ao afirmar, de referência à demora na concretização do atlas linguístico de Portugal:

Quand nous, Portugais, nous nous décidâmes à élaborer notre atlas linguistique, nous arrivâmes déjà trop tard car de nombreux termes, expressions et coutumes auront disparu, emportant avec eux la clé d'un grand nombre de problèmes.

De outra parte, as dificuldades apontadas para a concretização da pesquisa linguística, mais especificamente a dialetal, no Brasil, parecem de certo modo obviadas. A ausência de vias de comunicação, unindo os diferentes e mais longínquos pontos do país, bem como o *desinteresse por parte do elemento masculino*, mencionado por Nascentes (1958, p. 7), não se constituem, hoje, em óbice. A rede de estradas tem crescido e melhorado, gradativamente, de condições e não são mais as mãos femininas, majoritariamente como outrora, que lavram o terreno da Dialectologia.

Sem desconhecer-se a importância de outros ramos dos estudos linguísticos e sem querer minimizar-se o papel de cada um deles, neste momento da história, é urgente que se enfrente a descrição da realidade linguística brasileira no seu plano geográfico e o melhor caminho, para esse conhecimento de amplitude continental, parece ser o que propõe a Dialectologia, concebida não como um ramo dos estudos linguísticos voltado exclusivamente para as questões diatópicas, mas partindo-se do princípio, como bem assinalou Lope Blanch (1978, p. 53-54), de que

La dialectología puede, evidentemente, beneficiarse mucho con las aportaciones de la sociolingüística, como de hecho ya se ha estado beneficiando. El progreso metodológico que ha establecido la sociolingüística con su rigurosa y detenida consideración de factores sociológicos antes sólo superficialmente atendidos por la dialectología, es aportación de primera magnitud, que la actividad dialectológica habrá de tener ahora muy en consideración (grifo nosso).

Sob essa ótica, a Dialectologia não produzirá resultados *perilinguísticos* caracterizados, definidos por Elizaincín e Thun (1992, p. 128-129), como *monodimensionais*, *monostráticos*, *monogeneracionais* e *monofásicos*, mas permitirá alcançar-se um padrão de informação que contemple diferentes dimensões em que se põe a variação linguística – a diatópica, a diastrática e a diafásica – nada obstante reconhecer-se que ou-

ros subtipos variacionais podem ser estabelecidos. Tal entendimento tem também Ferrer (1992, p.18) ao dizer que *I dati geolinguistici consentono di coprire tutte e due le direzioni [refere-se ao 'modo verticale' e ao 'modo orizzontale'] e di convalidare, su scala minuscola, l'importanza di una ricerca stratificata...* Dessa tarefa pode desincumbir-se a Geolinguística, pois, como afirma Thun, Forte e Elizaincín (1989, p. 28):

... el Atlas lingüístico tiene la obligación y es además capaz [grifo nosso] de dar una imagen de la multidimensionalidad y de las interrelaciones de los fenómenos variacionales.

Acrescentam-se ao caráter geral dos estudos dialetais voltados para a variação e mudanças linguísticas as diferentes possibilidades de interação com outros ramos de saber, como já assinalara Boléo (1976, p. 342) ao afirmar que:

Il n'est trop connu que les atlas sont venus son seulement révolutionner complètement la linguistique mais qu'ils ont aussi apporté un matériel précieux à diverses sciences: à l'histoire (et à la préhistoire), à la géographie, (...) à l'ethnographie, à la sociologie, etc.

A essa afirmação se adjunge outra (1976, p. 367), na qual esse mesmo autor põe em destaque a contribuição da Dialetoлогия, mais especificamente dos atlas linguísticos, para o conhecimento da própria história do povoamento do Brasil. Assim se manifesta:

Quand nous disposerons d'un atlas du Brésil ou, tout au moins, d'un matériel comparable à celui de P.L.L.B., nous pourrions étudier d'intéressants problèmes de colonisation et de peuplement...

O quadro histórico-social do Brasil, hoje, e a necessidade do conhecimento sistemático e geral da realidade linguística brasileira, necessário sobretudo à difusão de um ensino adequado ao caráter pluricultural do país, estão a exigir, sem mais demora, um esforço coletivo na tentativa de concretizar estudos mais amplos que levem a esse

conhecimento global. Essa pode e deve ser tarefa da Dialetoлогия brasileira nesse final de milênio, a se concretizar com a realização do atlas linguístico geral do Brasil.

2 JUSTIFICATIVA

Razões de ordem linguística *stricto sensu*, de ordem social, de ordem histórica, e, ainda, relacionadas à política de ensino da língua materna e à própria política de entendimento da diversidade de usos do português parecem, de forma resumida, constituir-se na justificativa do que se propõe.

Em se tratando do nosso país, a inexistência de dados que apontem, de maneira ampla e geral, as características do português no território nacional, apresenta-se como primeira razão. Os estudos dialetais que se iniciaram no século XIX, voltados principalmente para a identificação das diferenças lexicais, e as abordagens da primeira metade do século XX, com estudos de natureza monográfica e recobrindo toda uma área, como o fizeram Amadeu Amaral, Antenor Nascentes, Mário Marroquim, Aires da Mata Machado, para só ficar em citação ilustrativa e não exaustiva, têm funcionado como sondagens iniciais, explorações prévias que esboçam características e denotam traços particulares de áreas e regiões. Estudos de tal natureza são importantes e de extrema necessidade para fundamentar e embasar um trabalho mais amplo de descrição, recobrindo toda a área nacional, mas não permitem, de per si, uma visão de conjunto da realidade linguística em todo o território brasileiro nem possibilitam de maneira mais ampla e sistemática a intercomparação de dados.

Há, porém, algo de novo, no momento atual, em relação à época evocada por Nascentes, algo de muito significativo. Na segunda metade do século, publicam-se os primeiros atlas linguísticos regionais do Brasil — o *Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB* (ROSSI; FERREIRA; ISENSEE, 1963), o *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais – EALMG* (RIBEIRO et al., 1977), o *Atlas Linguístico da Paraíba*

— *ALPB* (ARAGÃO; MENEZES, 1984) e o *Atlas Lingüístico de Sergipe* — *ALS* (FERREIRA et al., 1987) —, empreende-se a realização de outros — atlas lingüístico-etnográfico da Região Sul do Brasil, atlas lingüístico do Ceará, atlas lingüístico do Acre, atlas lingüístico do Mato Grosso do Sul — e nos programas de pós-graduação aparece a Geolinguística, como sucede com o *Atlas Lingüístico do Paraná* — *ALPR* (AGUILERA, 1994), tese de Doutorado apresentada em 1990. Esse trilhar dos caminhos da Dialetologia, da Geografia Lingüística não parece ser obra do acaso nem dar-se também ao acaso. Interpreta-se como a manifestação do entendimento da importância do papel dos estudos dialetais, especificamente os geolinguísticos, e do sentimento tanto coletivo, como nacional — os estudos afloram de norte a sul —, da necessidade de se debruçarem, os pesquisadores da área, sobre esse tipo de conhecimento da realidade lingüística do Brasil. Numa outra leitura, pode entender-se que esses fatos se constituem num indicador indelével de que é chegada a hora de se pensar no atlas do Brasil.

Desse modo, fica evidente que, reunindo-se toda a produção acadêmica hoje encontrada nos vários programas de pós-graduação, as descrições que marcam a segunda fase da história dos estudos dialetais no Brasil (Cf. Nascentes, 1958 e 1961; Cardoso e Ferreira, 1994) e os atlas lingüísticos publicados, já se dispõe de uma base preliminar de estudos descritivos sobre diferentes áreas do país, estudos que podem funcionar como sondagem preliminar para uma empreitada maior. São muitas as teses de Doutorado e dissertações de Mestrado que vêm tratando de questões fonético-fonológicas, morfossintáticas, lexicais e semânticas do português brasileiro. Há, pois, um ambiente favorável a que se ampliem e especifiquem esses conhecimentos e já não estamos nós na situação de penúria, de total ausência de dados, a que se referia Nascentes, ao desabafar, dizendo, no Prefácio da 1ª edição de *O linguajar carioca em 1922*:

Paciência. Nosso trabalho não é para a geração atual; daqui a cem anos os estudiosos encontrarão nele uma fotografia do estado da língua e neste ponto serão mais felizes do que nós, que nada encontramos do falar de 1822. (NASCENTES, 1953, p. 7).

Se por um lado já se dispõe de estudos preliminares, passíveis de instrumentar um trabalho maior, por outro, ainda se padece da ausência de dados lingüísticos que permitam traçar uma divisão dialetal do Brasil. Conta-se com a divisão proposta por Nascentes (1953) que, fundamentada em dados lingüísticos — a realização das vogais médias pretônicas e a entoação —, ainda carrega em si muito de geográfico. E outra não poderia ter sido a sua postura, num momento em que o conhecimento das características regionais era quase nulo, a dificuldade de acesso aos diferentes pontos do país muito grande e a ausência de estudos descritivos sistemáticos um fato incontestável. Nada obstante, e até onde se pode testar, no que se refere à linha demarcadora dos limites de realização das vogais médias abertas / vogais médias fechadas envolvendo Bahia e Minas Gerais, o traçado que apresenta Nascentes se confirmou com os dados do *APFB* e do *EALMG* (cf. Cardoso, 1986). Se, neste caso específico, os estudos atuais, oriundos da pesquisa de campo, ratificaram o que estabelece a divisão dialetal referida, necessário se faz dispor de informações amplas para que se possa, com base em dados empíricos, ter delineada, de forma sistemática, a divisão lingüística brasileira. A realização de um atlas lingüístico do Brasil terá, entre outros méritos, o de permitir que se tracem isoglossas definidoras de áreas dialetais que propiciarão o estabelecimento de uma divisão dialetal do Brasil de base eminentemente lingüística.

Um segundo fator está a apontar para a necessidade de um atlas do Brasil. É preciso ter-se a visão da multidimensionalidade da língua no país, não apenas para efeitos de precisar e demarcar espaços geolinguísticos, mas para que se possa também contribuir, de forma direta, para um melhor equacionamento entre a realidade de cada área e o ensino da língua materna que nela se processa.

Do ponto de vista histórico, o conhecimento da realidade lingüística do país, das variadas áreas a serem identificadas e das diferenças que opõem determinadas regiões a outras pode trazer aportes de relevância para aprofundar, entre outras questões, aquelas relativas à natureza do povoamento do Brasil, às repercussões do pro-

cesso de migração, à relação com áreas linguístico-geográficas de Portugal e aos reflexos das línguas indígenas e africanas na constituição do português do Brasil.

A implantação e o desenvolvimento do Projeto se constituirão em substancial contribuição para o entendimento da língua e de suas variantes, eliminando visões distorcidas que privilegiam a variante culta e estigmatizam as demais variantes, causando, assim, ao ensino-aprendizagem da língua materna consideráveis prejuízos.

Propondo-se a manter o controle de variáveis sociais – idade, escolaridade, gênero, natureza do discurso – o Projeto insere-se na visão multidimensional da Geolinguística contemporânea, reconhece a importância das relações língua-sociedade e define as suas linhas de abordagem numa perspectiva basicamente diatópica mas com controle de variáveis sociolinguísticas.

Em resumo, o conhecimento sistemático da variação, a delimitação de áreas linguísticas específicas e a relação entre os diferenciados usos que se faz da língua constituem-se num benefício de cunho social e, porque não dizer, de caráter patriótico.

Admitindo-se ter chegado a hora do atlas linguístico do Brasil, como de fato se reconhece, uma preliminar se faz necessário assentar: os atlas regionais, publicados, em curso ou no desiderato de grupos de pesquisa, não interferem na proposta de elaboração de um atlas geral do Brasil. Ao contrário, servem de apoio e devem continuar a ser executados porque têm por finalidade um conhecimento mais detalhado e circunstanciado de cada região.

Não parece haver necessidade de argumentar em favor da ideia defendida nem em favor da realização de atlas regionais. As razões eram muito claras e óbvias para os que primeiro a lançaram: a vasta extensão do país; a dificuldade de locomoção, mais fácil de ser resolvida ao interior de cada região; a inexistência de equipes de pesquisadores disponíveis para um trabalho de tamanho fôlego; e, por fim, o desconhecimento da importância da Geografia Linguística evocado por Nascentes (1958, p.7) quando afirmou que

Poucos sabem aqui ...qual é o valor de um atlas, qual a sua necessidade para a solução de múltiplos problemas e, dos que sabem, poucos dão importância a essas questões (grifo nosso).

Dessa época para cá, registram-se mudanças no quadro geral. Observa-se que a rede de estradas de rodagem se tornou mais densa e retirou do isolamento numerosas localidades; os programas de pós-graduação têm estimulado a pesquisa e contribuído para a formação de profissionais que se fixam nas universidades e dão continuidade à sua atividade de investigação isoladamente ou integrando-se a grupos existentes na sua área; as instituições de financiamento à pesquisa abrem um maior espaço para as Humanidades e, no caso, para as Letras, ainda que fique essa área muito aquém de outras integrantes dos campos das ciências exatas.

Uma política de integração imprescindível para a realização do atlas do Brasil deve pressupor o conhecimento da realidade nacional, para que se possam dar passos seguros, com uma visão crítica do que nos cerca e, como aconselha Rossi (1967, p. 112), *com senso de realismo sem o qual não há nenhuma esperança para a Dialectologia e consciente de que esta só se aprende a fazer...fazendo.*

O *senso de realismo* leva a que se considere o caráter ainda incipiente da Geolinguística no Brasil, caráter esse que se estende a toda a América Latina, como procura mostrar Thun (1992, p. 231), ao examinar essa questão no continente latino-americano, atribuindo o estágio de pouco desenvolvimento a cinco causas, assim identificadas:

- superficie enorme del continente e zone di acceso difficile in molti paesi,
- mezzi finanziari ridotti,
- instabilità della carriera universitaria in molti paese: difficoltà, dunque, a realizzare lavori di lunga durata e de grande dimensione come un atlante linguistico,
- assenza di interesse per tale impresa da parte delle autorità statali,
- mancanza di una “mentalità dialettologica” fra i linguisti suda-mericiani.

Das causas que aponta para a América Latina em geral, à exceção da instabilidade da carreira universitária, todas as demais se aplicam ao Brasil. São questões de ordem política geral do país ou o são de ordem acadêmica que interferem no desenvolvimento e nos avanços dos estudos dialetais. Tais causas podem explicar o retardamento na elaboração de atlas regionais e mesmo no esforço comum a desenvolver-se em prol da realização de um atlas nacional.

Detectadas tais dificuldades, torna-se mais fácil perseguir os objetivos da Dialetologia no Brasil, hoje, já delineados como *tarefas urgentes* por Serafim da Silva Neto (1957, p. 11) que assim as enumera:

- a. sondagens preliminares, criação de ambiente, difusão do método;
- b. recolha de vocabulários com todas as exigências da técnica;
- c. monografias etnográfico-lingüísticas sobre determinadas 'esferas semânticas';
- d. monografias etnográfico-lingüísticas sobre falares;
- e. atlas regionais;
- f. inquérito nacional feito com questionário uniforme e distribuição geográfica dos materiais recolhidos, em mapas (Atlas Nacional).

Ao final dessa enumeração acrescenta o autor:

De propósito colocamos no fim o Atlas Nacional, objetivo insubstituível, porque ele exige, e até pressupõe, as pesquisas que colocamos nos itens a), b), c), d), e). Não podemos partir do estado atual diretamente para o Atlas, cuja elaboração demanda uma bem treinada **equipe** de investigadores e uma série de tomadas preliminares.

Silva Neto faz preceder o *atlas nacional de atlas regionais e de estudos monográficos*, além das *sondagens preliminares*, comentando logo a seguir: *A ele [isto é, ao atlas nacional] havemos de chegar, mas temos de partir do começo, se o quisermos realizar com segurança* (SILVA NETO, 1957, p. 11-

12). Define, assim, os passos fundamentais para o início da grande obra nacional: os estudos preliminares que devem envolver não só sondagens experimentais, com a aplicação de questionários, como também estudos de natureza sócio-econômico-histórica sobre a região a ser abordada; a elaboração de trabalhos de cunho monográfico, explorando, assim, aspectos da realidade que será amplamente investigada; e finalmente os atlas regionais que deverão conduzir ao atlas nacional.

Entende-se que os necessários estudos preliminares de caráter geral já realizados indicam o cumprimento dessa etapa preliminar. São cinco os atlas linguísticos já publicados e estão em andamento mais outros quatro. Por outro lado, estudos de caráter monográfico sobre áreas específicas ou sobre regiões vêm aflorando nos programas de pós-graduação, sob a forma de Dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado, aos quais se acrescenta um considerável rol de comunicações a congressos e reuniões científicas que abordam, sob diferentes perspectivas, a temática da diversidade linguística no Brasil.

Tal cenário apresenta-se como uma razão contundente para justificar e impor o esforço coletivo de pesquisadores brasileiros na elaboração, de há muito desejada, do atlas linguístico do Brasil.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Uma preliminar, de caráter teórico, se põe para a execução do Projeto: a definição de uma política de integração imprescindível para a realização do atlas do Brasil deve pressupor o conhecimento da realidade nacional, para que se possam dar passos seguros, com uma visão crítica do que nos cerca.

Posta esta preliminar, apresentam-se as bases do Projeto que se fundamentam nos pressupostos da Geografia Linguística, concebida por Gilliéron, e aplicados, de início, no *Atlas Linguistique de la France*, e procuram valer-se das diferentes linhas de aperfeiçoamento do método, voltadas para a conjugação de fatores de ordem diatópica àqueles de ordem sociolinguística.

Tendo como objeto principal identificar os fenômenos linguísticos e apresentar a sua localização espacial, a Geografia Linguística preocupou-se, nos seus primórdios, com a distribuição diatópica, independente de fatores sociais, hoje reconhecidos como também condicionantes da variação. Dados de natureza social — profissão, idade, sexo — são anotados aos informantes mas, de uma maneira geral, excluídos do registro em carta e da possibilidade de identificação resposta-informante, como assinala Pop (1950, p. 125), de referência ao *Atlas Linguistique de la France* de Gilliéron:

Il est cependant regrettable que nous ne puissions distinguer, sur les cartes de l'Atlas, les réponses données par des personnes d'âge parfois très différent.

Os chamados atlas de primeira geração têm, assim, como objetivo fundamental apresentar a diversidade de usos e a sua distribuição espacial, o que permite considerações de ordem linguística *stricto sensu*, favorecendo a reflexão de cunho histórico pois, como assinala o próprio Sever Pop, as contribuições dos dialetólogos *constituent aujourd'hui une documentation très précieuse pour retracer l'histoire de l'évolution du langage humain*.

Um enfoque etnográfico passa a ser assumido por alguns atlas e a identificação, direta ou indireta, de informantes vem a ser constituir em novo dado a figurar sob controle. Os atlas continuam, porém, a ser um conjunto de informações cartografadas, algumas vezes acrescidas de notas à carta que dão informações etno-linguístico-sociais, mas sem apresentarem interpretação de dados.

Esse tem sido, pois, o procedimento metodológico que tem caracterizado os chamados atlas de primeira geração: a ênfase recai sobre a identificação da diversidade/similaridade espacial. Os dados sociolinguísticos esparsamente e, às vezes, difusamente, vêm mantidos sob controle e esporadicamente indicados em carta. Os estudos de interpretação não são ainda incluídos como matéria a figurar nos próprios atlas.

Os chamados atlas de segunda geração procuram ser interpretativos, fornecendo, em alguns casos, estudos aprofundados sobre aspectos cartografados, fazendo acompanhar as cartas linguísticas de análise e classificação tipológica dos dados e, como assinalam Contini e Tuailon (1996, p. 1), *Leur démarche traduit une volonté de synthèse, avec l'exigence d'une recherche interprétative*. É o que se tem visto inaugurado com o *Atlas Linguarum Europae*, hoje já no seu quinto volume, e que se apresenta, agora, no *Atlas Linguistique Roman*, cujo primeiro volume veio à luz em 1996.

Caracterizam-se esses atlas feitos sob uma nova visão por apresentarem, além das cartas linguísticas, textos de comentários que as acompanham e são análises que *ont permis à la fois de mettre au point la stratégie cartographique et de confronter différentes démarches méthodologiques notamment dans l'interprétation et le classement des données* (1996, p. 5). Com isso, dá-se um novo passo nos estudos geolinguísticos: os atlas apresentam os dados e já ensaiam alguns tipos de análise.

Modernamente, já se introduzem os que podem ser denominados de atlas de terceira geração, que procuram unir aos dados já tradicionalmente tidos como objeto a figurar nas cartas informações de natureza acústico-oral que permitem o acesso direto à voz do próprio informante em perfeita sincronização com a indicação do ponto da rede onde se situa o falante, ou de exibição, via *Internet*, de cartas e localização de pontos de inquérito e respectivas ocorrências registradas. São os atlas informatizados e “falantes”, como sucede com o *Atlas Linguistique de la Corse*, sob a responsabilidade de Jean Philippe Dalbera. Nesse sentido, trabalham pesquisadores franceses para formar com as equipes de Nice/Ajaccio um pólo especializado para a constituição de bases de dados e de organização de programas específicos dessa nova metodologia/tecnologia que possam ser transferidos a outras equipes, sem dificuldade.

Tendo-se iniciado nos últimos anos do século XX, o Projeto ALiB beneficia-se dos avanços metodológicos da Geolinguística pluridimensional contemporânea, e, como outros atlas atualmente em andamento — o *Atlas linguístico Diatópico y Diastrático del Uruguay*

(THUN; ELIZAINCÍN, 2000), por exemplo,— contempla, além do diatópico, os parâmetros diagenérico, diageracional, diastrático, diafásico e diarreferencial.

A importância da análise da fala de homens e mulheres tem sido frequentemente ressaltada em trabalhos de natureza sociolinguística, em razão das diferenças encontradas, quer quanto à presença, quer quanto à frequência de determinadas variantes. Observa-se, de um modo geral, que as mulheres se mostram mais sensíveis às formas de prestígio, comportamento que se pode entender como o reflexo na linguagem da estruturação sócio-econômico-cultural predominante nas sociedades em que a mulher é colocada em posição de inferioridade com relação aos homens.

A propósito das diferenças observadas na fala de homens e mulheres, Labov (1994) observa que a preferência das mulheres pelas formas tidas como 'mais corretas' verifica-se nos casos de variação estável ou nos das chamadas 'mudanças de cima' em que os indivíduos têm consciência da variante de prestígio e a utilizam como marca de posição social. Nas 'mudanças de baixo', ao contrário, que se processam sem que os falantes tenham consciência da inovação, relacionada a fatores linguísticos internos, são as mulheres que lideram a inovação, afastando-se da forma mais tradicional, integrada na norma dita padrão.

As diferenças geracionais distinguem os falantes mais jovens, em geral menos preocupados com variantes-padrão e, conseqüentemente, mais inovadores, dos informantes mais idosos, mais conservadores. Com relação às diferenças geracionais, pode-se admitir, portanto, que o falante modifica a sua maneira de falar, no decorrer dos anos, passando, por exemplo, a preferir as variantes-padrão. Nesse caso, as diferenças geracionais observadas indicariam processos de variação estável ou de gradação etária, que se repetiriam a cada geração. Admitindo-se, porém, como na hipótese clássica, aceita pela maioria dos linguistas, que o processo de aquisição da linguagem se encerra por volta dos quatorze ou quinze anos, conservando-se a língua de modo estável a partir de então, a análise de amostras de fala de diferentes

gerações pode fornecer dados de épocas diferentes, essenciais ao conhecimento das mudanças em curso em tempo aparente de curta duração. Os estudos sociolinguísticos têm demonstrado a pertinência das duas hipóteses, a depender do fato estudado.

Para o estudo da variação diastrática, considera-se o nível sócio-econômico-cultural do indivíduo, depreendido, em geral, em função do ambiente em que ele vive, de sua renda individual ou familiar, de sua profissão ou ocupação, da rede de contatos que mantém e, principalmente, do seu grau de escolaridade. A atitude prescritiva e conservadora da escola desempenha papel fundamental na imposição de uma norma considerada padrão e no esforço por eliminar da fala dos indivíduos que a ela têm acesso traços linguísticos estigmatizados e característicos do dialeto familiar.

A variação diafásica relaciona-se aos diferentes tipos de discurso, distinguindo variantes coloquiais e variantes não coloquiais ou formais, a depender da situação em que ocorre o ato de fala. Desse ponto de vista, a coleta de dados com conhecimento do informante resente-se sempre, por mais indiretamente que se lhe façam as perguntas ou por mais que a entrevista se desenvolva de modo informal, de algum grau de formalidade, como observa Labov (1972. p. 209):

Any systematic observation of a speaker defines a formal context in which more than the minimum attention is paid to speech. In the main body or an interview, where information is requested and supplied, we would not expect to find the vernacular used. No matter how casual or friendly the speaker may appear to us, we can always assume that he has a more casual speech, another style in which he jokes with his friends and argues with his wife.

Esse 'paradoxo do observador' que procura flagrar o desempenho espontâneo do falante, mas quer fazê-lo através da observação sistemática, que requer a sua intervenção e reduz, inevitavelmente, a espontaneidade da interação linguística, a que se refere Labov, na obra citada, deve ser contornado com o registro de amostras de fala, em diferentes situações. Esse procedimento, quando sistemática-

mente adotado, virá a explicitar a variação diafásica.

A variação diarreferencial busca relacionar a língua-objeto, com as variantes efetivamente documentadas, e o conhecimento que o indivíduo tem ou acredita ter de sua realidade linguística e pode ser percebida através de questões sobre as variantes que ele próprio utiliza e as que são características de outros grupos de maior ou menor prestígio na localidade. A partir dessas questões de natureza metalinguística pode-se avaliar ainda a sensibilidade linguística do falante, que, em muitos casos, é a responsável pela adoção de variantes de prestígio.

Acrescentam-se ao caráter geral dos estudos dialetais voltados para a variação e mudanças linguísticas as diferentes possibilidades de interação com outros ramos do saber.

No Brasil, os atlas linguísticos publicados no século XX identificam-se como atlas de primeira geração, apresentando-se, no entanto, com características diferenciadas, o que permite reuni-los em dois grupos, com base nos aspectos metodológicos. Assim, de um lado estão o APFB, o ALS e o ALPR que apresentam, juntamente com cada uma das cartas, notas que reproduzem comentários dos informantes ou esclarecimentos do inquiridor e de outro, ficam o EALMG e o ALPB que não trazem o aporte de notas específicas a cada carta. No primeiro grupo, cabe destacar o ALS e o ALPR que inovam, no Brasil, a cartografia linguística, introduzindo o controle da variável gênero, para o que chama a atenção Thun (2000, p. 374), ao afirmar:

Les premiers représentants d'un atlas linguistique systématiquement pluridimensionnel sont l'Atlas Linguístico de Sergipe, Bahia, 1987, de Carlota da Silveira FERREIRA et alii, le micro-atlas aranéen contenu dans la monographie de Otto WINKELMANN (1989) et l'Atlas Linguístico do Paraná (ALP), Curitiba 1994, de Vanderci de Andrade AGUILERA, ouvrages que ont le grand mérite d'être déjà publiés. Ces trois atlas son bidimensionnels. Les deux atlas brésiliens ajoutent à la dimension diatopique la variable diasexuelle que s'étend, en principe, à tous les point du réseau. Le petit atlas d' O. Winkelmann est diatopique et diagénérationnel (39 localités, 3 groupes d' âge).

Todos os cinco atlas têm, em comum, os critérios para seleção de informantes e de localidades — exceto quanto à inclusão, no EALMG, no ALPB e no ALPR, das capitais de Estados. Os questionários linguísticos são, porém, voltados muito especificamente para as áreas a que se dirigiam, o que fez perder-se a possibilidade de inserção de perguntas comuns a todos eles, exceção feita aos atlas da Bahia e de Sergipe, elaborados pela mesma equipe de pesquisadores.

Esse conjunto de atlas linguísticos abre, formalmente, no Brasil, os caminhos da Geolinguística, definindo os primeiros passos e fornecendo elementos para o prosseguimento das pesquisas. Os dados que apresentam permitem a intercomparação de fatos de que têm resultado numerosos estudos que vêm conduzindo à indicação de áreas diatopicamente demarcadas e têm revelado aspectos relevantes para o conhecimento da história da língua portuguesa no país. Há, pois, um redirecionamento de objetivos e prioridades da Geolinguística no Brasil.

Se se observa uma mudança nos procedimentos metodológicos e nos princípios que os regem, mister se faz assinalar que também uma nova política vem caracterizando esses estudos. O fato de ter-se um atlas — o ALPR —, na sua origem, como Tese de Doutorado, demonstra o avanço dos estudos de Geolinguística e a sua expansão na área da pesquisa linguística no país.

Além disso, o Atlas Linguístico do Brasil, ao tempo em que prioriza a identificação espacial dos fenômenos e mantém sob controle as demais dimensões, se propõe fornecer comentários e estudos interpretativos que acompanharão as cartas.

Quanto à apresentação dos dados linguísticos, pretende ainda estabelecer, via *Internet*, um sistema de consulta à distância que faculta ao leitor o conhecimento de formas ou usos languageiros e também lhe dê a possibilidade de ouvir, de viva voz, as realizações daquela área cartografada e selecionada para audição.

Do ponto de vista da orientação teórica, pretende ser o ALiB um atlas de terceira geração, reunindo, assim, às informações linguísticas cartografadas, estudos e comentários às cartas e oferecendo as facilidades de acesso aos dados vivos por meio do que os franceses identificam como um *atlas informatisé et parlant*.

4 OBJETIVOS

Os objetivos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil definem-se como gerais e específicos.

Objetivos gerais

- Descrever a realidade linguística do Brasil, no que tange à língua portuguesa, com enfoque na identificação das diferenças diatópicas, diastráticas e diagenéticas (fônicas, inclusive prosódicas, morfossintáticas, léxico-semânticas), consideradas na perspectiva da Geolinguística pluridimensional.
- Oferecer aos estudiosos da língua portuguesa (linguistas, lexicólogos, etimólogos, filólogos e das demais áreas dos estudos linguísticos), aos pesquisadores de áreas afins (história, antropologia, sociologia) e aos pedagogos (gramáticos, autores de livros-texto para o ensino fundamental e básico, professores) subsídios para o aprimoramento do ensino/aprendizagem e para uma melhor interpretação do caráter multidialetal do Brasil.

Objetivos específicos

- Descrever a realidade linguística do português do Brasil com vistas a identificar fenômenos fonéticos, morfossintáticos, lexicais e semânticos característicos da diferenciação ou definidores da unidade linguística no território nacional.
- Estabelecer isoglossas, com vistas a traçar a divisão dialetal do Brasil, tomando evidentes as diferenças regionais através de resultados cartografados em mapas linguísticos e de estudos interpretativos de fenômenos considerados.

- Identificar, com base na análise em tempo aparente, processos de mudança.
- Registrar fenômenos linguísticos localizados e específicos de áreas com vistas a estudar as suas repercussões no ensino-aprendizagem da língua materna.
- Examinar os dados coletados na perspectiva de sua interface com outros ramos do conhecimento – história, sociologia, antropologia –, com vistas a fundamentar e definir posições teóricas sobre a natureza da implantação e desenvolvimento da língua portuguesa no Brasil.
- Oferecer aos interessados nos estudos linguísticos um imenso volume de dados que permita aos lexicógrafos aprimorarem os dicionários, ampliando o campo de informações; aos gramáticos atualizarem as informações com base na realidade documentada pela pesquisa empírica; aos autores de livros didáticos adequarem a sua produção à realidade cultural de cada região; aos professores aprofundarem o conhecimento da realidade linguística, refletindo sobre as variantes que formam a língua portuguesa no Brasil e, conseqüentemente, encontrando meios de, sem desprestigiar os seus dialetos de origem, levar os estudantes ao domínio da variante culta.
- Contribuir para o entendimento da língua portuguesa no Brasil como instrumento social de comunicação diversificado, possuidor de várias normas de uso mas dotado de uma unidade sistêmica.

5 METODOLOGIA

Uma preliminar à questão metodológica se faz necessária: a integração e/ou coordenação central do trabalho no plano nacional. Isso passa pela definição de princípios metodológicos comuns

que assegurem uma recolha de dados debaixo dos mesmos parâmetros, passíveis de tratamento coletivo, os quais devem ser assentados como base para uma política nacional de construção do atlas linguístico do Brasil.

Parece difícil, e alguns até julgam impossível, encontrar uma forma de desenvolver a pesquisa com um mínimo de articulação, de maneira a salvaguardar-se o caráter coordenado da recolha e análise dos materiais e permitir-se um resultado final o mais possível livre de desvios e de incompatibilidades. A natureza do trabalho dialetal, a possibilidade de se fixarem com precisão critérios para cada etapa, somados à experiência com a Geolinguística em algumas regiões, tudo isso contribuirá para alcançarem-se os caminhos da homogeneização nacional sem ferir as liberdades regionais.

Fixada essa premissa, outra, de referência à natureza e abrangência dos dados a serem recolhidos, deve ser estabelecida. Trata-se das variáveis a serem controladas e da diversidade de dados a serem colhidos. Os atlas que Thun e Elizaincín (1992, p. 128-129) classificam de *tradicionais* caracterizam-se por apresentarem dados que refletem um único estrato social, uma faixa etária escolhida como prioritária e um mesmo estilo de fala, além de tomarem apenas um tipo de realidade espacial. Sabe-se que há uma razão de origem que justificava e até exigia essa postura: buscar ambientes menos afeitos a interferências e mutações decorrentes da aceleração do processo de urbanização e desenvolvimento socioeconômico. O que se espera dos atlas linguísticos, hoje, é que possam dar a imagem real da pluralidade e das inter-relações dos fenômenos da variação. O que afirma Ferrer (1992, p. 18), de referência à variação diastrática deve-se aplicar também às variáveis de gênero e de idade, à natureza das localidades a serem escolhidas, as quais devem recobrir não só as áreas tradicionalmente integradas à pesquisa dialetológica – as áreas rurais –, como também os centros urbanos de maior porte. A nova configuração do mundo contemporâneo, a mobilidade social, a distribuição demográfica, entre outros, constituem-se em fatores que exigem um redirecionamento dos caminhos da metodologia dialetal, sem, contudo, quebrar-se a fidelidade ao

princípio de que à Dialetoлогия cabe, prioritariamente, investigar a diversidade diatópica.

Conscientes de que os estudos geolinguísticos na atualidade não podem buscar apenas o levantamento da variação diatópica, mas, tanto quanto possível, devem apresentar e analisar também outras variações, entre as quais se destacam a de gênero, a geracional e a estrática, procedeu-se ao estudo do número e perfil dos informantes que constituirão a amostra linguística da rede de pontos a ser pesquisada, assim como à preparação dos questionários linguísticos — instrumento básico em pesquisas dessa natureza.

5.1 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

Os objetivos que se propõe atingir com um atlas linguístico e a natureza das informações que devem embasar a metodologia em que se desenvolve exigem uma ampla fundamentação advinda de pesquisa bibliográfica em diferentes direções, a saber:

- (a) Atlas linguísticos nacionais cujos resultados espelham, por um lado, a realidade areal de certas regiões localizadas, e por outro, possibilitam a intercomparação de dados, permitindo a projeção de diretrizes metodológicas.
- (b) Atlas linguísticos internacionais, especialmente aqueles que recobrem áreas de línguas românicas, pelo que oferecem como interface com a língua portuguesa e pelas diferentes técnicas e métodos que refletem.
- (c) Obras de Dialetoлогия e especificamente de Geografia Linguística, de espectro amplo pelas diferentes tendências que se esboçam, modernamente, para a metodologia da pesquisa dialetal.
- (d) Obras que tratam da variação linguística do ponto de vista teórico-metodológico, fornecendo o embasamento necessário à definição da metodologia a

ser utilizada e à análise dos dados coletados.

- (e) Conjunto de obras de Linguística Geral que pelo seu caráter extensivo traz diretrizes para os diversos níveis de abordagem nos estudos dialetais.
- (f) Obras de Lexicologia e Lexicografia a que se relaciona o caráter léxico-semântico dos dados reunidos pelos atlas linguísticos.
- (g) Obras de Fonética e Fonologia que não só permitem uma melhor estruturação dos questionários a serem aplicados como também permitem a interpretação de dados.
- (h) Obras de Morfologia e Sintaxe que trazem a visão das inter-relações entre os diferentes segmentos.
- (i) Conhecimento específico da área através dos dados que fornecem a História, a Geografia, a Antropologia e a Sociologia.

5.2 DELIMITAÇÃO DO CORPUS

O *corpus* do Atlas Linguístico do Brasil constituir-se-á de documentação reunida a partir da recolha de dados em 250 localidades e a 1100 informantes.

5.2.1 Rede de pontos

O estabelecimento da rede de pontos⁸ seguiu alguns princípios básicos que podem, assim, ser resumidos:

- (a) Análise da rede de pontos apresentada por Antenor Nascentes

⁸ A rede de pontos, iniciados os inquéritos e em função das necessidades de variável ordem — questões históricas, situação atual da localidade, posição e relevância na área, entre outras — que se foram apresentando, sofreu alterações. (N.E.)

- (b) Base das redes de pontos dos atlas regionais brasileiros publicados.
- (c) Conhecimento sistemático da história, do povoamento e do processo de desenvolvimento das diferentes áreas brasileiras.

Para a apreensão da variação diatópica — parâmetro essencial em trabalhos de natureza geolinguística — estabeleceu-se uma rede de pontos que levasse em consideração a densidade demográfica de cada região e de cada estado e a distribuição espacial dos pontos, com os ajustes necessários, tanto nos casos das áreas que apresentavam densidade abaixo de 1,0, como naqueles de densidade populacional muito grande.

No primeiro caso estão os Estados da região Norte: Acre e Amapá, cada um deles com a previsão de dois pontos, e Roraima, ao qual cabia apenas um ponto. Por outro lado, houve uma redução no número de pontos previstos para os estados de grande densidade populacional, de modo a possibilitar uma adequada distribuição espacial. Isso ocorreu com a região Sudeste, que ficou com oitenta pontos. Nessa região o estado de Minas Gerais ficou com vinte e três pontos, o Rio de Janeiro com quatorze pontos e São Paulo, com trinta e oito pontos. A rede total com um total de duzentos e cinquenta pontos.

Quanto às localidades escolhidas, além da distribuição espacial, consideraram-se os critérios:

- (a) a existência de zonas dialetais já delimitadas através de pesquisas anteriores — como a área do 'falar baiano'⁹, compreendida por Bahia, Sergipe e parte setentrional de Minas Gerais; os falares 'baiano', mineiro' e 'paulista' (Cf. Zágari, 1998, p. 32-35); em Minas Gerais; a delimitação de áreas dialetais, baseada nos dados do *Atlas Linguístico do Paraná* e das pesquisas para o atlas linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil;

⁹ 'Falar baiano' na proposta de Antenor Nascentes (*O linguajar carioca*. Rio de Janeiro, 1953, p. 25-26) compreenderia também o leste de Goiás e do Estado de Tocantins, áreas sobre as quais ainda não dispomos de dados.

(b) a importância da localidade no estado ou região, incluindo-se, por exemplo, as capitais de Estado e cidades de grande e médio porte, linguisticamente representativas. Entre as capitais excluem-se apenas o Distrito Federal — em vista da data de sua criação e, em consequência, do fato de ter população proveniente ou descendente de diversos pontos do país — e Palmas, capital do Tocantins, cidade ainda em formação, sem habitantes nela nascidos;

(c) os limites interestaduais e internacionais.

Não se consideram prioritários, no entanto, critérios como antiguidade e grau de isolamento com relação a centros mais desenvolvidos na região, diferente do que tem sido feito tradicionalmente em trabalhos de natureza dialetal.

Na escolha das localidades foi também avaliada a proposta de Nascentes (1958), tendo-se chegado a cento e trinta e quatro localidades coincidentes com os seiscentos e seis pontos por ele sugeridos em 1958.

Com relação aos atlas regionais já publicados¹⁰ regis-

¹⁰ Com as localidades do APFB coincidem: Barra, Caetité, Carinhanha, Itaberaba, Jacobina, Jeremoabo, Santa Cruz Cabralia, Santana e Vitória da Conquista; com as do ALS: Estância e Propriá; com as do ALPB: Cajazeiras, Campina Grande, Itaporanga, João Pessoa e Patos; com as do EALMG: Belo Horizonte, Campina Verde, Diamantina, Formiga, Itajubá, Janaúba, Janaúria, Juiz de Fora, Lavras, Montes Claros, Muriaé, Ouro Preto, Passos, Patos de Minas, Pirapora, Poços de Caldas, São João del Rei, Teófilo Otoni, Uberlândia, Unaí e Viçosa; com as do ALPR: Adrianópolis, Barracão, Campo Mourão, Curitiba, Guarapuava, Lapa, Londrina e Umuarama; com as do ALERS: no Paraná: Adrianópolis, Barracão, Campo Mourão, Curitiba, Guarapuava, Lapa, Londrina, Toledo e Umuarama; em Santa Catarina: Blumenau, Concórdia, Criciúma, Florianópolis, Lajes (Lages), Itajaí, Porto União, São Francisco do Sul e Tubarão; no Rio Grande do Sul: Bajé (Bagé), Caçapava do Sul, Erichim (Erechim), Palmeira das Missões, Osório, Passo Fundo, Porto Alegre, Santa Maria, Santana do Livramento, São Borja, São José do Norte, Três Passos, Vacaria e Uruguaiana.

tram-se quarenta e quatro casos de coincidência — nove do *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB), duas do *Atlas Linguístico de Sergipe* (ALS), vinte e uma do *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* (EALMG), cinco do *Atlas Linguístico da Paraíba* (ALPB), oito do *Atlas Linguístico do Paraná* (ALPR) e trinta e duas do *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil*¹¹.

5.2.2 Informantes

Para a análise da variação diageracional estão previstos informantes de duas faixas etárias: uma mais jovem, de 18 a 30 anos, e uma mais velha, de 50 a 65 anos.

Quanto à variação diassexual ou diagenérica, os informantes em número de quatro em cada ponto — exceto nas capitais de estados, onde serão inquiridos oito informantes — distribuem-se igualmente pelos dois gêneros, em cada localidade, perfazendo um total de quinhentos e cinquenta (550) homens e quinhentas e cinquenta (550) mulheres.

Do ponto de vista estratégico, priorizam-se o grau de escolaridade e a inserção do informante no contexto social local, com endereço e profissão definidos, evitando-se indivíduos que, por qualquer motivo, se encontrem marginalizados pela comunidade. Quanto à escolaridade, entende-se que o tipo de informante representativo de cada localidade não deve estar nos graus extremos de formação escolar, optando-se por indivíduos alfabetizados e que tenham cursado, no máximo, até a 4ª série¹². Excetuam-se as capitais de estado, onde, levando em conta a maior densidade populacional e a grande diversidade

¹¹ Quadro alterado em função de mudanças posteriores. (N.E.)

¹² O andamento da pesquisa de campo exigiu, em função das dificuldades que se apresentaram, a ampliação da escolaridade que se estendeu até a 8ª série. (N.E.)

de de estratos sociais, o número de informantes é maior, incluindo-se também quatro informantes de nível de escolarização universitário.

Como é a norma em trabalhos de natureza geolinguística, os 1100 informantes devem ser naturais da região linguística pesquisada, da qual não se tenham afastado por mais de 1/3 de suas vidas. Seus pais devem ser também, preferentemente, da mesma região linguística que eles.

Para minimizar as interferências linguísticas de outras áreas, pelo menos em termos de contato pessoal, já que a presença dos meios de comunicação promove, hoje, o conhecimento das mais distantes regiões e, conseqüentemente, de diferentes variantes, pretende-se evitar também os informantes cuja ocupação ou profissão requeira grande mobilidade (como caminhoneiros, militares, etc.).

5.3 PESQUISA DE CAMPO

Para a pesquisa de campo destacam-se: a preparação dos materiais para a recolha de dados, entre os quais se mencionam os questionários linguísticos, o treinamento de pesquisadores-documentadores e a própria realização dos inquéritos que se devem pautar de acordo com os princípios metodológicos acordados nacionalmente, de modo a obter-se a necessária homogeneidade de dados.

A gravação de dados se fará *in loco* e diretamente a cada um dos informantes e deverá ser submetida, posteriormente, ao processo de transcrição grafemática e fonética, de acordo com o tipo de questionário. A parte referente à prosódia será tratada com programas específicos.

Os materiais de campo serão recolhidos sob duas formas: a gravação de dados em *mini-discs* e o registro de informações sobre localidades e informantes, anotados em fichas específicas para cada um dos casos.

A ficha de localidade procura descrever a realidade da

área pesquisada, fornecendo dados que permitam o estabelecimento de relações necessárias à interpretação dos fatos linguísticos.

A ficha para anotação de dados de informantes tem por objetivo não apenas identificar o falante alvo da gravação, mas também situá-lo sociolinguisticamente. Desse modo, incluem-se informações sobre a sua profissão (assim como dos pais e cônjuge), sua renda individual ou familiar, o contato que mantêm com os meios de comunicação (TV, rádio, jornal, revista), suas preferências e diversões, sua participação em atividades religiosas, com a finalidade de caracterizá-lo melhor e estabelecer as possíveis relações com os seus usos linguísticos.

5.3.1 Questionários

Os questionários¹³ para a constituição do *corpus* do Atlas Linguístico do Brasil elaborados pelos membros do Comitê Nacional têm sido cuidadosamente revistos, procurando-se alcançar um nível de adequação e propriedade compatíveis com as necessidades de um projeto como este, de âmbito nacional.

Estão previstos três tipos de questionário: (a) Questionário semântico-lexical (QSL); (b) Questionário morfossintático (QMS); e (c) Questionário fonético-fonológico (QFF), que inclui questões para apuração de diferenças prosódicas. Acrescentam-se questões referentes à pragmática, assim como sugestões de temas para o registro de discursos semidirigidos, questões de natureza metalinguística e texto para leitura.

Todas as questões têm uma formulação inicial, de modo a assegurar um grau razoável de uniformidade, necessário à intercom-

¹³ A 1ª versão dos Questionários foi publicada em 1998 e a 2ª, em 2001, ambas pela Editora da Universidade Estadual de Londrina, sob os auspícios do Programa de Pós-Graduação em Letras da UEL. (N.E.).

parabilidade dos dados obtidos, acrescentando-se, em alguns casos, gravuras que visam a auxiliar o desenvolvimento do inquirido.

A maioria das questões tem como objetivo apurar a variação diatópica no português do Brasil, com vistas ao estabelecimento e à caracterização de áreas dialetais.

5.3.1.1 Questionário semântico-lexical (QSL)

O questionário semântico-lexical consta de 207 itens, que se distribuem por 15 áreas semânticas, a saber: acidentes geográficos; fenômenos atmosféricos; astros e tempo; flora¹⁴; atividades agropastoris; fauna; corpo humano; cultura e convívio; ciclos da vida; religião e crenças; festas e divertimentos; habitação, alimentação e cozinha; vestuário; vida urbana.

A necessidade de uniformização levou à formulação prévia de todas as questões.

A seleção dos itens a incluir no QSL levou em conta, além da orientação onomasiológica, o objetivo de documentar o registro coloquial do falante, buscando as formas de emprego mais geral na localidade, sem priorizar regionalismos, arcaísmos ou linguagens especiais de grupos.

Desse modo, não se incluem, por exemplo, perguntas a respeito de flora, fauna, acidentes geográficos, costumes ou objetos característicos exclusivamente de determinadas regiões, como, por exemplo, *geada, neve, tipos de abóbora, danças regionais* etc.

Incluem-se, porém, perguntas referentes a formas que se revelaram de interesse do ponto de vista lexical nos atlas publicados, quer pela riqueza sinonímica que apresentam, quer pela indicação de áreas dialetais. Alguns exemplos são:

¹⁴ Área semântica posteriormente excluída. (N.E.).

- *Parte terminal da inflorescência da bananeira*, em que as formas **buzo, buza, buzina** predominam na área baiana limítrofe com Sergipe (cf. ALS, carta n° 33) em todas as localidades, à exceção de uma. Outras formas documentadas no APFB, como **umbigo, coração, engajo** encontram-se também no ALPR, onde não se registram **buzo, buza, buzina** (cf. ALPR, carta n° 45)¹⁵
- *Galinha-d'angola*, documentada no APFB (carta n° 114) com as formas **galinha-d'angola, guiné, cocar, saqué, conquém**, que se distribuem geograficamente formando pequenas áreas, e no ALS (carta n° 116), quase exclusivamente com a forma **guiné**¹⁶.
- *Cisco que cai nos olhos*, em que a forma **argueiro** tem também distribuição geográfica definida na Bahia – na área próxima a Sergipe e em toda a parte setentrional – (cf. APFB, carta n° 90), e é geral em Sergipe, onde deixa de figurar em apenas uma localidade (cf. ALS, carta n° 97), e na Paraíba (cf. ALPB, cartas n° 78, 79)¹⁷;
- *Cambalhota* – uma das poucas cartas que constam dos cinco atlas publicados¹⁸ – que apresenta várias bases lexicais e variantes fônicas diversas: **maria-escambota, maria-escambona, cambota, carambota, canastra, bunda canastra, cangapé, cambriola** etc. (cf. APFB, carta n° 109; ALS, carta n° 113; ALPB, cartas n° 102 e 103; EALMG, cartas n° 27, 28 e 29 e ALPR, carta n° 88).

¹⁵ **Umbigo e coração** ocorrem, com bastante frequência, em todo o Estado do Paraná, à exceção de pequenas áreas. **Engajo** ocorre apenas duas vezes. Outras formas registradas são: **flor**, com dez ocorrências, **espiga**, com cinco.

¹⁶ Registram-se ainda no ALS: **galinha-d'angola, caterê e tô fraco**.

¹⁷ No ALPB registra-se **argueiro** nos 25 pontos investigados, em um deles – ponto 3 – ao lado da forma **cisco**.

¹⁸ Apenas quatro cartas são comuns aos cinco atlas publicados: **arco-íris, neblina, estrela cadente e cambalhota**.

5.3.1.2 Questionário fonético-fonológico (QFF)

O questionário fonético-fonológico, com 159 questões, orienta-se no sentido de identificar as áreas em que ocorrem fatos fônicos anteriormente documentados, tais como:

- realização aberta ou fechada das vogais médias anteriores ou posteriores em distribuição pré-acentuada, como em **pecado** ou **co-ração**, respectivamente – fato que, como sabemos, divide os falares brasileiros em dialetos do Sul e dialetos do Norte, conforme já salientado por Nascentes (1953, p. 25);
- neutralização entre vogais médias e altas em distribuição inacentuada, anteriores, como em **estrada**, **hóspede**, **tarde** ou posteriores, como em **assobio**, **árvore**, **pecado**;
- ditongação de vogal em posição acentuada, em distribuição final absoluta, diante da constrictiva /S/, como em **pás**, **pés**, **luz**;
- redução dos ditongos **ei**, **ai**, **ou**, como em **feira**, **caixa**, **ouro**, respectivamente;
- nasalização vocálica condicionada pela consoante seguinte, como em **camisa**, **fome**;
- vocalização da consoante lateral em posição implosiva, como em **almoço**, **sal**, **sol**, **mel**, **azul**;
- realização dento-alveolar ou palatal da consoante constrictiva em posição implosiva, como em **caspa**, **desde**, **mesmo**, **rapaz**, **freguês**;
- realização palatalizada das oclusivas dentais (/t, d/) depois de semivogal anterior (/j/), como em **muito**, **doido** ou diante de vogal anterior alta (/i/) como em **noite**, **dia**;
- realizações do R em diferentes posições: **rua**, **sorriso**, **certo**, **amar** ou apócope em posição final diante de pausa, com em **cantar**, **amor**;

- iotização ou despalatalização da lateral palatal (/ʎ/) como em **velho**, **mulher**, respectivamente;
- iotização da nasal palatal (/ɲ/) como em **amanhã**;
- desaparecimento do /d/ em formas de gerúndio, como em **remando**, **fervendo**, **sorrindo**;
- realização de palavras proparoxítonas como paroxítonas, como em **abóbora**, **fósforo**, **sábado**;
- neutralização entre as líquidas lateral e não-lateral nos grupos consonânticos de oclusiva ou constrictiva + líquida (/pl, kl, fl/), como em **planta**, **clara**, **flor**;
- casos de metátese, como em **perguntar**, **encontrar**;
- casos de deslocamento do acento tônico, como em **vômito**, **ruim**.

Para as áreas de colonização não-lusa, acrescentam-se 24 questões¹⁹, com o objetivo de apurar variantes características de falantes que não tenham aprendido o português como primeira língua, ou que convivam com grupos de falantes não-nativos do português, do tipo:

- neutralização da oposição entre a vogal média aberta e a média fechada em pares como **séca: seca**; **almóço; almoço**;
- neutralização da oposição sonora; não-sonora em pares como **papa: baba**; **pomba: bomba**; **corta: corda**; **faca: vaca**; **queixo: queijo**; **asa: assa**;
- neutralização da oposição consonântica em pares do tipo **caro: carro**.

¹⁹ Uma avaliação posterior sobre essa questão levou a que se decidisse, por razões metodológicas e operacionais, pela não aplicação de perguntas específicas em áreas de colonização não lusa. (N.E.).

5.3.1.3 Questionário morfossintático (QMS)

No questionário de morfossintaxe, as 124 perguntas²⁰ visam a apurar fatos gerais do português do Brasil, tais como:

- gênero de algumas palavras (**alface, telefonema, pijama**);
- casos de flexão nominal (gênero e número de nomes em **-ão**; plural de nomes em **al, el, ol (animal, mel, farol)**; plural de nomes com morfema alternante do tipo **ovo, fogo**);
- ausência ou presença do artigo com nome próprio;
- casos de concordância nominal e verbal, do tipo **os menino fez, a gente vamos, tu vai**;
- uso dos pronomes: **nós/a gente; tu/você**;
- uso de **você** com valor impessoal;
- uso de possessivos de 2ª e 3ª pessoas do singular: **seu/teu, seu/dele**;
- formas flexionais de verbos como **ouvir, caber, suar** (presente do indicativo); **saber, trazer** (perfeito do indicativo); **trazer, pôr, vir, saber** (futuro do subjuntivo);
- uso de participios passados reduzidos em verbos como **escapar, falar, pegar, trazer**.

5.3.1.4 Os inquéritos linguísticos

Os membros do Comitê Diretor têm sob a sua responsabilidade a coordenação e preparação das equipes de inquiridores que

²⁰ Análises e discussões posteriores levaram a que se reduzisse o Questionário Morfossintático a 49 questões. (N.E.).

devem fazer a recolha dos dados, tendo sido atribuída a cada um deles uma área do território brasileiro, com vistas a facilitar o trabalho e permitir um acompanhamento mais direto.

Cada equipe de inquiridores deve ser constituída de seis pessoas – em geral bolsistas – chegando-se, assim, a 30 inquiridores. Aqui, mais uma vez, estamos entre o ideal do inquiridor único ou de um reduzido corpo de inquiridores e a viabilidade da consecução do trabalho em tempo considerado razoável (aproximadamente oito anos).

Para que se mantenha a homogeneidade na aplicação dos inquéritos e, posteriormente, na transcrição dos dados e na elaboração das cartas linguísticas estão previstos, além de reuniões do Comitê Diretor, seminários com a participação de todos os que integram o Projeto, para fixação de procedimentos comuns, treinamentos e discussões dos pontos que se considerem importantes.

Dentro dessa política de trabalho coordenado em nível nacional inicia-se, com um *workshop* para a homogeneização de técnicas e métodos de trabalho de campo, a segunda etapa do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – etapa de treinamento dos inquiridores e aplicação dos inquéritos – prevista para os próximos quatro anos. Nesse *workshop* serão discutidos aspectos metodológicos utilizados em pesquisas dialetais, com especial enfoque na escolha e abordagem dos informantes, nas técnicas de aplicação do questionário, na identificação e catalogação dos materiais registrados, nas transcrições grafemática e fonética dos dados.

5.4 ETAPAS

O Atlas Linguístico do Brasil pressupõe, para a implantação do Projeto e para a sua realização, três grandes etapas: (a) a de preparação, que vai da criação do Comitê à elaboração do questionário; (b) a de execução da pesquisa, que compreende o trabalho de campo e (c) a de exegese e análise dos dados, seguindo-se a editoração e publicação dos materiais.

5.4.1 Primeira etapa

Por ocasião do Seminário Nacional *Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil*, realizado em Salvador-Bahia, sob os auspícios da Universidade Federal da Bahia, nos dias 4, 5 e 6 de novembro de 1996, criou-se um Comitê Nacional, com a incumbência de implementar e dirigir o Projeto, constituído dos Professores Jacyra Andrade Mota (Universidade Federal da Bahia), Maria do Socorro Aragão (Universidade Federal do Ceará), Mário Roberto Lobuglio Zágari (Universidade Federal de Juiz de Fora), Suzana Alice Marcelino Cardoso (Universidade Federal da Bahia), Vanderci de Andrade Aguilera (Universidade Estadual de Londrina), autores de atlas regionais já publicados, e do Prof. Walter Koch, que dirigia o *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul* (KOCH; KLASSMANN; ALTENHOFEN, 2002), em fase de elaboração, contando, ainda, com o assessoramento do Prof. Michel Contini, Diretor do Centre de Dialectologie da Université Stendhal de Grenoble. Nessa mesma ocasião, foi indicada a Profa. Suzana Alice Marcelino Cardoso para assumir a coordenação do projeto.

Para elaboração do projeto foram realizadas duas reuniões do Comitê Nacional. A primeira, em Maceió, antecedendo o Congresso Nacional da ABRALIN, e a segunda em Belo Horizonte, por ocasião da 49ª Reunião Anual da SBPC.

A I Reunião Nacional aconteceu, como previsto, nos dias 11 e 12 de março de 1997 e nela foram apreciadas uma versão preliminar do projeto e uma proposta de rede nacional de pontos, sendo, ainda, deliberados o número de informantes por localidade e o perfil de que devem revestir-se e, em caráter preliminar, levantados tópicos referentes ao questionário linguístico.

Na II Reunião Nacional, realizada nos dias 13 e 14 de julho de 1997, concluiu-se a elaboração do projeto, com fixação do cronograma nacional e estabelecimento de diretrizes para uma política de captação de recursos para a sua imediata execução; estabeleceu-se a rede de pontos; e foram preparadas as versões preliminares dos ques-

tionários linguísticos – semântico-lexical, fonético-fonológico e morfo-sintático — que deveriam ser testados em diferentes pontos do país.

A terceira, realizada em Natal, nos dias 14 e 15 de julho de 1998²¹, ocupou-se, fundamentalmente, da análise dos questionários, sendo discutidas as propostas de modificação à versão preliminar apresentadas pelos membros do Comitê.

Para a formação e treinamento de pesquisadores a integrar as equipes executoras do Atlas, estão programados cursos, seminários e *workshops* nacionais²² e específicos por área. Os cursos serão realizados em pontos geograficamente definidos com vistas a facilitar o acesso dos membros de núcleos regionais.

A definição da rede teve como pressuposto o estudo sistemático da realidade brasileira, do processo de povoamento e de

²¹ Até 2013, foram realizadas 37 Reuniões do Comitê Nacional, nas datas e locais a seguir indicados: Maceió: I (março.1977); XV (fevereiro.2004); Belo Horizonte: II (julho. 1997); XXII (março. 2007); Natal: III (julho.1998); Florianópolis: IV (fevereiro.1999); Salvador: V (setembro. 1999); VIII (setembro. 2000); XIV (abril.2004); XIX (agosto.2005); XXIV (março.2008); XXVIII (julho. 2009); XXIX (julho. 2010); XXXI (novembro. 2010); XXXIII (julho. 2011); XXXV (julho. 2012); XXXVII (novembro. 2013); Juiz de Fora: VI (dezembro.1999); Londrina: VII (julho. 2000); XI (novembro. 2002); Fortaleza: IX (março. 2001); X (setembro. 2001); Rio de Janeiro: XII (março. 2003); Recife: XIII (julho. 2003); João Pessoa: XVI (setembro. 2004); XX (maio. 2006); XXVII (março. 2009); São Luís: XVII (novembro. 2004); XXX (outubro. 2010); Brasília: XVIII (fevereiro. 2005); Uberlândia: XXI (novembro. 2006); Porto Alegre: XXIII (abril. 2007); XXVI (outubro. 2008); Montevideu (Uruguai): XXV (agosto. 2008); Alcalá de Henares (Espanha): XXXII (junho. 2011); São Paulo: XXXIV (fevereiro. 2012); Belém: XXXVI (setembro. 2012). Salvador: XXXVII (novembro.2013). (N.E.).

²² Iniciados em 1999, até 2013 foram realizados 11 *workshops*. Em Salvador, na Universidade Federal da Bahia, realizaram-se o I *Workshops* Nacional do Projeto ALiB, em 1999, e todos os demais, a partir de 2004 (o IV, em 2004; o V, em 2005; o VI, em 2008; o VII, em 2009; o VIII, em 2010; o IX, em 2011, o X, em 2012 e o XI, em 2013). Em Londrina, na Universidade Estadual de Londrina, ocorreram o II e o III *Workshops* Nacionais do Projeto ALiB, respectivamente, em 2000 e em 2002. (N.E.).

desenvolvimento sócio-político-econômico de cada área. Para tanto, contou-se com o assessoramento de antropólogos, historiadores e geógrafos, e, ainda, com a colaboração de indigenistas.

Como preparação a essas atividades de treinamento e como forma de testar-se o conjunto de questionários, foram feitos, no curso de 1998, dezesseis inquéritos experimentais, aplicados nos seguintes pontos: Alagoinhas – BA, Vitória da Conquista, BA, Limoeiro do Norte, CE, Bacabal, MA, Dourados, MS, Guajará-Mirim, RO, Triunfo, RS. Os resultados desses inquéritos foram consolidados e submetidos à análise para discussão no primeiro *workshop*, realizado em 1999.

5.4.2 Segunda etapa

Essa etapa compreende a realização dos inquéritos linguísticos em todo o território nacional, abrangendo um total de 250 localidades e 1.100 informantes. Aplica-se o mesmo questionário com registro magnetofônico integral.²³

5.4.3 Terceira etapa

A terceira etapa compreende a análise dos dados coletados, a elaboração de cartas linguísticas e comentários, a editoração e publicação dos materiais²⁴. A análise dos materiais será feita pelos grupos responsáveis, especificamente, e posteriormente os dados serão consolidados no núcleo que se encarregará da elaboração das cartas do atlas.

²³ Em setembro de 2013, concluiu-se constituição do *corpus* ALiB, alcançando-se, como programado, a documentação de 1.100 informantes, distribuídos por 250 localidades, entre as quais se incluem as capitais de estado (exceto Palmas e o Distrito Federal, por razões metodológicas) e depois de percorrer-se um total de 257.852 quilômetros. (N.E.).

²⁴ Preparam-se os três primeiros volumes, assim estruturados: um volume de introdução (Volume 1) e dois volumes com dados das capitais — cartas linguísticas fonéticas, incluindo-se cartas prosódicas, semântico-lexicais e morfossintáticas (Volume 2) e estudos sobre as cartas (Volume 3). (N.E.).

Para a elaboração de cartas linguísticas e comentários deverá ser estabelecido um núcleo nacional, onde se dará o processamento dos dados e a elaboração das cartas que constituirão os diversos volumes de que se comporá o atlas do Brasil. Os comentários às cartas serão preparados por membros participantes da pesquisa e devem seguir uma mesma linha teórico-metodológica.

A editoração dos materiais ficará a cargo de um comitê nacional.

5.5 ORGANIZAÇÃO GERAL

O Projeto Atlas Linguístico do Brasil está, assim, estruturado:

• Comitê Diretor:

Diretor Presidente: Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso

Diretor Executivo: Jacyra Andrade Mota

Diretores Científicos: Maria do Socorro Silva de Aragão

Mário Roberto Lobuglio Zágari

Vanderci de Andrade Aguilera

Walter Koch²⁵

²⁵ Foram, posteriormente e em momentos distintos, integrados ao Comitê Nacional os professores Aparecida Negri Isquerdo (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul), na XI Reunião do Comitê Nacional (Londrina, 11-15. nov. 2002), Abdelhak Razky (Universidade Federal do Pará), em 2004, Cléo Wilson Altenhofen (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), em 2005, Ana Paula Antunes Rocha (Universidade de Ouro Preto), em 2008, e Felício Wessling Margoti (Universidade Federal de Santa Catarina), em 2009. Registra-se o falecimento de Walter Koch (2008) e Mário Roberto Lobuglio Zágari (2010). Deixam de integrar o Comitê Nacional, por motivos pessoais, Ana Paula Antunes Rocha e Cléo Wilson Altenhofen, respectivamente, a partir de 2012 e 2013. (N.E.).

- Coordenadores Regionais
- Comissão de assessores
- Comissão de transcrição de dados
- Comissão de informática
- Comissão de redação
- Comissão de editoração

REFERÊNCIAS

- AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Atlas lingüístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.
- ARAGÃO, Maria do Socorro; MENEZES, Cleusa Bezerra de. *Atlas lingüístico da Paraíba*. I-II. Brasília: Universidade Federal da Paraíba: CNPq, 1984.
- BOLÉO, Manuel de Paiva. Le matériel de l' I.L.B. et quelques études de comparaison avec l' "Atlas Lingüístico de la Península Ibérica" et l' "Atlas Prévio dos Falares Baianos". *Revista Portuguesa de Filologia*, v. XVII, t. I e II. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1975-1976.
- CARDOSO, Suzana. Tinha Nascentes razão? (Considerações sobre a divisão dialetal do Brasil). *Estudos: lingüísticos e literários*. Salvador: Mes-trado em Letras / UFBA, n.5, p. 47-59, 1986.
- CARDOSO, Suzana; FERREIRA, Carlota. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.
- CONTINI, Michel; TUAILLON, Gaston. *Atlas Linguistique Roman*, I. *Présentation*. Roma: Istituto Poligrafico e Zecca dello Stato, 1996.
- ELIZAINCÍN, Adolfo; THUN, Harald. El 'Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay'. Un proyecto bilateral en marcha. *Diálogo Científico*. v. 1, n. 1. Tübingen: Institut für Wissenschaftliche. p. 128-129, 1992.

FERREIRA, Carlota; MOTA, Jacyra; FREITAS, Judith; ANDRADE, Nadja; CARDOSO, Suzana; ROLLEMBERG, Vera; ROSSI, Nelson. *Atlas lingüístico de Sergipe*. Salvador: UFBA, FUNDESC, 1987.

FERRER, Eduardo Blasco. Geolinguística e ricostruzione. In: Atlanti lingüistici italiani e romanzi. Esperienze a confronto. Congresso Internazionale, *Atti...*(a cura de Giovanni Ruffino). Palermo: Centro di Studi Filologici e Lingüistici Siciliani, 1992.

KOCH, Walter; KLASSMANN, Mário; ALTENHOFEN, Cléo (orgs.). *Atlas lingüístico-etnográfico da região Sul do Brasil (ALERS)*. Porto Alegre/ Florianópolis/Curitiba; Ed. UFRGS/ Ed. UFSC/Ed. UFPR, 2002.

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, W. *Principles of linguistic change*. VI – Internal factors. Cambridge: Blackwell, 1994.

LOPE BLANCH, J. M. La sociolingüística y la dialectología hispánica. In: Alvar, Manuel; Lope Blanch, M., *En torno a la sociolingüística*. México: UNAM, 1978.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Si-mões, 1953.

NASCENTES, Antenor. *Bases para a elaboração do atlas lingüístico do Brasil*. Rio de Janeiro: MEC, Casa de Rui Barbosa, v. I, 1958; v.II, 1961.

POP, Sever. *La dialectologie. Aperçu historique et méthodes d'enquêtes linguisti-ques*. I-II, Louvain: Chez l'Auteur-Gembloux, Ducolot, 1950.

RIBEIRO, José; ZÁGARI, Mário; PASSINI, José; GAIQ, Antônio. *Esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais*, I. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa: Universidade Federal de Juiz de Fora, 1977.

ROSSI, Nelson; FERREIRA, Carlota; ISENSEE, Dinah. *Atlas prévio dos falares baianos*. Rio de Janeiro: INL, MEC, 1963.

ROSSI, Nelson. A Dialectologia. *ALFA*, n. 11, Marília: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília. p. 112, 1967.

SILVA NETO, Serafim. *Guia para estudos dialectológicos*. 2ª ed. Belém: Conselho Nacional de Pesquisa, Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia, 1957.

THUN, Harald. La geolingüística como lingüística variacional general con ejemplos del Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay. In: *Atlanti linguistici italiani e romanzi. Esperienze a confronto. Congresso Internazionale, Atti...* (a cura de Giovanni Ruffino). Palermo: Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani, 1992.

THUN, Harald. La géographie linguistique romane à la fin du XXe. siècle. In: XXIIe. Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes. Bruxelles, 1998, *Actes...* Tübingen: Niemeyer, 2000, v. III.

THUN, Harald; FORTE, Carlos, E; ELIZAINCIN, Adolfo. El Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU). Presentación de un proyecto. *Iberoromania*, n. 30, 1989.

THUN, Harald; ELIZAINCÍN, Adolfo. *Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU)*. T. I: Consonantismo y vocalismo del español. Fasc. A.1. Lateral palatal (/k/, <ll>) y fricativa mediopalatal. (/j/, <y>): Lleísmo, yeísmo, zeísmo y jeísmo en el español uruguayo. T. I: Consonantismo y vocalismo del portugués. Fasc. A.1. Lateral palatal y fricativa mediopalatal. Laterales y palatales. Kiel: Westensee Verl., 2000.

ZÁGARI, Mário. Os falares mineiros. Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais. In: Aguilera, Vanderci. *A Geolingüística no Brasil. Caminhos e Perspectivas*. Londrina: Editora UEL, 1998, p. 32-35.

Instrumentos Metodológicos



FICHA DA LOCALIDADE

Nº do ponto:

Nº do informante:

| | |
|----|--|
| 1 | NOME OFICIAL: |
| 2 | NOME REGIONAL: |
| 3 | NOMES ANTERIORES: |
| 4 | NOME(S) DADO(S) AOS HABITANTES: a) pelos próprios: b) pelos habitantes de outras localidades: |
| 5 | NOME(S) DADO(S) AO FALAR LOCAL: a) pelos próprios habitantes: b) pelos habitantes de outras localidades: |
| 6 | NÚMERO DE HABITANTES: a) oficial: b) cálculo do informante: |
| 7 | ATIVIDADES ECONÔMICAS PREDOMINANTES: |
| 8 | INDÚSTRIAS CASEIRAS: |
| 9 | SUBLOCALIDADES (subúrbios, sub-distritos, povoações, etc.): |
| 10 | COMUNICAÇÕES (rodoviárias, fluviais, marítimas, ferroviárias, etc.): |
| 11 | DADOS SOBRE A INFRAESTRUTURA DA LOCALIDADE (alojamentos, escolas, hospitais, etc.): |
| 12 | DADOS SOBRE EMIGRAÇÃO: |
| 13 | DADOS SOBRE IMIGRAÇÃO: |
| 14 | CARACTERÍSTICAS DEMOGRÁFICAS DA LOCALIDADE: |
| 15 | HISTÓRICO SUCINTO DA LOCALIDADE (como surgiu, data da fundação, primeiros habitantes): |
| 16 | OBSERVAÇÕES GERAIS: |

| | | | |
|---|---|--|--|
|  | | FICHA DO INFORMANTE | |
| Nº do ponto: | | Nº do informante: | |
| DADOS PESSOAIS DO INFORMANTE | | | |
| 1 NOME: | | 2 ALCUNHA: | |
| 3 DATA DE NASCIMENTO: | 4 SEXO: A () M B () F | 5 IDADE: | |
| 6 ENDEREÇO: | | | |
| 7 ESTADO CIVIL: A () solteiro B () casado C () viúvo D () outro | | | |
| 8 NATURALIDADE: | 9 COM QUE IDADE CHEGOU A ESTA CIDADE? (CASO NÃO SEJA NATURAL DA LOCALIDADE) | | |
| 10 DOMÍLIOS, ÉPOCA E TEMPO DE PERMANÊNCIA FORA DA LOCALIDADE: | | | |
| 11 ESCOLARIDADE: | | | |
| 12 OUTROS CURSOS: A () especialização B () profissionalizante C () outros | | | |
| 13. NATURALIDADE: | | 14 FOI CRIADO PELOS PRÓPRIOS PAIS? | |
| A da mãe: | | A () sim B () não | |
| B do pai: | | 15 EM CASO NEGATIVO, POR QUEM FOI CRIADO? | |
| C do cônjuge: | | NATURALIDADE: A da mãe adotiva: B do pai adotivo: | |
| 16 ONDE EXERCE SUA PROFISSÃO (CARACTERÍSTICAS SÓCIO-ECONÔMICAS SUMÁRIAS DO BAIRRO, CIDADE): | | | |
| 17 OUTRAS PROFISSÕES/OCUPAÇÕES: | | | |
| 18 PROFISSÃO: | | | |
| A do pai: | | | |
| B da mãe: | | | |
| C do cônjuge: | | | |
| RENDA | | | |
| 19 TIPO DE RENDA: A () individual B () familiar | | | |

| | | | | |
|--|----------------|--|-----------|-------|
| CONTATO COM OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO | | | | |
| 20 ASSISTE TV? | | 21 PROGRAMAS PREFERIDOS: | | |
| A () todos os dias | | A () novelas D () noticiários G () outro | | |
| B () às vezes | | B () esportes E () programa religioso | | |
| C () nunca | | C () programa de auditório F () filmes | | |
| 22 TIPO DE TRANSMISSÃO: | | 23 OUVI RÁDIO? | | |
| A () rede gratuita | | A () todos os dias D () parte do dia G () enquanto trabalha | | |
| B () parabólica | | B () às vezes E () o dia inteiro | | |
| C () tv por assinatura | | C () nunca F () enquanto viaja | | |
| 24 PROGRAMAS PREFERIDOS: | | | | |
| A () noticiário geral | | D () noticiário policial G () outro | | |
| B () esportes | | E () música | | |
| C () programa religioso | | F () programa com participação do ouvinte | | |
| 25 LÊ JORNAL? | | | | |
| A () todos os dias B () às vezes C () nunca D () semanalmente E () raramente | | | | |
| 26 NOME DO(S) JORNAL(IS): | | 27 SEÇÕES DO JORNAL QUE GOSTA DE LER: | | |
| A () local | | A () editorial D () programa cultural G () classificados | | |
| B () estadual | | B () esportes E () política H () outra | | |
| C () nacional | | C () variedades F () página policial | | |
| 28 LÊ REVISTA? A () às vezes B () semanalmente C () mensalmente D () raramente E () nunca | | | | |
| 29 NOME/TIPO DE REVISTA: _____ | | | | |
| PARTICIPAÇÃO EM DIVERSÕES | | | | |
| | FREQUENTEMENTE | ÀS VEZES | RARAMENTE | NUNCA |
| 30 CINEMA | A () | B () | C () | D () |
| 31 TEATRO | A () | B () | C () | D () |
| 32 SHOWS | A () | B () | C () | D () |
| 33 MAN. FOLCLÓRICAS | A () | B () | C () | D () |
| 34 FUTEBOL | A () | B () | C () | D () |
| 35 OUTROS ESPORTES | A () | B () | C () | D () |
| 36 OUTROS | A () | B () | C () | D () |
| 37 QUE RELIGIÃO OU CULTO PRÁTICA? _____ | | | | |

| PARA PREENCHIMENTO APÓS A ENTREVISTA | |
|---|------------------|
| 38 CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS DO INFORMANTE: A () tímido B () vivo C () perspicaz D () sarcástico | |
| 39 ESPONTANEIDADE DA ELOCUÇÃO: A () total B () grande C () média D () fraca | |
| 40 POSTURA DO INFORMANTE DURANTE O INQUÉRITO: A () cooperativa B () não cooperativa C () agressiva D () indiferente | |
| 41 CATEGORIA SOCIAL DO INFORMANTE: A () "A" B () "B" C () "C" D () "D" | |
| 42 GRAU DE CONHECIMENTO ENTRE INFORMANTE E INQUIRIDOR: A () grande B () médio C () pequeno D () nenhum | |
| 43 INTERFERÊNCIA OCASIONAL DE CIRCUNSTANTES: A () sim B () não | |
| 44 CARACTERIZAÇÃO SUMÁRIA DO(S) CIRCUNSTANTE(S): | |
| 45 AMBIENTE DO INQUÉRITO: | |
| 46 OBSERVAÇÕES: | |
| 47 NOME DO ENTREVISTADOR: | |
| 48 LOCAL DA ENTREVISTA: | CIDADE: UF: |
| 49 DATA DA ENTREVISTA: | 50 DURAÇÃO: |

| | |
|---|-----------------------------------|
|  | QUESTIONÁRIOS²⁶ |
|---|-----------------------------------|

APRESENTAÇÃO

O **Projeto Atlas Linguístico do Brasil** (Projeto ALiB) ganha forma em fins de 1996, por ocasião do Seminário *Caminhos e perspectivas para a Geolinguística no Brasil* realizado em Salvador, na Universidade Federal da Bahia, de 4 a 8 de novembro. A partir de então, criado o Comitê Nacional que se incumbiria de implementá-lo, vem se dando cumprimento às etapas traçadas seguindo o cronograma definido.

Concebido como um projeto de caráter nacional, pela sua abrangência e pela distribuição espacial dos que o dirigem, o Projeto ALiB tem por **objetivos**:

- Descrever a realidade linguística do Brasil, no que tange à língua portuguesa, com enfoque na identificação das diferenças diatópicas (fônicas, morfossintáticas, léxico-semânticas e prosódicas) consideradas na perspectiva da Geolinguística.
- Oferecer aos estudiosos da língua portuguesa (linguistas, lexicólogos, etimólogos, filólogos), aos pesquisadores de áreas afins (história, antropologia, sociologia, dentre outras) e aos pedagogos (gramáticos, autores de livros-texto para o ensino fundamental e o ensino médio, professores) subsídios para o aprimoramento do ensino/aprendizagem e para uma melhor interpretação do caráter multidialetal do Brasil.

²⁶ Neste volume apresenta-se a versão tal como publicada, em 2001, pela EDUEL. (N.E.).

- Estabelecer isoglossas com vistas a traçar a divisão dialetal do Brasil, tornando evidentes as diferenças regionais através de resultados cartografados em mapas linguísticos e de estudos interpretativos de fenômenos considerados.
- Examinar os dados coletados na perspectiva de sua interface com outras áreas do conhecimento afins — história, sociologia, antropologia e outras —, de modo a poder contribuir para fundamentar e definir posições teóricas sobre a natureza da implantação e desenvolvimento da língua portuguesa no Brasil.
- Oferecer aos interessados nos estudos linguísticos um considerável volume de dados que permita aos lexicógrafos aprimorarem os dicionários, ampliando o campo de informações; aos gramáticos atualizarem as informações com base na realidade documentada pela pesquisa empírica; aos autores de livros didáticos adequarem a sua produção à realidade cultural de cada região; aos professores aprofundarem o conhecimento da realidade linguística, refletindo sobre as variantes de que se reveste a língua portuguesa no Brasil e, conseqüentemente, encontrando meios de, sem desprestigiar seus dialetos de origem, levar os estudantes ao domínio de uma variante tida como culta.
- Contribuir para o entendimento da língua portuguesa no Brasil como instrumento social de comunicação diversificado, possuidor de várias normas de uso, mas dotado de uma unidade sistêmica.

No que se refere à **rede de pontos**, foram selecionadas 250 localidades, distribuídas por todo o território nacional, levando-se em consideração a extensão de cada região, os aspectos demográficos, culturais, históricos e a natureza do processo de povoamento da área.

Foram, ainda, consideradas questões referentes aos limites internos e internacionais e analisados os pontos sugeridos por Nascentes, os quais, quando reconhecida a pertinência, foram mantidos.

Quanto aos **informantes**, ficou fixado o número de oito nas capitais de Estado e quatro nas demais localidades, distribuídos equitativamente por duas faixas etárias — 18 a 30 anos e 50 a 65 anos — e contemplando-se os dois sexos. Quanto à escolaridade, devem ser alfabetizados, tendo cursado, no máximo, até a quarta série do ensino fundamental²⁷, e possuidores de profissão definida, que não requeira grande mobilidade e se encontre inserida no contexto social local. Nas capitais, quatro, dos oito informantes previstos, devem possuir nível universitário. Por fim, os informantes, além da condição primeira de terem nascido na localidade em questão, devem, preferentemente, ser filhos de pais da região linguística em estudo.

Com referência ao **questionário linguístico**, deliberou-se pela aplicação (i) de três tipos de questionário direcionados, especificamente, cada um deles, para os aspectos fonético-fonológico — incluindo-se aí questões de prosódia —, semântico-lexical e morfosintático; (ii) de questões referentes à pragmática; (iii) perguntas de natureza metalinguística. Sugerem-se, além disso, temas para o registro de discursos semidirigidos e leitura de texto. Para a sua elaboração, foram considerados estudos de diferente natureza existentes sobre o português regional do Brasil, os questionários dos atlas já publicados e aqueles disponíveis dos atlas em andamento, e também os questionários do ALiR-*Atlas Linguistique Roman* e do *Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza*.

Foram, ainda, examinados os resultados cartografados nos atlas nacionais. Para os questionários fonético-fonológico e morfosintático, selecionaram-se fatos que, a partir dos dados disponíveis, oferecem maior interesse. Deu-se, no geral, prioridade a questões de maior amplitude, aquelas que recobrem a totalidade ou a quase totali-

²⁷ Cf. Nota 12. (N.E.).

dade do território nacional, não tendo sido contemplados aspectos marcadamente regionais ou de cunho particularizante.

Com esse espírito, chegou-se à formulação dos três questionários:

Questionário Fonético-Fonológico (QFF), com 159 perguntas, além das questões de prosódia, relativas à natureza das frases interrogativas, afirmativas e imperativas.

Questionário Semântico-Lexical (QSL), com 202 perguntas que recobrem 14 áreas semânticas.

Questionário Morfossintático (QMS), com 49 perguntas.

Para a elaboração dos questionários, o Comitê Nacional contou com a colaboração de vários pesquisadores da área e com a participação dos professores Carlota da Silveira Ferreira (UFBA), Denise Gomes Dias Santos (bolsista de Desenvolvimento Científico Regional/CNPq/UFBA), Ismael Pontes (UEL), Judith Mendes de Aguiar Freitas (UFBA), Vera Lúcia Sampaio Rollemberg (UFBA) e Sinval Medeiros de Araújo Júnior (mestrando/UFBA), e dos bolsistas Karina Occaso, Alberto Luís Pugina (CPG/UEL); Márcia Czigler e Etiane Ribeiro da Silva (PIBIC/CNPq/UEL), Fabiane Cristina Altino e Rosa Evangelina Belli Santana Rodrigues (CAPES/UEL), Fádua Moisés Lino (CNPq/UEL); Leodmar Roman de Oliveira e Gleide Milani (monitores/UEL); José Amarante Santos Sobrinho, Flávia Villas Boas de Oliveira Andrade, Lair Farias de Aragão, Sira de Souza Borges (PIBIC/CNPq/UFBA); Letícia de Souza Magalhães, Mércia Silva Abreu (PEP/UFBA), Robson Luís Santos Lima (monitor/UFBA); Ana Paula Gonçalves (CAPES/UFJF); Ana Paula Antunes Rocha, Danielle Nunes Dutra (BIC/FAPEMIG); Lizane Ferreira (BIC/UFJF); Maria Angélica Massena (BIC/CNPq); Cristina Ferreira Costa, Patrícia Barbosa (BIC/PROPESQ/UFRGS); e Vanderlei da Silva Vicente (BIC/FAPERGS), que atuaram em diferentes momentos.

A publicação destes questionários torna-se possível graças ao apoio da Universidade Estadual de Londrina e do Programa de Mestrado em Letras que, prontamente e por iniciativa da Diretora Cien-

tífica, Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera, emprestaram, mais uma vez, a sua valiosa contribuição a este projeto. Ficam, pois, registrados os nossos agradecimentos à Universidade Estadual de Londrina e ao seu Programa de Pós-Graduação em Letras.

Salvador/Fortaleza/Juiz de Fora/Londrina/Porto Alegre, novembro de 2000.

O Comitê Nacional do Projeto Atlas Linguístico do Brasil

Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso
Diretora Presidente

Jacyra Andrade Mota
Diretora Executiva

Maria do Socorro Silva de Aragão
Diretora Científica

Mário Roberto Lobuglio Zágari
Diretor Científico

Vanderci de Andrade Aguilera
Diretora Científica

Walter Koch
Diretor Científico

CONVENÇÕES

- 1) Reticências (...), no início da pergunta, significam: "Como se chama?"
- 2) Em itálico, figuram:
 - a) remissões a itens anteriores
cf.: PINGUELA (QSL, perg. 2)
Como se chama um tronco, pedaço de pau ou uma tábua que serve para passar por cima de um _____ (cf. item 1)?
 - b) sugestões de gestos / atitudes que possam facilitar o entendimento da pergunta pelo informante.
cf.: ONDA DE MAR (QSL, perg. 5)
Como se chama o movimento da água do mar? *Imitar o balanço das águas.*
REAL / REAIS (QFF, perg. 76)
E quanto é que se paga para viajar daqui a _____? *Dizer o nome de uma cidade próxima.*
LANTERNA (QSL, perg. 174)
Como se chama aquele objeto que se usa para clarear no escuro e se leva na mão assim (*mímica*)?
- 3) Entre colchetes, figura(m) outra(s) possibilidade(s) de formulação da pergunta, caso o informante não tenha compreendido a formulação anterior.
cf.: PEITO (QFF, perg. 117)
Onde a criança mama na mãe? [Onde o bezerro mama na mãe?] [A carne branca da galinha se chama carne do _____?]
- 4) Em caixa alta, em itálico, indica-se a ampliação da pergunta.
cf.: MUDAR / CORRER UMA ESTRELA (QSL, perg. 32)

E quando se vê uma _____ (cf. item 31), como é que se diz?

IDENTIFICAR OS VERBOS USADOS PARA EXPRESSAR O MOVIMENTO DA ESTRELA CADENTE.

- 5) Sublinhada e em negrito, no QFF, encontra-se a transcrição grafemática do(s) segmento(s) fônico(s) que se quer, prioritariamente, apurar.
cf.: **AMANHÃ** (QFF, perg. 59)
Como se chama o dia que vem depois de hoje? [O que não deu para acabar hoje eu deixo para acabar _____].
PASSAGEM (QFF, perg. 75)
Quando se pega um transporte de uma cidade para outra, como se chama aquilo que se tem que pagar para poder viajar?
CINEMA (QFF, perg. 96)
Aonde se vai para ver um filme?

QUESTIONÁRIO FONÉTICO-FONOLÓGICO (QFF)

- 1) **CASA**
Qual é o tipo de moradia mais comum aqui da região?
OBTER A FORMA INSERIDA EM CONTEXTOS MAIS AMPLOS.
- 2) **TERRENO**
Onde se constrói uma casa? [O que preciso para construir uma casa?]
- 3) **PRATELEIRA**
... aquilo assim (*mímica*), onde se colocam objetos em casa (latas de mantimentos na cozinha, enfeites na sala...) ou produtos para vender nos supermercados, mercearias, etc.?
- 4) **TELEVISÃO**
... aquele aparelho onde se pode ver novela, jogo, programas...?
- 5) **CAIXA**
Quando se compra uma TV, um ventilador, um sapato, ele vem da loja dentro de quê?
- 6) **TESOURA**
... o objeto com que se corta tecido?
- 7) **CAMINHA** (subst.)
Um copo pequeno é um copinho. E aquele lugar onde a pessoa se deita para dormir, se for pequeno, como se chama?
- 8) **TRAVESSEIRO**
... aquilo onde se recosta a cabeça para dormir na cama?

- 9) **LUZ**
Quando está escuro é porque faltou o quê? [Quando falta energia é que ficou sem _____?]
- 10) **LÂMPADA**
... aquilo que se acende para clarear a casa e, se estiver queimada, a casa fica no escuro? [Quando tem problema com a luz, que queima, como é que se chama aquilo que precisa trocar?]
- 11) **ELÉTRICO**
Antigamente, para passar a roupa, usava-se ferro a brasa. Hoje, qual o tipo de ferro que se usa?
- 12) **TORNEIRA**
... aquilo que se abre quando se quer lavar as mãos numa pia?
- 13) **ÍMÃ**
... aquilo que atrai objetos pequenos de metal, como agulha, prego, alfinete?
- 14) **FECHA**
Para que a porta não fique aberta, se diz: Fulano, _____ a porta.
- 15) **FÓSFORO**
... aquilo que se usa (*mímica*) para acender o fogo?
- 16) **FUMAÇA**
... aquilo que sai do fogo, em fogo de lenha, de carvão, e que, em uma fábrica, sai pela chaminé?
- 17) **PÓLVORA**
... aquilo que se coloca nos fogos / foguetes para que eles estourem?

- 18) **YARRER**
Para limpar o chão, o que é que é preciso fazer (*mímica*)?
- 19) **ALMOÇO**
... uma refeição que se faz, em geral, às 12 horas?
- 20) **RUIM**
Uma comida pode estar boa ou _____.
- 21) **ARROZ**
... o que se come no almoço, uns grãos brancos que podem acompanhar o feijão, a carne?
- 22) **GORDURA**
A carne de porco não é magra porque tem _____.
- 23) **GRELHA**
... uma pequena grade de metal ou de ferro, que se coloca em cima da churrasqueira ou da brasa, para assar carne, frango, etc.?
- 24) **PENEIRA**
... aquele objeto que se usa na cozinha para passar (*mímica*) farinha?
- 25) **COLHER** (subst.)
A carne se come de garfo e faca. E a sopa, com que se toma?
[O que é que se usa para tomar sopa?]
- 26) **LIQUIDIFICADOR / LIQUIDIFICADOR**
... um aparelho que é usado para fazer vitamina, suco, etc.?
- 27) **FERVENDO**
Quando a água da panela está bem quente, cheia de bolhinhas, como é que se diz que ela está?

- 28) **SAL**
O que é preciso colocar na carne para temperar?
- 29) **CEBOLA**
... um tempero de comida que quando se está cortando se chora?
- 30) **TOMATE**
... aquilo vermelho que vende na feira e que se usa para preparar o molho do macarrão?
- 31) **CASCA**
Para comer uma banana, o que é que se tira?
- 32) **ABÓBORA**
... aquilo que dá no chão, grande (*mímica*), com uma casca grossa vermelho-amarelada por dentro e que se cozinha para comer, para fazer doce?
- 33) **CLARA**
No ovo frito, há uma parte branca e outra amarela. Que nome tem a parte branca?
- 34) **GEMA**
E a parte amarela?
- 35) **MANTEIGA**
... aquilo que se passa no pão e se faz da nata do leite?
- 36) **BOTAR**
Quando o feijão está seco, a pessoa que está cozinhando vai _____ (*mímica*) água dentro. [Quando a galinha canta e vai para o ninho, se diz que ela vai _____ ovo].

- 37) **BONITO**
Qual o contrário de feio?
- 38) **ROSA**
... aquela flor bonita, cheirosa, que é presa num talo com espinho?
- 39) **ÁRVORE**
O que é que dá sombra nas ruas, no campo / para o gado nos pastos?
- 40) **PLANTA**
Para se ter flor no jardim, depois que se prepara a terra, o que é que se faz? [Costuma-se dizer: Só colhe quem _____?]
- 41) **OVELHA**
... a fêmea do carneiro?
- 42) **CAVALO**
... aquele animal que serve para transportar a pessoa de um lugar para outro?
OBTER A FORMA INSERIDA EM CONTEXTOS MAIS AMPLOS.
- 43) **MONTAR**
Para andar a cavalo, o que é que se tem que fazer (*mímica*)?
- 44) **ABELHA**
... um inseto que carrega o pólen das flores, vive em colmeias, fabrica um líquido grosso, amarelado, que é usado como alimento e como remédio?
- 45) **MEL**
E o que é que a abelha fabrica?

- 46) **BORBOLETA**
... um bichinho que voa e tem as asas bonitas e coloridas?
- 47) **TEIA**
... aquilo que a aranha faz nas paredes?
- 48) **RATO**
... o bichinho que o gato caça?
- 49) **ELEFANTE**
... um animal grande que sempre se vê em circo, tem uma tromba assim (*mímica*)?
- 50) **PEIXE**
O que é que se pesca nos rios, no mar?
- 51) **CANOA**
... uma embarcação feita de madeira ou de tronco de árvore, utilizada para a navegação em rios, principalmente por índios, por pessoas que moram em lugares próximos de rios?
- 52) **REMANDO**
Quando se faz assim (*mímica*) numa canoa, numa embarcação, está se fazendo o quê?
- 53) **FAZENDA**
... uma propriedade grande onde se cria gado, se planta café, cacau ou....
OBTER A FORMA INSERIDA EM CONTEXTOS MAIS AMPLOS.
- 54) **AFTOSA**
... uma doença que dá no gado, em geral na boca? Dá uma febre. Se não separar o gado doente, ela pega nos outros. É preciso vacinar o gado para ele não ter essa doença.

- 55) **NOITE**
Quando fica tudo escuro e as pessoas vão dormir é a _____?
- 56) **DIA**
E depois da noite, o que é que vem?
- 57) **ANO**
De janeiro a dezembro se diz que se passou quanto tempo? [30 dias dá um mês, 12 meses dá um _____?] [Como é que se chama o período de 12 meses?]
- 58) **SOL**
... aquilo que brilha no céu, de dia?
- 59) **AMANHÃ**
... o dia que vem depois de hoje? [O que não deu para acabar hoje se deixa para acabar _____.]
- 60) **SÁBADO**
... o dia que vem depois de sexta-feira?
- 61) **CALOR**
No inverno faz frio. E no verão?
- 62) **TARDE**
Qual é o contrário de cedo?
- 63) **TRÊS**
O que é que vem depois do dois?
- 64) **DEZ**
O que é que vem depois do nove?
- 65) **CATORZE / QUATORZE**
O que é que vem depois do treze?

- 66) **NÚMERO**
Quatorze não é uma letra, é o quê?
- 67) **ESTRADA**
Por onde os carros passam para irem de uma cidade para outra?
- 68) **POÇA**
... aquela água de chuva que fica parada num buraco da rua ou no meio da estrada?
- 69) **DESVIO**
Quando uma estrada fica interrompida por algum problema, o que é que se faz ao lado para que os carros possam passar?
- 70) **PLACA**
O que é que se põe nas estradas para indicar as direções, avisar de desvios? [O que é que se põe nos para-choques dos carros para identificar, uma coisa assim (*mímica*), com números?]
- 71) **BICICLETA**
... aquilo que tem duas rodas grandes que se senta e sai pedalando?
- 72) **PNEU**
... aquilo que o carro tem: preto, redondo, se passar por um prego fura e se esvazia?
- 73) **VIDRO**
De que material são feitas as janelas, os para-brisas dos carros?
- 74) **SEGURO**
Quando uma pessoa compra um carro e quer se prevenir de um prejuízo grande (um roubo, uma batida), procura um corretor e faz o quê?

- 75) **PASSAGEM**
Quando se pega um transporte de uma cidade para outra, como se chama aquilo que se tem que pagar para poder viajar?
- 76) **REAL / REAIS**
E quanto é que se paga para viajar daqui a _____? *Dizer o nome de uma cidade próxima.*
- 77) **MUITO**
Qual é o contrário de pouco?
- 78) **DEVE**
Você / o(a) senhor(a) tomou / pediu emprestado 500 reais a alguém e não pagou. A pessoa vai a você / ao senhor / à senhora e diz: Fulano, você me _____ 500 reais.
- 79) **OBRIGADO**
Alguém lhe empresta uma coisa, um dinheiro. Quando você / o(a) senhor(a) vai devolver, você / o(a) senhor(a) agradece. Como é que você / o(a) senhor(a) diz?
- 80) **TRABALHAR**
Para ganhar dinheiro, o que é que se precisa fazer?
- 81) **EMPREGO**
Para trabalhar e ganhar dinheiro, é preciso procurar o quê?
[Quando uma pessoa é mandada embora do trabalho, ela perdeu o _____?]
- 82) **INÍCIO**
Quando uma coisa está terminando, se diz que está no fim. E quando está começando, como é que se diz?

- 83) **PREFEITO**
Quem se elege para dirigir uma cidade?
- 84) **ESCOLA**
Onde as crianças vão para aprender a ler?
- 85) **COLEGAS**
O que as pessoas que trabalham juntas são umas das outras?
- 86) **GIZ**
... aquilo branquinho, assim (*mímica*), que serve para escrever no quadro, na escola?
- 87) **BORRACHA**
... aquele objeto que serve para apagar no papel o que se escreveu errado?
- 88) **RASGAR**
Fazer assim (*mímica*) em um papel é _____?
- 89) **AZUL**
Que cor é esta? *Mostrar.*
- 90) **BRASIL**
... o nosso país?
- 91) **BANDEIRA**
... aquilo que representa o país, que é verde, amarelo, azul e branco?
- 92) **PERNAMBUCANO**
Quem nasce no Rio de Janeiro é carioca. E quem nasce em Pernambuco?

- 93) **SOLDADO**
... a pessoa que usa farda, que vive em quartel? [Tem o tenente, o sargento e depois o que é que vem?]
- 94) **CORREIO**
Quando se quer mandar uma carta de uma cidade para outra, como é que se faz?
- 95) **LIQUIDAÇÃO / LIQUIDAÇÃO**
De vez em quando, as lojas querem vender toda a mercadoria para acabar com o estoque, às vezes para acabar até com a loja, então baixam muito os preços. O que é que elas fazem?
- 96) **CINEMA**
Aonde se vai para ver um filme?
- 97) **DEFESA**
No futebol, os jogadores que não jogam no ataque onde é que jogam? [Numa luta, quem não está no ataque está na _____.]
- 98) **CALÇÃO**
Os jogadores de futebol aqui (*apontar*) usam camiseta. E aqui (*apontar*) o que é que usam?
- 99) **UNIÃO**
Para vencer uma guerra, para fazer uma greve, ganhar um jogo, é preciso que todos fiquem juntos, é preciso que haja o quê? [Há um ditado que diz: Onde há ____ há força.]
- 100) **COMPANHEIRO**
Em um time de futebol, no trabalho, o que as pessoas são umas das outras? [Quando duas pessoas não são casadas e moram juntas, uma é o quê da outra?]

- 101) **ADVOGADO**
Que profissional se pode contratar para defender os interesses na Justiça?
- 102) **QUESTÃO / QÜESTÃO**
Quando duas pessoas têm um desentendimento, uma briga, um problema, elas procuram um juiz para resolver a ____?
[Quando você / o(a) senhor(a) não quer muito uma coisa, você / o(a) senhor(a) diz: Eu não faço ____].
- 103) **PEGO**
Um ladrão sai correndo e o policial sai atrás e consegue pegar o ladrão. Você / o(a) senhor(a) diz: O ladrão foi ____ pela polícia.
- 104) **INOCENTE**
Quando um indivíduo é acusado, mas ele não praticou aquele crime, se diz que ele é o quê?
- 105) **CERTO**
Qual o contrário de errado?
- 106) **MENTIRA**
Uma pessoa lhe conta um fato que você / o(a) senhor(a) acha que não é verdade. Você / o(a) senhor(a) diz que é uma ____?
- 107) **PROCISSÃO**
Nas festas de igreja, que nome tem a caminhada que o povo faz, levando uma imagem de um ponto a outro?
- 108) **SANTO ANTÔNIO**
... o santo casamenteiro que se festeja a 13 de junho?
- 109) **PECADO**
Deixar de obedecer às leis de Deus é cometer o quê?

- 110) **PERDÃO**
Quando se comete uma falta grave, o que é que se pede a Deus?
- 111) **COROA**
... aquilo que os reis colocam na cabeça (*mímica*)?
- 112) **OLHO** (subst.)
... isto? *Apontar*.
- 113) **PESCOÇO**
... esta parte? *Apontar*.
- 114) **ORELHA**
... esta parte? *Apontar*.
- 115) **OUVIDO**
E esta parte aqui dentro, (*apontar*) que se tem que limpar com um algodão em um palito ou um cotonete?
- 116) **DENTE**
E isto? *Apontar*.
- 117) **PEITO**
Onde a criança mama na mãe? [Onde o bezerro mama na mãe?]
[A carne branca da galinha se chama carne do _____?]
- 118) **FÍGADO**
... o órgão que fica aqui (*apontar*), que adocece se a pessoa bebe demais, se teve uma malária?
- 119) **CORAÇÃO**
Qual o nome da parte do corpo que, se parar, a pessoa morre?

- 120) **COSTAS**
Aqui (*mostrar*) é a frente, e aqui (*mostrar*)?
- 121) **UMBIGO**
... aquele burquinho que se tem no meio da barriga?
- 122) **JOELHO**
... esta parte? *Apontar*.
- 123) **FERIDA**
Quando alguém cai e arranca uma parte da pele do braço, do joelho, forma o quê?
- 124) **CASPA**
... uma coisinha branca que dá na cabeça da pessoa?
- 125) **BANHO**
Quando se está sujo, suado, para ficar limpo novamente, o que é que se toma?
- 126) **DESMAIO**
Quando uma pessoa se sente mal, a vista fica turva, ela vai caindo no chão, sem sentidos, o que é que se diz que ela teve?
- 127) **VÔMITO**
O que é que a pessoa faz sair pela boca, quando comeu e a comida fez mal?
- 128) **HOMEM**
Adão foi o primeiro _____?
- 129) **MULHER**
E Eva foi a primeira _____?

- 130) **FAMÍLIA**
Pai, mãe e filhos juntos formam o quê?
- 131) **TIO**
O que é que o irmão de seu pai ou de sua mãe é seu?
- 132) **GENRO**
O pai da esposa é o sogro. E o marido, o que é que ele é do sogro?
- 133) **ÚNICO**
Quando a pessoa só tem um filho, se diz que ele é filho _____?
- 134) **ALTA**
O que é que se diz de uma pessoa que mede 1 metro e 90 cm, 2 metros?
- 135) **BAIXA**
Qual é o contrário de alta?
- 136) **LOURA**
A pessoa que tem cabelos escuros, a gente chama de morena. E a pessoa que tem cabelos claros, dourados, amarelados?
- 137) **VOZ**
Uma pessoa que canta bem, se diz que ela tem uma boa _____?
- 138) **DOIDO**
Que nome se dá a uma pessoa que às vezes fica furiosa, agressiva, precisa até ser internada no hospício?
- 139) **VELHO**
Um sapato que não é novo é _____?
- 140) **SANDÁLIA**
Aquele calçado aberto, trançadinho, usado no verão, que tem uma tira que prende no calcanhar?

- 141) **MEIA**
Aquilo que se usa no pé antes de calçar o sapato?
- 142) **BRAGUILHA**
... a abertura da calça do homem, normalmente fechada com botões ou com zíper? [Se você / o(a) senhor(a) encontra um conhecido com a calça aberta, você / o(a) senhor(a) diz: Fulano, fecha a _____?]
- 143) **ANEL**
O que é que se usa aqui no dedo? *Apontar.*
- 144) **PERFUME**
O que é que se põe no corpo para ficar cheiroso?
- 145) **PRESENTE**
Quando uma pessoa faz aniversário, o que é que se costuma dar a ela, que vem embrulhado?
- 146) **BEIJAR**
Dar um abraço é abraçar. E fazer assim (*mímica*)?
- 147) **SORRISO**
Quando se está alegre, se pode dar uma gargalhada ou se pode dar um _____ (*mímica*)?
- 148) **DORMINDO**
A pessoa que não está acordada, está _____ (*mímica*)?
- 149) **ASSOBIO**
Como se chama isto? *Assobiar.*
- 150) **PERDIDA**
Quando não se acha uma coisa, a coisa fica _____?

- 151) **ENCONTRAR**
Quando se perde uma coisa, se vai procurar até _____?
- 152) **PERGUNTAR**
Quando se quer saber uma coisa, se vai _____?
- 153) **SAIR**
Qual é o contrário de entrar?
- 154) **BARULHO**
Quando uma criança está dormindo e não se quer que ela acorde, se diz: Fale baixo, não faça _____, para ela não acordar.
- 155) **PAZ**
Se a pessoa não quer ser incomodada, a pessoa diz: Me deixe em _____.
- 156) **MESMA**
Uma pessoa usa uma roupa num dia. No dia seguinte, ela não tem outra roupa, então ela usa essa _____ roupa. [Se duas mulheres são casadas com dois irmãos, se diz que as duas têm a _____ sogra.] [Você / o(a) senhor(a) vai viajar e não leva roupa. Você / o(a) senhor(a) vai usar a _____ roupa.]
- 157) **HÓSPEDE**
Em uma pensão, um hotel, as pessoas de outros lugares que chegam e ficam lá algum tempo são o quê?
- 158) **ESQUERDO**
Este lado é o direito e este (*mostrar*)?
- 159) **MORREU**
Quem não está mais vivo é porque já _____?

QUESTÕES DE PROSÓDIA

Frases interrogativas

- 1) Ó, meu amigo, você prefere vinho ou cerveja?
Se você / o(a) senhor(a) quer oferecer uma bebida a um **amigo**, e quer saber se ele **prefere vinho ou cerveja**, como é que você / o(a) senhor(a) se dirige a ele e pergunta?
- 2) Ó, meu amigo, você toma leite ou café?
Se você / o(a) senhor(a) quer saber se o seu **amigo toma leite ou café**, como é que você / o(a) senhor(a) se dirige a ele e pergunta?
- 3) Você vai sair hoje?
Se você / o(a) senhor(a) quer saber se alguém **vai sair hoje**, como é que você / o(a) senhor(a) pergunta?
- 4) Eu vou sair hoje, doutor?
Uma pessoa está internada em um hospital e quer saber do **médico se vai sair naquele dia**. Como é que pergunta?

Frases afirmativas

- 1) Você vai sair hoje.
E o médico, como é que responde?
[Uma pessoa que está internada em um hospital quer saber do médico quando é que ela vai sair. Se o médico achar que ela já pode **sair naquele mesmo dia**, como é que ele diz?]
- 2) Ó, gente, estou muito aborrecido com o que aconteceu.
Você / o(a) senhor(a) quer dizer a algumas pessoas que estão

presentes que você / o(a) senhor(a) **está muito aborrecido com o que aconteceu**. Como é que você / o(a) senhor(a) diz?

- 3) Ó, gente, estou muito feliz com o resultado do trabalho. Se você / o(a) senhor(a) quer dizer a algumas pessoas que estão presentes que você / o(a) senhor(a) **está muito feliz com o resultado do trabalho**, como é que você / o(a) senhor(a) diz?

Frases imperativas

- 1) Ó, meu filho, saia da chuva!
Como é que uma mãe diz ao **filho** para que ele **saia da chuva**?
- 2) Não mexa nisso, menino!
Se um **menino** está mexendo em alguma coisa e alguém quer falar para que ele **não mexa** naquilo, como é que diz?
- 3) Ó, meninos, venham almoçar!
Se você / o(a) senhor(a) quer chamar muitos **meninos** que estão reunidos para que **venham almoçar**, como é que você / o(a) senhor(a) diz?
- 4) Você vai sair hoje!
O seu filho / uma pessoa quer ficar em casa, mas você / o(a) senhor(a) quer que ele / ela **saia hoje**. Como é que você / o(a) senhor(a) dá essa ordem?

QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL (QSL)

Acidentes geográficos

- 1) CÓRREGO / RIACHO
... um rio pequeno, de uns dois metros de largura?
- 2) PINGUELA
... tronco, pedaço de pau ou tábua que serve para passar por cima de um _____ (*cf. item 1*)?
- 3) FOZ
... o lugar onde o rio termina ou encontra com outro rio?
- 4) REDEMOINHO (DE ÁGUA)
Muitas vezes, num rio, a água começa a girar, formando um buraco, na água, que puxa para baixo. Como se chama isto?
- 5) ONDA DE MAR
... o movimento da água do mar? *Imitar o balanço das águas.*
- 6) ONDA DE RIO
... o movimento da água do rio? *Idem item 5.*

Fenômenos atmosféricos

- 7) REDEMOINHO (DO VENTO)
... o vento que vai virando em roda e levanta poeira, folhas e outras coisas leves?

- 8) RELÂMPAGO
... um clarão que surge no céu em dias de chuva?
- 9) RAIOS
... uma luz forte e rápida que sai das nuvens, podendo queimar uma árvore, matar pessoas e animais, em dias de mau tempo?
- 10) TROVÃO
... o barulho forte que se escuta logo depois de um _____ (cf. item 9)?
- 11) TEMPORAL / TEMPESTADE / VENDAVAL
... uma chuva com vento forte que vem de repente?
- 12) NOMES ESPECÍFICOS PARA TEMPORAL
Existem outros nomes para _____ (cf. item 11)?
- 13) TROMBA D'ÁGUA
... uma chuva de pouca duração, muito forte e pesada?
- 14) CHUVA FORTE
... uma chuva forte e contínua?
- 15) CHUVA DE PEDRA
Durante uma chuva, podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?
- 16) ESTIAR / COMPOR O TEMPO
Como dizem aqui do tempo quando termina a chuva e o sol começa a aparecer?
- 17) ARCO-ÍRIS
Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas (*mímica*). Que nomes dão a essa faixa?

- 18) GAROA
... uma chuva bem fininha?
- 19) TERRA UMEDECIDA PELA CHUVA
Depois de uma chuva bem fininha, quando a terra não fica nem seca, nem molhada, como é que se diz que a terra fica?
- 20) ORVALHO / SERENO
De manhã cedo, a grama geralmente está molhada. Como chamam aquilo que molha a grama?
- 21) NEVOEIRO / CERRAÇÃO / NEBLINA
Muitas vezes, principalmente de manhã cedo, quase não se pode enxergar por causa de uma coisa parecida com fumaça, que cobre tudo. Como chamam isso?
- Astros e tempo**
- 22) AMANHECER
... a parte do dia quando começa a clarear?
- 23) NASCER (DO SOL)
O que é que acontece no céu de manhã cedo quando começa a clarear?
- 24) ALVORADA
... a claridade avermelhada do céu antes de _____ (cf. item 23)?
- 25) PÔR (DO SOL)
E o que acontece no céu no final da tarde?
- 26) CREPÚSCULO
... a claridade avermelhada que fica no céu depois do _____ (cf. item 25)?

- 27) ENTARDECER
E quando o sol se põe?
- 28) ANOITECER
... o começo da noite?
- 29) ESTRELA MATUTINA / VÊNUS / ESTRELA DA
MANHÃ / ESTRELA-D'ALVA
De manhã cedo, uma estrela brilha mais e é a última a desaparecer.
Como chamam esta estrela?
- 30) ESTRELA VESPERTINA / VÊNUS / ESTRELA DA
TARDE
De tardezinha, uma estrela aparece antes das outras, perto do
horizonte, e brilha mais. Como chamam esta estrela?
- 31) ESTRELA CADENTE / ESTRELA FILANTE /
METEORO / ZELAÇÃO
De noite, muitas vezes pode-se observar uma estrela que se
desloca no céu, assim, (*mímica*) e faz um risco de luz. Como
chamam isso?
- 32) MUDAR / CORRER UMA ESTRELA
E quando se vê uma _____ (*cf. item 31*), como é que se diz?
IDENTIFICAR OS VERBOS USADOS PARA EXPRESSAR O
MOVIMENTO DA ESTRELA CADENTE
- 33) VIA LÁCTEA / CAMINHO DE SANTIAGO
Numa noite bem estrelada, aparece uma banda ou faixa que
fica no céu de fora a fora, onde tem muitas estrelas muito perto
umas das outras. Como chamam esta banda ou faixa?
- 34) MESES DO ANO
Quais são os meses do ano?

- 35) MESES COM NOMES ESPECIAIS
Alguns desses meses têm outro nome, por exemplo, junho, julho,
etc.?
- 36) ONTEM
Hoje é segunda-feira. E domingo, que dia foi?
- 37) ANTEONTEM
... o dia que foi antes desse dia? [E um dia para trás?]
- 38) TRASANTEONTEM
... o dia que foi antes de _____ (*cf. item 37*)? [E mais um dia para trás?]

Atividades agropastoris

- 39) TANGERINA / MEXERICA
... as frutas menores que a laranja, que se descascam com a mão,
e, normalmente, deixam um cheiro na mão? Como elas são?
*PEDIR PARA DESCREVER, PARA APURAR AS DIFERENÇAS ENTRE AS
DESIGNAÇÕES CITADAS PELO INFORMANTE.*
- 40) AMENDOIM
... o grão coberto por uma casquinha dura, que se come assado,
cozido, torrado ou moído?
- 41) CAMOMILA
... umas florezinhas brancas com miolo amarelinho, ou florezinhas
secas que se compram na farmácia ou no supermercado e
servem para fazer um chá amarelinho, cheiroso, bom para dor
de barriga de nenê / bebê e até de adulto e também para acalmar.
Mostrar.

- 42) PENCA
... cada parte que se corta do cacho da bananeira para pôr para madurar / amadurecer?
- 43) BANANA DUPLA / FELIPE / GÊMEAS
... duas bananas que nascem grudadas?
- 44) PARTE TERMINAL DA INFLORESCÊNCIA DA BANANEIRA / UMBIGO / CORAÇÃO
... a ponta roxa no cacho da banana?
- 45) ESPIGA
Quando se vai colher o milho, o que é que se tira do pé? [Quando se vai à feira comprar milho, compra-se o quê?]
- 46) SABUGO
Quando se tira da _____ (cf. item 45) todos os grãos do milho, o que sobra?
- 47) SOCA / TOUCEIRA
Depois que se corta o pé de arroz ou de fumo, ainda fica uma pequena parte no chão. Como se chama essa parte?
- 48) GIRASSOL
... flor grande, amarela, redonda, com uma rodela de sementes no meio?
- 49) VAGEM DO FEIJÃO / BAINHA
Onde é que ficam os grãos do feijão, no pé, antes de serem colhidos?
- 50) MANDIOCA / AIPIM
... aquela raiz branca por dentro, coberta por uma casca marrom, que se cozinha para comer?

- 51) MANDIOCA
... uma raiz parecida com _____ (cf. item 50) que não serve para comer e se rala para fazer farinha (polvilho, goma)?
- 52) CARRINHO DE MÃO / CARRIOLA
... um veículo de uma roda, empurrado por uma pessoa, para pequenas cargas em trechos curtos?
- 53) HASTES DO CARRINHO DE MÃO
... as duas partes em que a pessoa segura para empurrar o(a) _____ (cf. item 52)?
- 54) CANGALHA / FORQUILHA
... a armação de madeira que se coloca no pescoço de animais (porco, terneiro/bezerro, carneiro, vaca) para não atravessarem a cerca?
- 55) CANGALHA
... a armação de madeira que se coloca no lombo do cavalo ou do burro para levar cestos ou cargas? *Mostrar gravura.*
- 56) CANGA
... a peça de madeira que vai no pescoço do boi, para puxar o carro ou o arado? *Mostrar gravura.*
- 57) JACÁ / BALAIO
... aqueles objetos de vime, de taquara, de cipó trançado, para levar batatas (mandioca, macaxeira, aipim, etc.), no lombo do cavalo ou do burro?
- 58) BOLSA / BRUACA
E quando se usam objetos de couro, com tampa, para levar farinha, no lombo do cavalo ou do burro? *Mostrar gravura.*

- 59) BORREGO (DO NASCER ATÉ...)
... a cria da ovelha logo que nasce? E até que idade se dá esse nome?
- 60) PERDA DA CRIA
Como se diz quando a fêmea de um animal perde a cria?
- 61) TRABALHADOR DE ENXADA EM ROÇA ALHEIA
... o homem que é contratado para trabalhar na roça de outro, que recebe por dia de trabalho?
- 62) PICADA / ATALHO ESTREITO
O que é que se abre com o facão, a foice para passar por um mato fechado?
- 63) TRILHO / CAMINHO / VEREDA / TRILHA
... o caminho, no pasto, onde não cresce mais grama, de tanto o animal ou o homem passarem por ali?

Fauna

- 64) URUBU
... a ave preta que come animal morto, podre?
- 65) COLIBRI / BEIJA-FLOR
... o passarinho bem pequeno, que bate muito rápido as asas, tem o bico comprido e fica parado no ar?
- 66) JOÃO-DE-BARRO
... a ave que faz a casa com terra, nos postes, nas árvores e até nos cantos da casa?

- 67) GALINHA-D'ANGOLA / GUINÉ / COCAR
... a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas?
- 68) PAPAGAIO
... a ave de penas coloridas que, quando presa, pode aprender a falar?
- 69) SURA
... uma galinha sem rabo?
- 70) COTÓ
... um cachorro de rabo cortado?
- 71) GAMBÁ
... o bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado?
- 72) PATAS DIANTEIRAS DO CAVALO
... as patas dianteiras do cavalo?
- 73) CRINA DO PESCOÇO
... o cabelo em cima do pescoço do cavalo?
- 74) CRINA DA CAUDA
... o cabelo comprido na traseira do cavalo?
- 75) LOMBO
... a parte do cavalo onde vai a sela?
- 76) ANCA / GARUPA / CADEIRA
... a parte larga atrás do _____ (cf. item 75)?
- 77) CHIFRE
O que o boi tem na cabeça?

- 78) BOI SEM CHIFRE
... o boi sem _____ (cf. item 77)?
- 79) CABRA SEM CHIFRE
... a cabra que não tem _____ (cf. item 77)?
- 80) ÚBERE
Em que parte da vaca fica o leite?
- 81) RABO
... a parte com que o boi espanta as moscas?
- 82) MANCO
... o animal que tem uma perna mais curta e que puxa de uma perna?
- 83) MOSCA VAREJEIRA
... um tipo de mosca grande, esverdeada, que faz um barulhão quando voa?
- 84) SANGUESSUGA
... um bichinho que se gruda nas pernas das pessoas quando elas entram num córrego ou banhado (cf. item 1)?
- 85) LIBÉLULA
... o inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que voa e bate a parte traseira na água?
- 86) BICHO DE FRUTA
... aquele bichinho branco, enrugadinho, que dá em goiaba, em coco?
- 87) CORÓ
... aquele bicho que dá em esterco, em pau podre?

- 88) PERNILONGO
... aquele inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas, de noite? *Imitar o zumbido.*

Corpo humano

- 89) PÁLPEBRAS / CAPELA DOS OLHOS
... esta parte que cobre o olho? *Apontar.*
- 90) CISCO
... alguma coisinha que cai no olho e fica incomodando?
- 91) CEGO DE UM OLHO
... a pessoa que só enxerga com um olho?
- 92) VESGO
... a pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes?
Completar com um gesto dos dedos.
- 93) MÍOPE
... a pessoa que não enxerga longe, e tem que usar óculos?
- 94) TERÇOL / VIÚVA
... a bolinha que nasce na (cf. item 89), fica vermelha e incha?
- 95) CONJUNTIVITE / DOR D'OLHOS
... a inflamação no olho que faz com que o olho fique vermelho e amanheça grudado?
- 96) CATARATA
... aquela pele branca no olho que dá em pessoas mais idosas?
- 97) DENTES CANINOS / PRESAS
... esses dois dentes pontudos? *Apontar.*

- 98) DENTES DO SISO / DO JUÍZO
... os últimos dentes, que nascem depois de todos os outros, em geral quando a pessoa já é adulta?
- 99) DENTES MOLARES / DENTE QUEIRO
... esses dentes grandes no fundo da boca, vizinhos dos _____
(cf. item 98)? *Apontar.*
- 100) DESDENTADO / BANGUELA
... a pessoa que não tem dentes?
- 101) FANHOSO / FANHO
... a pessoa que parece falar pelo nariz? *Imitar.*
- 102) MELECA / TATU
... a sujeirinha dura que se tira do nariz com o dedo?
- 103) SOLUÇO
... este barulhinho que se faz? *Soluçar.*
- 104) NUCA
... isto? *Apontar.*
- 105) POMO DE ADÃO / GOGÓ
... esta parte alta do pescoço do homem? *Apontar.*
- 106) CLAVÍCULA
... o osso que vai do pescoço até o ombro? *Apontar.*
- 107) CORCUNDA
... a pessoa que tem um calombo grande nas costas e fica assim
(*mímica*)?
- 108) AXILA
... esta parte aqui? *Apontar.*

- 109) CHEIRO NAS AXILAS
... o mau cheiro embaixo dos braços?
- 110) CANHOTO
... a pessoa que come com a mão esquerda, faz tudo com essa mão? *Completar com o gesto.*
- 111) SEIOS / PEITO
... a parte do corpo da mulher com que ela amamenta os filhos?
- 112) VOMITAR
Se uma pessoa come muito e sente que vai pôr / botar para fora o que comeu, se diz que vai o quê?
- 113) ÚTERO
... a parte do corpo da mãe onde fica o nenê / bebê antes de nascer?
- 114) PERNETA
... a pessoa que não tem uma perna?
- 115) MANCO
... a pessoa que puxa de uma perna?
- 116) PESSOA DE PERNAS ARQUEADAS
... a pessoa de pernas curvas (*mímica*)?
- 117) RÓTULA / PATACA
... o osso redondo que fica na frente do joelho?
- 118) TORNOZELO
... isto? *Apontar.*
- 119) CALCANHAR
... isto? *Apontar.*

- 120) CÓCEGAS
Que sente uma criança quando se passa o dedo na sola do pé
(*mímica*)?

Ciclos da vida

- 121) MENSTRUACÃO
As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama
isso?
- 122) ENTRAR NA MENOPAUSA
Numa certa idade, acaba a/o _____ (*cf. item 121*). Quando isso
acontece, se diz que a mulher _____.
- 123) PARTEIRA
... a mulher que ajuda a criança a nascer?
- 124) DAR À LUZ
Chama-se a _____ (*cf. item 123*) quando a mulher está para
_____.
- 125) GÊMEOS
... duas crianças que nasceram no mesmo parto?
- 126) ABORTO
Quando a mulher grávida perde o filho, se diz que ela teve
_____.
- 127) ABORTAR
Quando a mulher fica grávida e, por algum motivo, não chega
a ter a criança, se diz que ela _____?
- 128) AMA DE LEITE
Quando a mãe não tem leite e outra mulher amamenta a criança,
como chamam essa mulher?

- 129) IRMÃO DE LEITE
O próprio filho da _____ (*cf. item 128*) e a criança que ela
amamenta são o quê um do outro?
- 130) FILHO ADOTIVO
... a criança que não é filho verdadeiro do casal, mas que é criada
por ele como se fosse?
- 131) FILHO MAIS MOÇO / CAÇULA
... o filho que nasceu por último?
- 132) MENINO / GURI / PIÁ
Criança pequenininha, a gente diz que é bebê. E quando ela tem
de 5 a 10 anos, do sexo masculino?
- 133) MENINA
E se for do sexo feminino, como se chama?
- 134) MADRASTA
Quando um homem fica viúvo e casa de novo, o que a segunda
mulher é dos filhos que ele já tinha?
- 135) FINADO / FALECIDO
Numa conversa, para falar de uma pessoa que já morreu,
geralmente as pessoas não a tratam pelo nome que tinha em
vida. Como é que se referem a ela?

Convívio e comportamento social

- 136) PESSOA TAGARELA
... a pessoa que fala demais?

- 137) PESSOA POUCO INTELIGENTE
... a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas?
- 138) PESSOA SOVINA
... a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar?
- 139) MAU PAGADOR
... a pessoa que deixa suas contas penduradas?
- 140) ASSASSINO PAGO
... a pessoa que é paga para matar alguém?
- 141) MARIDO ENGANADO
... o marido que a mulher passa para trás com outro homem?
- 142) PROSTITUTA
... a mulher que se vende para qualquer homem?
- 143) XARÁ
... a pessoa que tem o mesmo nome da gente?
- 144) BÊBADO (DESIGNAÇÕES)
Que nomes dão a uma pessoa que bebe demais?
- 145) CIGARRO DE PALHA
Que nomes dão ao cigarro que as pessoas faziam antigamente, enrolado à mão?
- 146) TOCO DE CIGARRO
... o resto do cigarro que se joga fora?

Religião e crenças

- 147) DIABO
Deus está no céu, e no inferno está _____.
- 148) FANTASMA
O que algumas pessoas dizem já ter visto, à noite, em cemitérios ou em casas, que se diz que é do outro mundo?
- 149) FEITIÇO
O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas?
- 150) AMULETO
... o objeto que algumas pessoas usam para dar sorte ou afastar males?
- 151) BENZEDEIRA
... uma mulher que tira o mau-olhado com rezas, geralmente com galho de planta?
- 152) CURANDEIRO
... a pessoa que trata de doenças por meio de ervas e plantas?
- 153) MEDALHA
... a chapinha de metal com um desenho de santo que as pessoas usam, geralmente no pescoço, presa numa corrente?
- 154) PRESÉPIO
No Natal, monta-se um grupo de figuras representando o nascimento do Menino Jesus. Como chamam isso?

Jogos e diversões infantis

- 155) CAMBALHOTA
... a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado (*mímica*)?
- 156) BOLINHA DE GUDE
... as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?
- 157) ESTILINGUE / SETRA / BODOQUE
... o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha (*mímica*), que os meninos usam para matar passarinho?
- 158) PAPAGAIO DE PAPEL / PIPA
... o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina ao vento por meio de uma linha?
- 159) PIPA / ARRAIA
E um brinquedo parecido com o(a) _____ (*cf. item 158*), também feito de papel, mas sem varetas, que se empina ao vento por meio de uma linha?
- 160) ESCONDE-ESCONDE
... a brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar as outras?
- 161) CABRA-CEGA
... a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras?
- 162) PEGA-PEGA
... uma brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas, antes que alcance um ponto combinado?
- 163) FERROLHO / SALVA / PICULA / PIQUE
... esse ponto combinado?
- 164) CHICOTE-QUEIMADO / LENÇO ATRÁS
... uma brincadeira em que as crianças ficam em círculo, enquanto uma outra vai passando com uma pedrinha, uma varinha, um lenço que deixa cair atrás de uma delas e esta pega a pedrinha, a varinha, o lenço e sai correndo para alcançar aquela que deixou cair?
- 165) GANGORRA
... uma tábua apoiada no meio, em cujas pontas sentam duas crianças e quando uma sobe, a outra desce (*mímica*)?
- 166) BALANÇO
... uma tábua, pendurada por meio de cordas, onde uma criança se senta e se move para frente e para trás (*mímica*)?
- 167) AMARELINHA
... a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (*mímica*) e vão pulando com uma perna só? SOLICITAR DESCRIÇÃO DETALHADA.

Habitação

- 168) TRAMELA
... aquela pecinha de madeira, que gira ao redor de um prego, para fechar porta, janela?

- 169) VENEZIANA
Quando uma janela tem duas partes, como se chama a parte de fora que é formada de tirinhas horizontais que permitem a ventilação e a claridade? *Mostrar gravura.*
- 170) VASO SANITÁRIO / PATENTE
Quando se vai ao banheiro, onde é que a pessoa se senta para fazer as necessidades?
- 171) FULIGEM
... aquilo, preto, que se forma na chaminé, na parede ou no teto da cozinha, acima do fogão a lenha?
- 172) BORRALHO
... a cinza quente que fica dentro do fogão a lenha?
- 173) ISQUEIRO / BINGA
Para acender um cigarro, se usa fósforo ou _____?
- 174) LANTERNA
... aquele objeto que se usa para clarear no escuro e se leva na mão assim (*mímica*)?
- 175) INTERRUPTOR DE LUZ
Como se chama o objeto que fica nas paredes e serve para acender a lâmpada?

Alimentação e cozinha

- 176) CAFÉ DA MANHÃ
... a primeira refeição do dia, feita pela manhã?
- 177) GELEIA
... a pasta feita de frutas para passar no pão, biscoito?

- 178) CARNE MOÍDA
... a carne depois de triturada na máquina?
- 179) CURAU / CANJICA
... uma papa cremosa feita com coco e milho verde ralado, polvilhada com canela?
- 180) CURAU
E essa mesma papa, com milho verde ralado, sem coco, como é que chama?
PEDIR PARA DESCREVER COMO SE FAZ.
- 181) MUNGUNZÁ / CANJICA
... aquele alimento feito com grãos de milho branco, coco e canela?
- 182) AGUARDENTE
... a bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar?
- 183) EMPANTURRADO
Quando uma pessoa acha que comeu demais, ela diz: Comi tanto que estou _____.
- 184) GLUTÃO
... uma pessoa que normalmente come demais?
- 185) BALA / CONFEITO / BOMBOM
... aquilo embrulhado em papel colorido que se chupa? *Mostrar.*
PEDIR PARA DESCREVER.
- 186) PÃO FRANCÊS
... isto? *Mostrar.*
- 187) PÃO BENGALA
... isto? *Mostrar.*

Vestuário e acessórios

- 188) SUTIÃ
... a peça do vestuário que serve para segurar os seios?
- 189) CUECA
... roupa que o homem usa debaixo da calça?
- 190) CALCINHA
... a roupa que a mulher usa debaixo da saia?
- 191) RUGE
... aquilo que as mulheres passam no rosto, nas bochechas, para ficarem mais rosadas?
- 192) GRAMPO (COM PRESSÃO) / RAMONA / MISSE
... um objeto fino de metal, para prender o cabelo? *Mostrar.*
- 193) DIADEMA / ARCO / TIARA
... o objeto de metal ou plástico que pega de um lado a outro da cabeça e serve para prender os cabelos (*mímica*)?

Vida urbana

- 194) SINALEIRO / SEMÁFORO / SINAL
Na cidade, o que costuma ter em cruzamentos movimentados, com luz vermelha, verde e amarela?
- 195) LOMBADA / QUEBRA-MOLAS
... aquele morrinho atravessado no asfalto para os carros diminuírem a velocidade?

- 196) CALÇADA / PASSEIO
Na cidade, os automóveis andam no meio da rua e as pessoas nos dois lados, num caminho revestido de lajes ou ladrilhos. Como se chama este caminho?
- 197) MEIO-FIO
... o que separa o _____ (*cf. item 196*) da rua?
- 198) ROTATÓRIA / RÓTULA
... aquele trecho da rua ou da estrada que é circular, que os carros têm que contornar para evitar o cruzamento direto?
- 199) LOTE / TERRENO / DATA
... a área que é preciso ter ou comprar para se fazer uma casa na cidade?
- 200) ÔNIBUS URBANO
... a condução que leva mais ou menos quarenta passageiros e faz o percurso dentro da cidade?
- 201) ÔNIBUS INTERURBANO
... a condução que leva mais ou menos quarenta passageiros de uma cidade para outra?
- 202) BODEGA / BAR / BOTEÇO
... um lugar pequeno, com um balcão, onde os homens costumam ir beber _____ (*cf. item 182*) e onde também se pode comprar alguma outra coisa?

QUESTIONÁRIO MORFOSSINTÁTICO (QMS)

Artigo

Artigo diante de Nome Próprio

- 1) Tem filhos / irmãos? Como se chamam? O que eles fazem?
- 2) Poderia dizer o nome de alguns amigos, vizinhos? Com quem costuma falar mais?

Substantivo

Gênero

- 3) ALFACE
Como é que se chama aquela folha verde que se come geralmente na salada? [Para preparar essa folha tem que ser bem lavada. Como pediria a alguém para lavar?] [Tem uma janta, e alguém tem que lavar as verduras. Você / o(a) senhor(a) quer que cada um lave um tipo de verdura. Como pediria isso aos outros?]
- 4) CAL
Você / o(a) senhor(a) conhece cal? E como é? Como se faz para cair uma casa?
- 5) GUARANÁ
Quando tem sede, como você / o(a) senhor(a) pede guaraná?
"Por favor, me dá _____."

Feminino de

- 6) ALEMÃO
Uma mulher que nasce no Brasil é brasileira. E a que nasce na Alemanha é o quê?

- 7) CHEFE
Há homens e mulheres que chefiam. No caso, se é uma mulher, ela é o quê?
- 8) LADRÃO
Um homem que rouba, você diz que é ladrão. E quando é uma mulher?
- 9) PRESIDENTE
Se, na Presidência da República, estivesse uma mulher, ela seria o quê?

Número

Mostrar ao / à informante gravuras, com a solicitação: "Poderia dizer tudo o que você / o(a) senhor(a) está vendo nesta(s) gravura(s)?"

- | | |
|--------------|------------|
| 10) LÁPIS | 11) ANÉIS |
| 12) AVENTAIS | 13) PÃES |
| 14) MÃOS | 15) LEÕES |
| 16) DEGRAUS | 17) FLORES |
| 18) CHAPÉUS | 19) ANZÓIS |
| 20) OLHOS | |

Adjetivo

Grau Comparativo

- 21) GRANDE / PEQUENO

Estas duas casas (*mostrando um desenho de duas casas, uma grande e outra pequena*) têm o mesmo tamanho? A primeira é como? E a segunda? Poderia comparar as duas casas em termos de tamanho?

APURAR A VARIAÇÃO MAIS GRANDE / MAIOR, MAIS PEQUENA / MENOR.

22) BOM / MAU (RUIM)

Você / o senhor prefere a comida de sua esposa / de sua filha ou a de sua mãe? Por quê? [Você / a senhora prefere a comida que você / a senhora mesma faz ou a que outras pessoas fazem? Por quê?]

APURAR A VARIAÇÃO MAIS BOM / MELHOR, MAIS MAU / PIOR.

Pronome

Pronomes Pessoais

23) EU / MIM

Alguém pede para você / o(a) senhor(a) fazer uma tarefa. Mas outra pessoa acha que a tarefa era para ela. Então, você / o(a) senhor(a) diz: Essa tarefa, na verdade, é pra _____ fazer. [Vamos supor que você / o(a) senhor(a) precisa distribuir três tarefas por três pessoas. Por exemplo: a limpeza é para alguém fazer, a roupa é para outra pessoa lavar e a terceira tarefa (...) é para você / o(a) senhor(a). Como você / o(a) senhor(a) diria?]

24) TU / VOCÊ sujeito

Quando se vê um amigo com uma mala e se quer saber para onde ele vai, como é que se pergunta?

25) TU / VOCÊ / A GENTE indeterminado

Conhece alguma simpatia (para tirar verruga)? [Conhece alguma receita de uma comida típica daqui?] [Como se faz aqui para ganhar o próprio sustento?]

26) NÓS / A GENTE

O que vocês fazem no fim de semana?

Pronomes Pessoais com Preposição

27) COMIGO / COM EU / MAIS EU

Quando alguém não quer tomar café sozinho, diz para convidar outra pessoa: "Quer tomar café _____?"

28) CONOSCO / COM NÓS / COM A GENTE

E se nós dois estamos tomando café e queremos mais uma pessoa na mesa, dizemos que essa pessoa venha tomar café _____?

Pronomes Possessivos

29) TEU / SEU (relação inquiridor-informante)

De quem é isso? *Aproveitar objetos que estejam presentes.*

30) TEU / SEU (relação entre irmãos)

Você / o(a) senhor(a) tem irmão/irmã? E como diz para ele(a) que algo pertence a ele(a)? "Ó, meu irmão, isso é _____." ["Ó, minha irmã, isso é _____."]

31) SEU / DELE

Fale sobre _____ (*contextualizar: um carro / uma moto / uma bicicleta / o quarto / a casa / a roça / um objeto*) de seu irmão / irmã / amigo(a) / marido / mulher / pai / mãe. [Esse(a) _____ (*contextualizar*) é, então, de você / do(a) senhor(a) ou do(a) irmão / irmã / amigo(a) / marido / mulher / pai / mãe?]

Pronomes Indefinidos

32) MENOS / MENAS

Paulo tem muita força e Luís tem pouca força. Podemos dizer: "Paulo tem mais força do que Luís. Luís, pelo contrário, tem _____ força do que Paulo".

Verbo

Presente do Indicativo

- 33) O que você / o(a) senhor(a) faz durante o dia? [Poderia descrever como é a sua rotina diária?]
- 34) VIVER (3ª. pessoa do plural)
Como é a vida das pessoas que não têm casa? [Na vida, há os que já morreram e os que ainda _____.]
- 35) OUVIR (1ª. pessoa do singular)
Você / o(a) senhor(a) ouve rádio / música / bem alto ou baixinho? [Por quê] [O que você / o(a) senhor(a) ouve no rádio?]
- 36) CABER (1ª. pessoa do singular)
O carro está lotado, mesmo assim o motorista insiste que ainda cabe alguém. Mas eu digo: "Não, eu não _____."

Pretérito Perfeito

- 37) O que você / o(a) senhor(a) fez ontem (de diferente)?
- 38) DAR (1ª. pessoa do singular)
Se alguém pergunta se você / o(a) senhor(a) deu um presente ao aniversariante, você / o(a) senhor(a) diz o quê?
APURAR A EXISTÊNCIA DA VARIAÇÃO DEI / DI.
- 39) SABER (1ª. pessoa do singular)
Quando você / o(a) senhor(a) toma conhecimento de que um amigo casou, como comenta, com esse amigo, essa novidade? "Oh! Tudo bem? Eu _____ que casou." *APURAR A EXISTÊNCIA DA VARIAÇÃO SOUBE / SUBE.*

- 40) ESTAR (1ª. pessoa do singular)
Agora, você / o(a) senhor(a) está aqui em _____. *Dizer o nome da cidade onde está.* E em _____? *Citar uma cidade onde o informante já esteve.* [E em Brasília?] *APURAR A EXISTÊNCIA DA VARIAÇÃO ESTIVE / TIVE.*

- 41) TRAZER (1ª. pessoa do singular)
Você / o(a) senhor(a) tinha de trazer uma encomenda para alguém. Mas você / o(a) senhor(a) não fez isso. Se a pessoa perguntar pela encomenda, o que é que você / o(a) senhor(a) diz? "Infelizmente, eu não _____ a encomenda".
APURAR A EXISTÊNCIA DA VARIAÇÃO TROUXE / TRUXE.

- 42) PÔR (1ª. pessoa do singular)
Uma pessoa procura um objeto (chave, sandália) e não acha. Então ela pergunta onde você / o(a) senhor(a) pôs o objeto. Como é que você / o(a) senhor(a) responde?
APURAR A EXISTÊNCIA DA VARIAÇÃO PUS / PONHEI.

Futuro do Presente

- 43) O que você / o(a) senhor(a) fará amanhã?

Futuro do Pretérito

- 44) O que é que você / o(a) senhor(a) faria se ganhasse na loteria?

Concordância Verbal

- 45) FAZ / FAZEM
Quanto tempo faz que você / o(a) senhor(a) mora aqui?

TER / HAVER em sentido existencial

- 46) Como era esta cidade, antigamente, em termos de festas? [Antigamente, esta cidade era mais desenvolvida? Por quê?]

Advérbio

Colocação de NÃO em respostas negativas

- 47) Você / o(a) senhor(a) sabe se tem vida em outro planeta / na lua?
- 48) Você / o(a) senhor(a) já viu disco voador, não é?
- 49) Você / o(a) senhor(a) já viajou de avião? Tem medo de viajar de avião?

QUESTÕES DE PRAGMÁTICA

Moço, tio

- 1) Um objeto (carteira, lenço, chave) caiu do bolso de um rapaz jovem e ele não viu. Como um outro rapaz jovem chama a atenção desse rapaz?
- 2) Um objeto (carteira, lenço, chave) caiu do bolso de um homem idoso e ele não viu. Como um rapaz jovem chama a atenção desse idoso?

Moça, dona, tia

- 3) Um objeto (carteira, lenço, chave) caiu do bolso de uma mulher jovem e ela não viu. Como um rapaz jovem chama a atenção dessa jovem?
- 4) Um objeto (carteira, lenço, chave) caiu do bolso de uma mulher idosa e ela não viu. Como um rapaz jovem chama a atenção dessa mulher?

TEMAS PARA DISCURSOS SEMIDIRIGIDOS

- 1) **Relato pessoal**
Relate um acontecimento marcante em sua vida (casamento, namoro...).
- 2) **Comentário**
De que programas de televisão você / o(a) senhor(a) gosta mais?
Por quê?
- 3) **Descrição**
Você / o(a) senhor(a) trabalha em quê? Fale um pouco sobre seu trabalho.
- 4) **Relato não pessoal**
Conte um caso / um fato de seu conhecimento (de que tenha ouvido falar, que tenha acontecido com um amigo, etc.).

PERGUNTAS METALINGUÍSTICAS

- 1) Como chama a língua que você / o(a) senhor(a) fala?
- 2) Tem gente que fala diferente aqui em _____? *Se houver, identificar os grupos "que falam diferente".*
- 3) Poderia dar um exemplo do modo como falam essas pessoas *que falam diferente?*
- 4) E, em outros lugares do Brasil, fala-se diferente daqui de _____ *(citar a cidade onde está)?*
- 5) Poderia dar um exemplo do modo como falam em outros lugares do Brasil?
- 6) No passado, falavam diferente aqui?

TEXTO PARA LEITURA

Parábola dos sete vimes

Era uma vez um pai que tinha sete filhos. Quando estava para morrer, chamou-os a todos e, depois de ter olhado inquieto e tristemente para o céu, disse-lhes:

— Já não tendes mãe e eu sei que não posso durar muito; mas antes de morrer, desejo que cada um de vós me vá buscar, no Campo do Moinho, um vime seco.

— Eu também? perguntou o mais novo — um garoto esbelto de quatro anos que estava, inocentemente, brincando ao sol com duas moedas num velho chapéu de feltro.

— Tu também, Tiago.

Quando os filhos voltaram com os vimes, o pai pediu ao menor deles:

— Quebra esse vime.

Ao ouvir isto, o pequeno partiu o vime sem nada lhe custar.

— Agora parte os outros, um a um.

O menino obedeceu.

— Trazei-me, todos, outro vime! tornou o pai, logo que viu o menino partir o último sem dificuldade alguma.

Quando os rapazes apareceram de novo, enfeixou os sete vimes soltos, atando-os com o fio.

— Toma este feixe, Paulo. Parte-o! ordenou o pai ao filho mais velho — o homem mais valente da cidade.

Vendo que já lhe doíam as mãos de tanto se esforçar por partir o feixe, acrescentou:

— Não foste capaz! O osso é duro de roer!...

— Não, senhor, não fui, e já me doem as mãos, respondeu o moço.

Todos os outros tentaram em vão.

— Se fossem mil vimes em vez de sete, pior seria, exclamou o pai. Quer sejam vimes ou corações, lembrai-vos sempre que a união faz a força. Se estiverdes sempre unidos, ninguém vos fará mal.

— Ao acabar de dizer isto, morreu. Fiéis ao bom conselho paterno, até ao fim da vida, foram sempre felizes e fortes como leões, os sete irmãos desta história.

(TRINDADE COELHO, J. F. *Os meus amores* apud LACERDA, A. de; HAMMARSTRÖM, G. *Transcrição fonética do português normal*. Coimbra: [s. n.], 1953. p. 27-28. (Texto com adaptações)).

| | | |
|---|--|-------------------------|
|  | QUADRO DE CONTROLE DE RESPOSTAS | |
| | Localidade: _____ | Nº da localidade: _____ |
| Nº do inquérito: ____/____ | Data do inquérito: ____/____/____ | |
| Nome do informante: _____ | | |
| Nome dos inquiridores: _____ | | |
| Titular: _____ | | |
| Auxiliar: _____ | | |
| Início do inquérito: ____:____ h | Término do inquérito: ____:____ h | |
| Observações: _____ | | |

Questionário Fonético-Fonológico

| | | | | | |
|----|----------------|----|-------------|----|-----------|
| 1 | Casa | 29 | Cebola | 57 | Ano |
| 2 | Terreno | 30 | Tomate | 58 | Sol |
| 3 | Prateleira | 31 | Casca | 59 | Amanhã |
| 4 | Televisão | 32 | Abóbora | 60 | Sábado |
| 5 | Caixa | 33 | Clara | 61 | Calor |
| 6 | Tesoura | 34 | Gema | 62 | Tarde |
| 7 | Caminha (s.) | 35 | Manteiga | 63 | Três |
| 8 | Travesseiro | 36 | Botar | 64 | Dez |
| 9 | Luz | 37 | Bonito | 65 | Catorze |
| 10 | Lâmpada | 38 | Rosa (flor) | 66 | Número |
| 11 | Elétrico | 39 | Árvore | 67 | Estrada |
| 12 | Torneira | 40 | Planta | 68 | Poça |
| 13 | Imã | 41 | Ovelha | 69 | Desvio |
| 14 | Fecha | 42 | Cavalo | 70 | Placa |
| 15 | Fósforo | 43 | Montar | 71 | Bicicleta |
| 16 | Fumaça | 44 | Abelha | 72 | Pneu |
| 17 | Pólvora | 45 | Mel | 73 | Vidro |
| 18 | Varrer | 46 | Borboleta | 74 | Seguro |
| 19 | Almoço | 47 | Teia | 75 | Passagem |
| 20 | Ruim | 48 | Rato | 76 | Real |
| 21 | Arroz | 49 | Elefante | 77 | Muito |
| 22 | Gordura | 50 | Peixe | 78 | Deve |
| 23 | Grelha | 51 | Canoa | 79 | Obrigado |
| 24 | Peneira | 52 | Remando | 80 | Trabalhar |
| 25 | Colher | 53 | Fazenda | 81 | Emprego |
| 26 | Liquidificador | 54 | Aftosa | 82 | Início |
| 27 | Fervendo | 55 | Noite | 83 | Prefeito |
| 28 | Sal | 56 | Dia | 84 | Escola |

Questionário Fonético-Fonológico (continuação)

| | | | | | | | |
|-----|---------------|-----|-----------|--|------------------------|----------------|----------------------------|
| 85 | Colegas | 123 | Ferida | | Questões de Prosódia | | |
| 86 | Giz | 124 | Caspa | | | INTERROGATIVAS | |
| 87 | Borracha | 125 | Banho | | | | 1 ... prefere vinho ou...? |
| 88 | Rasgar | 126 | Desmaio | | | | 2 ... toma leite ou...? |
| 89 | Azul | 127 | Vômito | | 3 Você vai sair...? | | |
| 90 | Brasil | 128 | Homem | | 4 Eu vou sair...? | | |
| 91 | Bandeira | 129 | Mulher | | AFIRMATIVAS | | |
| 92 | Pernambucano | 130 | Família | | 1 Você vai sair... | | |
| 93 | Soldado | 131 | Tio | | 2 Estou aborrecido... | | |
| 94 | Correio | 132 | Genro | | 3 Estou muito feliz... | | |
| 95 | Liquidação | 133 | Único | | IMPERATIVAS | | |
| 96 | Cinema | 134 | Alta | | 1 ... saia da chuva! | | |
| 97 | Defesa | 135 | Baixa | | 2 Não mexa nisso! | | |
| 98 | Calção | 136 | Loura | | 3 ... venham almoçar! | | |
| 99 | União | 137 | Voz | | 4 Você vai sair...! | | |
| 100 | Companheiro | 138 | Doido | | | | |
| 101 | Advogado | 139 | Velho | | | | |
| 102 | Questão | 140 | Sandália | | | | |
| 103 | Pego | 141 | Meia | | | | |
| 104 | Inocente | 142 | Braguilha | | | | |
| 105 | Certo | 143 | Anel | | | | |
| 106 | Mentira | 144 | Perfume | | | | |
| 107 | Procissão | 145 | Presente | | | | |
| 108 | Santo Antônio | 146 | Beijar | | | | |
| 109 | Pecado | 147 | Sorriso | | | | |
| 110 | Perdão | 148 | Dormindo | | | | |
| 111 | Coroa | 149 | Assobio | | | | |
| 112 | Olho | 150 | Perdida | | | | |
| 113 | Pescoço | 151 | Encontrar | | | | |
| 114 | Orelha | 152 | Perguntar | | | | |
| 115 | Ouvido | 153 | Sair | | | | |
| 116 | Dente | 154 | Barulho | | | | |
| 117 | Peito | 155 | Paz | | | | |
| 118 | Fígado | 156 | Mesma | | | | |
| 119 | Coração | 157 | Hóspede | | | | |
| 120 | Costas | 158 | Esquerdo | | | | |
| 121 | Umbigo | 159 | Morreu | | | | |
| 122 | Joelho | | | | | | |

Questionário Semântico-Lexical

| | | | | | |
|----|---------------------|----|-------------------|-----|-------------------|
| 1 | Riacho | 47 | Soca | 93 | Míope |
| 2 | Pinguela | 48 | Girassol | 94 | Terçol |
| 3 | Foz | 49 | Vagem (feijão) | 95 | Conjuntivite |
| 4 | Redemoinho (água) | 50 | Aipim | 96 | Catarata |
| 5 | Onda (mar) | 51 | Mandioca | 97 | Caninos |
| 6 | Onda (rio) | 52 | Carrinho de mão | 98 | Dentes do siso |
| 7 | Redemoinho (vento) | 53 | Haste do carrinho | 99 | Molares |
| 8 | Relâmpago | 54 | Forquilha | 100 | Banguela |
| 9 | Raio | 55 | Cangalha | 101 | Fanho |
| 10 | Trovão | 56 | Canga | 102 | Meleca |
| 11 | Temporal | 57 | Balaio | 103 | Soluço |
| 12 | <i>Outros nomes</i> | 58 | Bruaca | 104 | Nuca |
| 13 | Tromba d'água | 59 | Borrego | 105 | Gogó |
| 14 | Chuva forte | 60 | Perda da cria | 106 | Clavícula |
| 15 | Chuva de pedra | 61 | Trab. enxada | 107 | Corcunda |
| 16 | Estiar | 62 | Picada | 108 | Axila |
| 17 | Arco-iris | 63 | Trilho | 109 | Odor da axila |
| 18 | Garoa | 64 | Urubu | 110 | Canhoto |
| 19 | Terra umdecida | 65 | Beija-flor | 111 | Seios |
| 20 | Orvalho | 66 | João-de-barro | 112 | Vomitir |
| 21 | Nevoeiro | 67 | Guiné | 113 | Útero |
| 22 | Amanhecer | 68 | Papagaio | 114 | Perneta |
| 23 | Nascer (sol) | 69 | Sura | 115 | Manco |
| 24 | Alvorada | 70 | Cotó | 116 | Pernas arqueadas |
| 25 | Pôr do sol | 71 | Gambá | 117 | Rótula |
| 26 | Crepúsculo | 72 | Patas (cavalo) | 118 | Tornozelo |
| 27 | Entardecer | 73 | Crina | 119 | Calcanhar |
| 28 | Anoitecer | 74 | Crina/cauda | 120 | Cócegas |
| 29 | Estrela matutina | 75 | Lombo | 121 | Menstruação |
| 30 | Estrela vespertina | 76 | Anca | 122 | Menopausa |
| 31 | Estrela cadente | 77 | Chifre | 123 | Parteira |
| 32 | Correr estrela | 78 | Boi sem chifre | 124 | Dar à luz |
| 33 | Via Láctea | 79 | Cabra sem chifre | 125 | Gêmeos |
| 34 | Meses | 80 | Úbere | 126 | Aborto |
| 35 | <i>Outros nomes</i> | 81 | Rabo | 127 | Abortar |
| 36 | Ontem | 82 | Manco | 128 | Ama de leite |
| 37 | Anteontem | 83 | Varejeira | 129 | Irmão de leite |
| 38 | Trasanteontem | 84 | Sanguessuga | 130 | Filho adotivo |
| 39 | Tangerina | 85 | Libélula | 131 | Caçula |
| 40 | Amendoim | 86 | Bicho de fruta | 132 | Menino |
| 41 | Camomila | 87 | Coró | 133 | Menina |
| 42 | Penca | 88 | Pernilongo | 134 | Madrasta |
| 43 | Banana dupla | 89 | Pálpebras | 135 | Finado |
| 44 | Parte da bananeira | 90 | Cisco | 136 | Tagarela |
| 45 | Espiga | 91 | Caolho | 137 | Pouco inteligente |
| 46 | Sabugo | 92 | Vesgo | 138 | Sovina |

Questionário Semântico-Lexical (continuação)

| | | | | | |
|-----|------------------|-----|----------------|-----|---------------|
| 139 | Mau pagador | 161 | Cabra-cega | 183 | Empanturrado |
| 140 | Assassino pago | 162 | Pega-pega | 184 | Glutão |
| 141 | Marido enganado | 163 | Pícua | 185 | Baía |
| 142 | Prostituta | 164 | Chicotinho | 186 | Pão francês |
| 143 | Xará | 165 | Gangorra | 187 | Bengala (pão) |
| 144 | Bêbado | 166 | Balanço | 188 | Sutiã |
| 145 | Cigarro de palha | 167 | Amarelinha | 189 | Cueca |
| 146 | Toco de cigarro | 168 | Tramela | 190 | Calcinha |
| 147 | Diabo | 169 | Veneziana | 191 | Rouge |
| 148 | Fantasma | 170 | Vaso sanitário | 192 | Grampo |
| 149 | Feitiço | 171 | Fuligem | 193 | Diadema |
| 150 | Amuleto | 172 | Borrvalho | 194 | Semáforo |
| 151 | Benzedeira | 173 | Isqueiro | 195 | Quebra-molas |
| 152 | Curandeiro | 174 | Lanterna | 196 | Calçada |
| 153 | Medalha | 175 | 12 | 197 | Meio-fio |
| 154 | Presépio | 176 | Cafê da manhã | 198 | Rótula |
| 155 | Cambalhota | 177 | Geleia | 199 | Terreno |
| 156 | Gude | 178 | Carne moída | 200 | Ônibus urbano |
| 157 | Estilingue | 179 | Canjica | 201 | Ônibus inter |
| 158 | Pipa | 180 | Curau | 202 | Bodega rano |
| 159 | Pipa/arraia | 181 | Mungunzá | | |
| 160 | Esconde-esconde | 182 | Aguardente | | |

Questionário Morfosintático

| | | | | | |
|----|------------|----|-------------------|----|------------------|
| 1 | Artigo | 18 | Chapéus | 35 | Ouvir (1ª sing) |
| 2 | Artigo | 19 | Anzois | 36 | Caber (1ª sing) |
| 3 | Alface | 20 | Olhos | 37 | Pret. perf. |
| 4 | Cal | 21 | Maior / menor | 38 | Dar (1ª sing) |
| 5 | Guaraná | 22 | Melhor | 39 | Saber (1ª sing) |
| 6 | Alemã | 23 | Eu / mim | 40 | Estar (1ª sing) |
| 7 | Chefe | 24 | Tu / você | 41 | Trazer (1ª sing) |
| 8 | Ladra | 25 | Você indetermin. | 42 | Pôr (1ª sing) |
| 9 | Presidente | 26 | Nós / a gente | 43 | Futuro pres. |
| 10 | Lápis | 27 | Comigo | 44 | Futuro pret. |
| 11 | Anéis | 28 | Conosco | 45 | Faz / fazem |
| 12 | Aventais | 29 | Teu (inf.-inq.) | 46 | Ter / haver |
| 13 | Pães | 30 | Teu (irmãos) | 47 | Não |
| 14 | Mãos | 31 | Seu / dele | 48 | Não |
| 15 | Leões | 32 | Menos(as) | 49 | Não |
| 16 | Degraus | 33 | Presente Ind. | | |
| 17 | Flores | 34 | Viver (3ª plural) | | |

LEGENDA:

- X informante não sabe, não retornar à pergunta
- o informante respondeu no retorno
- ? informante deu outra resposta (no QFF)
- questões em que se utilizam gravuras ou *realia*.
- o informante não se lembra, retornar à pergunta
- o inquiridor esqueceu de perguntar
- * inquiridor emitiu, por lapso, a resposta

LEVANTAMENTO DE RESPOSTAS NÃO-OBTIDAS

| Questionário | Quantidade | Percentual |
|--------------|------------|------------|
| QFF | ___ de 159 | % |
| QSL | ___ de 202 | % |
| QMS | ___ de 049 | % |
| TOTAL | ___ de 410 | % |

QFF

| | | | |
|----|-------|----|--------|
| 1 | 0,62% | 11 | 6,91% |
| 2 | 1,25% | 12 | 7,54% |
| 3 | 1,88% | 13 | 8,17% |
| 4 | 2,51% | 14 | 8,80% |
| 5 | 3,14% | 15 | 9,43% |
| 6 | 3,77% | 16 | 10,06% |
| 7 | 4,40% | 17 | 10,69% |
| 8 | 5,03% | 18 | 11,32% |
| 9 | 5,66% | 19 | 11,94% |
| 10 | 6,28% | 20 | 12,57% |

QMS

| | | | |
|----|--------|----|--------|
| 1 | 2,04% | 11 | 22,45% |
| 2 | 4,08% | 12 | 24,49% |
| 3 | 6,12% | 13 | 26,53% |
| 4 | 8,16% | 14 | 28,57% |
| 5 | 10,21% | 15 | 30,61% |
| 6 | 12,24% | 16 | 32,65% |
| 7 | 14,28% | 17 | 34,69% |
| 8 | 16,32% | 18 | 36,73% |
| 9 | 18,36% | 19 | 38,77% |
| 10 | 20,40% | 20 | 40,81% |

QSL

| | | | | | | | |
|----|-------|----|-------|----|--------|----|--------|
| 1 | 0,49% | 11 | 5,44% | 21 | 10,39% | 31 | 15,34% |
| 2 | 0,99% | 12 | 5,94% | 22 | 10,89% | 32 | 15,84% |
| 3 | 1,48% | 13 | 6,43% | 23 | 11,38% | 33 | 16,33% |
| 4 | 1,98% | 14 | 6,93% | 24 | 11,88% | 34 | 16,83% |
| 5 | 2,47% | 15 | 7,42% | 25 | 12,37% | 35 | 17,32% |
| 6 | 2,97% | 16 | 7,92% | 26 | 12,87% | 36 | 17,82% |
| 7 | 3,46% | 17 | 8,41% | 27 | 13,36% | 37 | 18,31% |
| 8 | 3,96% | 18 | 8,91% | 28 | 13,86% | 38 | 18,81% |
| 9 | 4,45% | 19 | 9,40% | 29 | 14,35% | 39 | 19,30% |
| 10 | 4,95% | 20 | 9,90% | 30 | 14,85% | 40 | 19,50% |

TOTAL

| | | | | | | | |
|----|-------|----|-------|----|-------|----|-------|
| 1 | 0,24% | 11 | 2,68% | 21 | 5,12% | 31 | 7,56% |
| 2 | 0,48% | 12 | 2,93% | 22 | 5,36% | 32 | 7,80% |
| 3 | 0,73% | 13 | 3,17% | 23 | 5,61% | 33 | 8,05% |
| 4 | 0,97% | 14 | 3,41% | 24 | 5,85% | 34 | 8,29% |
| 5 | 1,22% | 15 | 3,66% | 25 | 6,10% | 35 | 8,53% |
| 6 | 1,46% | 16 | 3,90% | 26 | 6,34% | 36 | 8,78% |
| 7 | 1,70% | 17 | 4,15% | 27 | 6,58% | 37 | 9,02% |
| 8 | 1,95% | 18 | 4,39% | 28 | 6,83% | 38 | 9,27% |
| 9 | 2,19% | 19 | 4,63% | 29 | 7,07% | 39 | 9,51% |
| 10 | 2,44% | 20 | 4,88% | 30 | 7,32% | 40 | 9,76% |

Atenção: os percentuais aqui fixados devem ser obedecidos rigorosamente.

Rede de ponto do Projeto ALiB



REDE DE PONTOS

| REGIÃO | ESTADO | Nº | LOCALIDADE | ANO DE REALIZAÇÃO |
|----------|-----------|----|--------------------------|-------------------|
| Norte | Amapá | 1 | Oiapoque | 2003 |
| | | 2 | Macapá | 2003, 2011 |
| | Roraima | 3 | Boa Vista | 2005 |
| | Amazonas | 4 | São Gabriel da Cachoeira | 2011 |
| | | 5 | Tefé | 2011 |
| | | 6 | Manaus | 2005 |
| | | 7 | Benjamin Constant | 2011 |
| | Pará | 8 | Humaitá | 2011 |
| | | 9 | Soure | 2004, 2005 |
| | | 10 | Óbidos | 2006 |
| | | 11 | Almeirim | 2006 |
| | | 12 | Belém | 2004, 2005 |
| | | 13 | Bragança | 2005 |
| | | 14 | Altamira | 2005 |
| | | 15 | Marabá | 2006 |
| | | 16 | Jacareacanga | 2005 |
| | | 17 | Conceição do Araguaia | 2011 |
| | Acre | 18 | Itaituba | 2011 |
| | | 19 | Cruzeiro do Sul | 2005 |
| | Rondônia | 20 | Rio Branco | 2005 |
| | | 21 | Porto Velho | 2005, 2013 |
| | Tocantins | 22 | Guajará Mirim | 2009 |
| | | 23 | Pedro Afonso | 2011 |
| | | 24 | Natividade | 2011 |
| Nordeste | Maranhão | 25 | Turiaçu | 2010 |
| | | 26 | São Luís | 2003, 2004 |
| | | 27 | Brejo | 2006 |
| | | 28 | Bacabal | 2005 |
| | | 29 | Imperatriz | 2007 |
| | | 30 | Tuntum | 2010 |
| | | 31 | São João dos Patos | 2010 |

| REGIÃO | ESTADO | Nº | LOCALIDADE | ANO DE REALIZAÇÃO |
|------------|---------------------|----------------|-------------------|-------------------|
| | | 32 | Balsas | 2007 |
| | | 33 | Alto Parnaíba | 2007 |
| | Piauí | 34 | <i>Teresina</i> | 2004 |
| | | 35 | Piripiri | 2010 |
| | | 36 | Picos | 2012 |
| | | 37 | Canto do Buriti | 2011 |
| | | 38 | Corrente | 2011 |
| | Ceará | 39 | Camocim | 2011 |
| | | 40 | Sobral | 2010 |
| | | 41 | <i>Fortaleza</i> | 2003, 2004 |
| | | 42 | Ipu | 2011 |
| | | 43 | Canindé | 2009 |
| | | 44 | Crateús | 2010 |
| | | 45 | Quixeramobim | 2009 |
| | | 46 | Russas | 2008 |
| | | 47 | Limoeiro do Norte | 2006 |
| | | 48 | Tauá | 2004 |
| | | 49 | Iguatu | 2009 |
| | 50 | Crato | 2004 | |
| | Rio Grande do Norte | 51 | Mossoró | 2009, 2012 |
| | | 52 | Angicos | 2008 |
| | | 53 | <i>Natal</i> | 2004 |
| | | 54 | Pau dos Ferros | 2012 |
| | 55 | Caicó | 2012 | |
| | Paraíba | 56 | Cuité | 2012 |
| | | 57 | Cajazeiras | 2012 |
| | | 58 | Itaporanga | 2012 |
| 59 | | Patos | 2012 | |
| 60 | | Campina Grande | 2005 | |
| 61 | <i>João Pessoa</i> | 2004 | | |
| Pernambuco | 62 | Exu | 2012 | |
| | 63 | Salgueiro | 2011 | |
| | 64 | Limoeiro | 2013 | |
| | 65 | Olinda | 2006, 2013 | |
| | 66 | Afrânio | 2011 | |
| | 67 | Cabrobó | 2011 | |

| REGIÃO | ESTADO | Nº | LOCALIDADE | ANO DE REALIZAÇÃO |
|--------------|---------|----------------------|--------------------|--------------------|
| | | 68 | Arcoverde | 2009 |
| | | 69 | Caruaru | 2006 |
| | | 70 | <i>Recife</i> | 2003 |
| | | 71 | Floresta | 2011 |
| | | 72 | Garanhuns | 2009 |
| | | 73 | Petrolina | 2007 |
| | | 74 | União dos Palmares | 2004 |
| | Alagoas | 75 | Santana do Ipanema | 2004 |
| | | 76 | Arapiraca | 2004 |
| | | 77 | <i>Maceió</i> | 2004, 2005 |
| | Sergipe | 78 | Propriá | 2005 |
| | | 79 | <i>Aracaju</i> | 2003, 2004 |
| | 80 | Estância | 2003 | |
| | Bahia | 81 | Juazeiro | 2003, 2007 |
| | | 82 | Jeremoabo | 2007 |
| | | 83 | Euclides da Cunha | 2010 |
| | | 84 | Barra | 2007 |
| | | 85 | Irecê | 2007 |
| | | 86 | Jacobina | 2003 |
| | | 87 | Barreiras | 2006 |
| | | 88 | Alagoinhas | 2003 |
| | | 89 | Seabra | 2006 |
| | | 90 | Itaberaba | 2003 |
| | | 91 | Santo Amaro | 2005, 2006 |
| | | 92 | Santana | 2006 |
| | | 93 | Salvador | 2003 - 2004 - 2007 |
| | | 94 | Valença | 2004 - 2006 |
| | | 95 | Jequié | 2005 |
| | | 96 | Caetité | 2009 |
| | | 97 | Carinhanha | 2009 |
| 98 | | Vitória da Conquista | 2004 | |
| 99 | | Ilhéus | 2007, 2009 | |
| 100 | | Itapetinga | 2004 | |
| 101 | | Santa Cruz Cabrália | 2009 | |
| 102 | | Caravelas | 2009 | |
| Centro-Oeste | | Mato Grosso | 103 | Aripuanã |

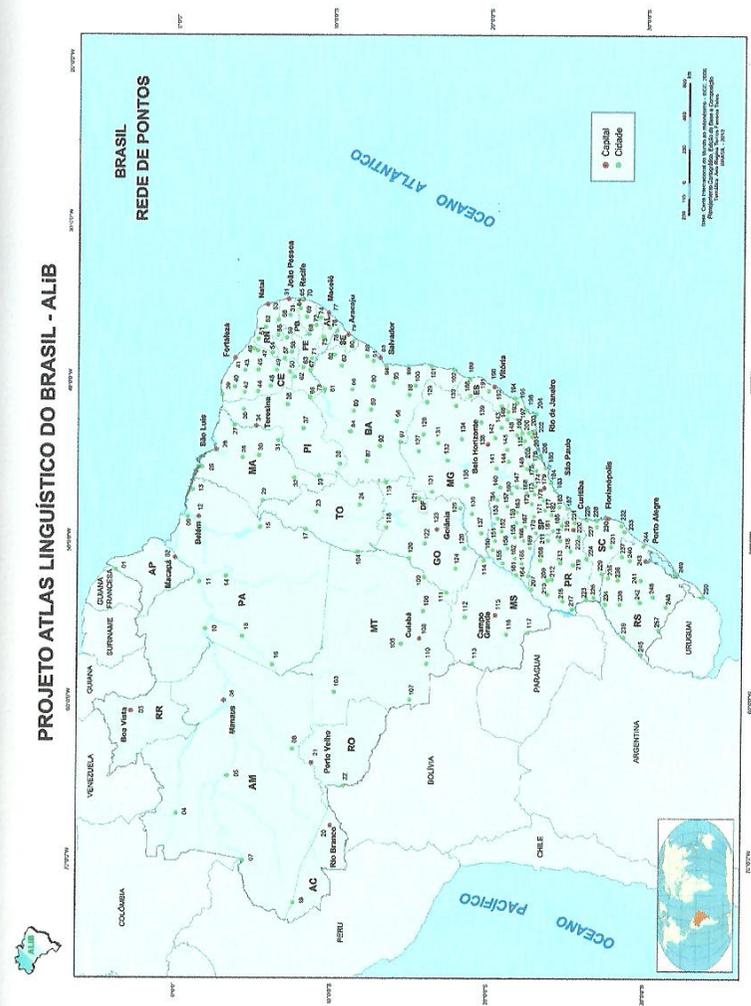
| REGIÃO | ESTADO | Nº | LOCALIDADE | ANO DE REALIZAÇÃO |
|---------|--------------------|--------------|----------------------------------|-------------------|
| | | 104 | São Félix do Araguaia | 2011 |
| | | 105 | Diamantino | 2006 |
| | | 106 | Poxoréu | 2007, 2008 |
| | | 107 | Vila Bela da Santíssima Trindade | 2005 |
| | | 108 | Cuiabá | 2001, 2004 |
| | | 109 | Barra do Garças | 2006 |
| | | 110 | Cáceres | 2005, 2006 |
| | | 111 | Alto Araguaia | 2005 |
| | | 112 | Coxim | 2003, 2006 |
| | | 113 | Corumbá | 2004 |
| | | 114 | Paranaíba | 2004, 2006 |
| | Mato Grosso do Sul | 115 | Campo Grande | 2001, 2004 |
| | | 116 | Nioaque | 2004 |
| | | 117 | Ponta Porã | 2003, 2004 |
| | | 118 | Porangatu | 2009 |
| | | 119 | São Domingos | 2009 |
| | | 120 | Aruanã | 2009 |
| | Goiás | 121 | Formosa | 2009 |
| | | 122 | Goiás | 2008 |
| 123 | | Goiânia | 2003, 2005, 2009 | |
| 124 | | Jataí | 2006 | |
| 125 | | Catalão | 2007, 2011 | |
| 126 | | Quirinópolis | 2001 | |
| 127 | | Januária | 2009 | |
| 128 | | Janaúba | 2009 | |
| Sudeste | Minas Gerais | 129 | Pedra Azul | 2009 |
| | | 130 | Unai | 2009 |
| | | 131 | Montes Claros | 2009 |
| | | 132 | Pirapora | 2009 |
| | | 133 | Teófilo Otoni | 2009 |
| | | 134 | Diamantina | 2009 |
| | | 135 | Uberlândia | 2009 |
| | | 136 | Patos de Minas | 2009 |
| | | 137 | Campina Verde | 2009 |
| | | 138 | Belo Horizonte | 2006, 2009 |
| | | 139 | Ipatinga | 2013 |

| REGIÃO | ESTADO | Nº | LOCALIDADE | ANO DE REALIZAÇÃO | |
|--------|----------------------|---------------------|---------------------|-----------------------|------------|
| | | 140 | Passos | 2009 | |
| | | 141 | Formiga | 2009 | |
| | | 142 | Ouro Preto | 2010 | |
| | | 143 | Viçosa | 2013 | |
| | | 144 | Lavras | 2009 | |
| | | 145 | São João del Rei | 2013 | |
| | | 146 | Muriae | 2013 | |
| | | 147 | Poços de Caldas | 2009 | |
| | | 148 | Juiz de Fora | 2010 | |
| | | 149 | Itajubá | 2011 | |
| | | São Paulo | 150 | Jales | 2006 |
| | | | 151 | Votuporanga | 2006 |
| | | | 152 | São José do Rio Preto | 2005, 2007 |
| | | | 153 | Barretos | 2005 |
| | 154 | | Franca | 2006 | |
| | 155 | | Andradina | 2004 | |
| | 156 | | Araçatuba | 2003, 2005 | |
| | 157 | | Ribeirão Preto | 2006, 2007, 2008 | |
| | 158 | | Lins | 2006 | |
| | 159 | | Ibitinga | 2005 - 2006 | |
| | 160 | | Mococa | 2006 | |
| | 161 | | Presidente Epitácio | 2004, 2005 | |
| | 162 | | Adamantina | 2005 | |
| | 163 | Araraquara | 2005, 2006 | | |
| | 164 | Teodoro Sampaio | 2005, 2008 | | |
| | 165 | Presidente Prudente | 2005 | | |
| | 166 | Marília | 2003, 2007 | | |
| 167 | Bauru | 2006, 2011 | | | |
| 168 | Mogi Mirim | 2004, 2008 | | | |
| 169 | Assis | 2004, 2008 | | | |
| 170 | Bernardino de Campos | 2004 | | | |
| 171 | Botucatu | 2006 | | | |
| 172 | Piracicaba | 2006 | | | |
| 173 | Campinas | 2002, 2008 | | | |
| 174 | Bragança Paulista | 2006 | | | |
| 175 | Taubaté | 2006, 2008 | | | |

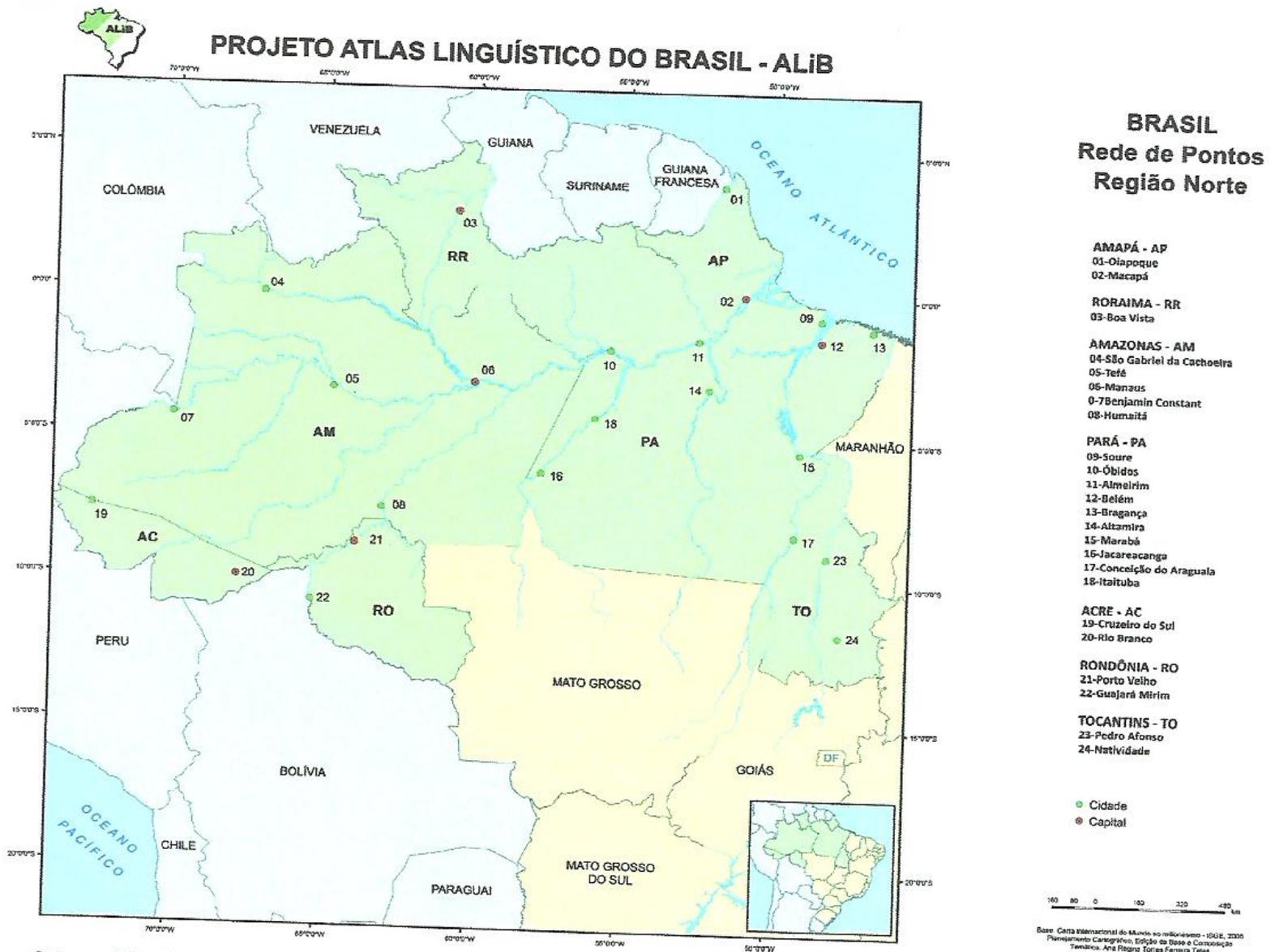
| REGIÃO | ESTADO | Nº | LOCALIDADE | ANO DE REALIZAÇÃO |
|--------|----------------|-----|------------------------|-------------------|
| | | 176 | Guaratinguetá | 2006 |
| | | 177 | Itapetininga | 2006 |
| | | 178 | Sorocaba | 2006 |
| | | 179 | São Paulo | 2003, 2004, 2005 |
| | | 180 | Caraguatatuba | 2006 |
| | | 181 | Itararé | 2004 |
| | | 182 | Capão Bonito | 2004 |
| | | 183 | Itanhaém | 2006 |
| | | 184 | Santos | 2007 |
| | | 185 | Ribeira | 2004 |
| | | 186 | Registro | 2006 |
| | | 187 | Cananéia | 2006 |
| | | 188 | Barra de São Francisco | 2009 |
| | | 189 | São Mateus | 2009 |
| | Espírito Santo | 190 | Vitória | 2006 |
| | | 191 | Santa Teresa | 2011 |
| | | 192 | Alegre | 2011 |
| | | 193 | Itaperuna | 2011, 2013 |
| | | 194 | São João da Barra | 2013 |
| | | 195 | Campos dos Goytacazes | 2009 |
| | | 196 | Três Rios | 2013 |
| | | 197 | Nova Friburgo | 2013 |
| | | 198 | Macaé | 2009 |
| | | 199 | Valença | 2006, 2007, 2009 |
| | Rio de Janeiro | 200 | Petrópolis | 2003 |
| | | 201 | Nova Iguaçu | 2010, 2013 |
| | | 202 | Rio de Janeiro | 2004, 2005, 2006 |
| | | 203 | Niterói | 2003 |
| | | 204 | Arraial do Cabo | 2010 |
| | | 205 | Barra Mansa | 2009 |
| | | 206 | Parati | 2013 |
| | | 207 | Nova Londrina | 2003 |
| | | 208 | Londrina | 2003, 2004 |
| | | 209 | Terra Boa | 2003, 2009 |
| | | 210 | Umuarama | 2003, 2004 |
| | | 211 | Tomazina | 2002 |
| Sul | Paraná | | | |

| REGIÃO | ESTADO | Nº | LOCALIDADE | ANO DE REALIZAÇÃO |
|--------|-------------------|-----|-----------------------|------------------------|
| | | 212 | Campo Mourão | 2003 |
| | | 213 | Cândido de Abreu | 2003 |
| | | 214 | Pirai do Sul | 2002 |
| | | 215 | Toledo | 2003, 2004 |
| | | 216 | Adrianópolis | 2004 |
| | | 217 | São Miguel do Iguaçu | 2003 |
| | | 218 | Imbituva | 2002, 2003 |
| | | 219 | Guarapuava | 2003 |
| | | 220 | Curitiba | 2001 - 2002 |
| | | 221 | Morretes | 2001 - 2002 - 2003 |
| | | 222 | Lapa | 2003 |
| | | 223 | Barracão | 2003 |
| | | 224 | Porto União | 2009 |
| | | 225 | São Francisco do Sul | 2010 |
| | | 226 | São Miguel do Oeste | 2009 |
| | | 227 | Blumenau | 2007 |
| | | 228 | Itajaí | 2009 |
| | Santa Catarina | 229 | Concórdia | 2006 - 2010 |
| | | 230 | Florianópolis | 2004 |
| | | 231 | Lages | 2007 |
| | | 232 | Tubarão | 2007 |
| | | 233 | Criciúma | 2008, 2009 |
| | | 234 | Três Passos | 2012 |
| | | 235 | Erechim | 2009 |
| | | 236 | Passo Fundo | 2012 |
| | | 237 | Vacaria | 2009 |
| | | 238 | Ijuí | 2012 |
| | | 239 | São Borja | 2009 |
| | | 240 | Flores da Cunha | 2009, 2010 |
| | | 241 | Santa Cruz do Sul | 2013 |
| | | 242 | Santa Maria | 2005, 2011 |
| | | 243 | Porto Alegre | 2006, 2007, 2010, 2012 |
| | | 244 | Osório | 2009 |
| | | 245 | Uruguaiana | 2009 |
| | | 246 | Caçapava do Sul | 2010 |
| | | 247 | Santana do Livramento | 2009 |
| | Rio Grande do Sul | | | |

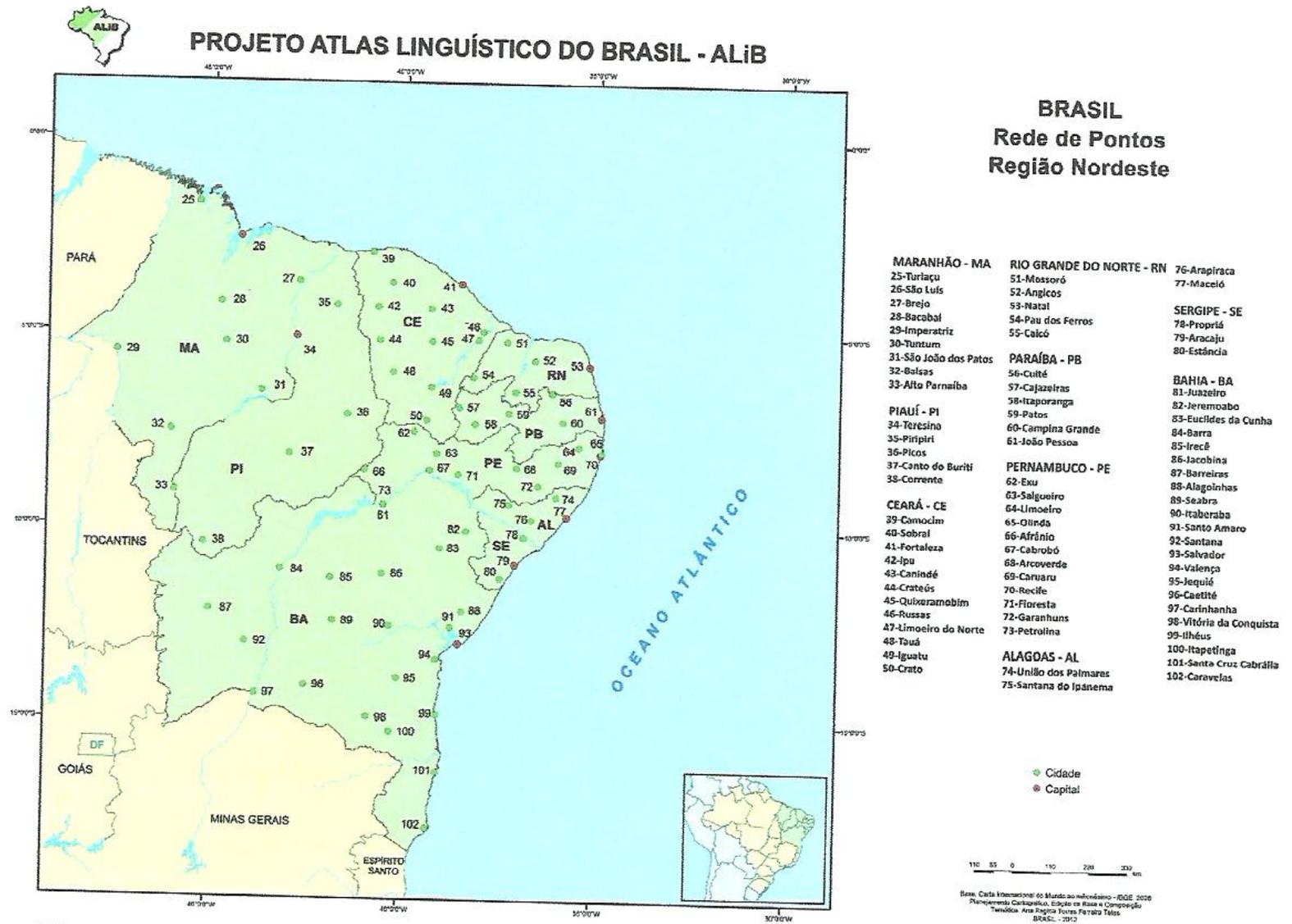
| REGIÃO | ESTADO | Nº | LOCALIDADE | ANO DE REALIZAÇÃO |
|--------|--------|-----|-------------------|-------------------|
| | | 248 | Bagé | 2010 |
| | | 249 | São José do Norte | 2010 |
| | | 250 | Chuí | 2009 |



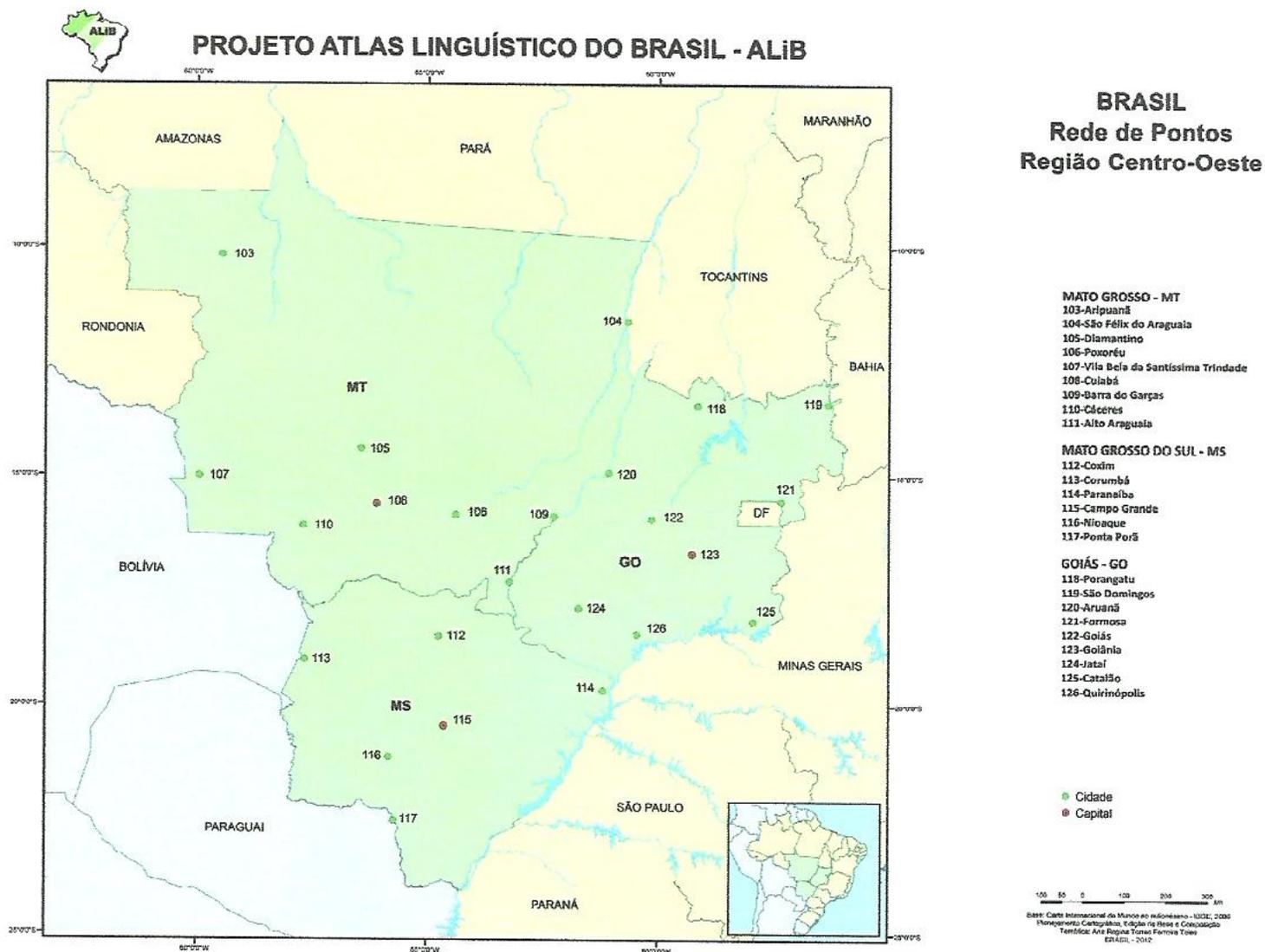
Mapa 01—Rede de pontos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)



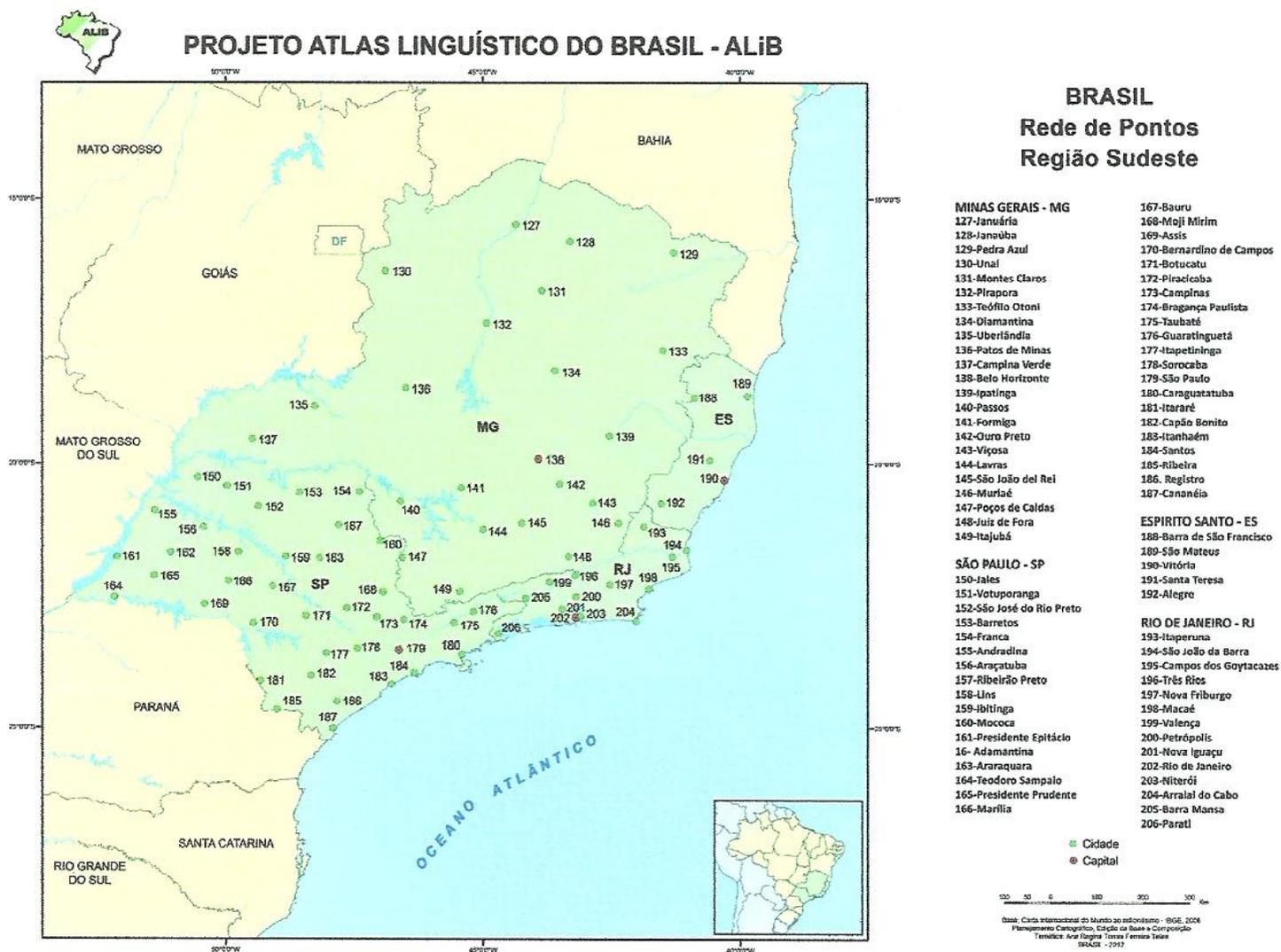
Mapa 02— Rede de pontos do ALiB na Região Norte



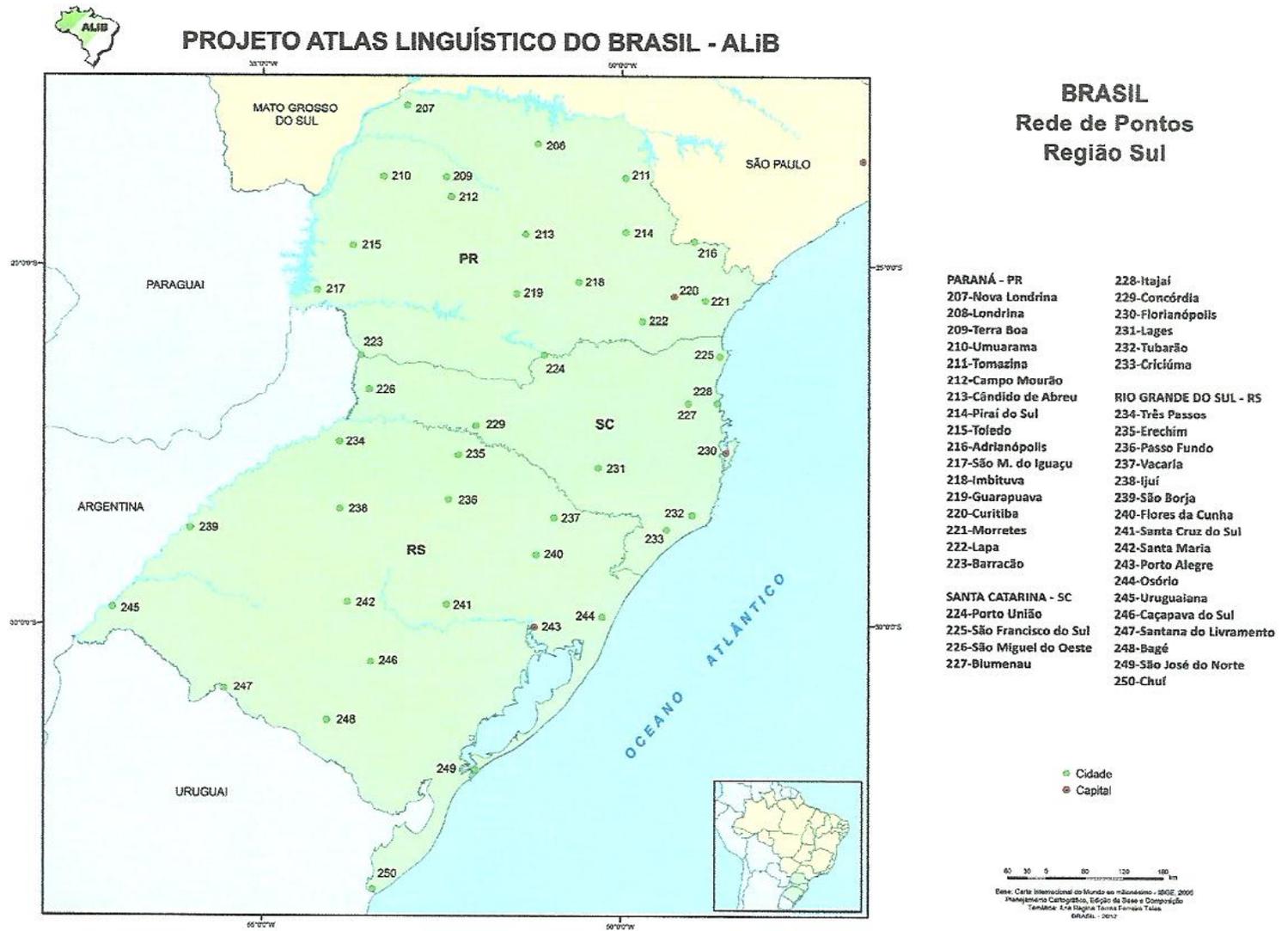
Mapa 03 – Rede de pontos do ALiB na Região Nordeste



Mapa 04 – Rede de pontos do ALiB na Região Centro-Oeste



Mapa 05 – Rede de pontos do ALiB na Região Sudeste



Mapa 06 – Rede de pontos do ALiB na Região Sul

ALiB - Projeto Atlas Linguístico do Brasil

Instituto de Letras - UFBA
Rua Barão de Jeremoabo, 147 - Ondina
40170-115-Salvador-Bahia-Brasil
Tel. (71) 3283-6236/Fax: (71) 3283-6208
alib@ufba.br / alib.ufiba@gmail.com
www.alib.ufba.br

EDITORA E GRÁFICA VENTO LESTE

Rua General Labatut, 94, Barris, Salvador-BA
edtventoleste@hotmail.com
71 3328-0820/ 3011-3993

Documentos 4 reúne, num conjunto de caráter informativo, o texto do Projeto, na sua versão de 1999, com notas explicativas e/ou de complementação da informação da responsabilidade dos organizadores, e os instrumentos metodológicos utilizados no trabalho. Assim, constam da publicação:

- (1) Projeto Atlas Linguístico do Brasil – versão 1999.**
- (2) Instrumentos metodológicos** — Ficha da localidade, Ficha de informante, Questionários, Quadro de Controle de aplicação do questionário.
- (3) Rede de Pontos do Projeto ALiB com os seguintes dados:**
 - Quadro de localidades com ano de aplicação dos inquéritos.
 - Mapa 01 – Rede de pontos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB).
 - Mapa 02 – Rede de pontos do ALiB na Região Norte.
 - Mapa 03 – Rede de pontos do ALiB na Região Nordeste.
 - Mapa 04 – Rede de pontos do ALiB na Região Centro-Oeste.
 - Mapa 05 – Rede de pontos do ALiB na Região Sudeste.
 - Mapa 06 – Rede de pontos do ALiB na Região Sul.